

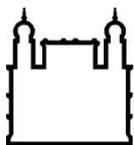
MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Mestrado em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde

SAÚDE EMOCIONAL: GÊNERO E GESTÃO ESCOLAR

JULIANA SOARES DIONÍSIO

Rio de Janeiro
Maio de 2020



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

JULIANA SOARES DIONÍSIO

Saúde Emocional: Gênero e Gestão Escolar

Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pires de Queiroz.

RIO DE JANEIRO

Maio de 2020

Dionísio, Juliana Soares .

Saúde emocional: gênero e gestão escolar / Juliana Soares Dionísio. - Rio de janeiro, 2020.

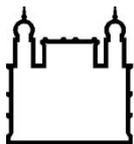
175 f.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2020.

Orientador: Paulo Pires de Queiroz.

Bibliografia: f. 73-76

1. Gênero. 2. Saúde emocional. 3. Gestão escolar. 4. Inclusão. 5. Papéis de gênero. I. Título.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

JULIANA SOARES DIONÍSIO

SAÚDE EMOCIONAL: GÊNERO E GESTÃO ESCOLAR

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Pires de Queiroz

Aprovada em: 15/05/2020.

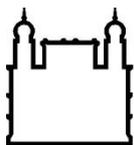
EXAMINADORES:

Profa. Dra. Clélia Christina Mello Silva Almeida da Costa - Presidente (IOC/PGEBS)

Profa. Dra. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira- Membro I (UFF-RJ)

Profa. Dra. Alice Akemi Yamasaki- Membro II (UFF-RJ)

Rio de Janeiro, 15 de maio de 2020.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Anexar a cópia da Ata que será entregue pela SEAC já assinada.

Dedico este trabalho a Deus, por seu amor e por me proporcionar novos começos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha família e amigos por estarem sempre presentes nos bons e maus momentos. À minha amada mãe, Carmelita, por ser meu aporte e por me fazer acreditar em meio aos dias mais escuros. Ao meu amado pai, Rosalino Paulo Dionísio, meu mentor, amigo e incentivador. Ao meu amado padrasto Carlos, por todo amor, cuidado e abnegação. Vocês são minha base e fundamento. Agradeço a Deus todos os dias pela existência de vocês.

Aos meus avós Maria e Antônio por tanto amor, cuidado e incentivo. Amo e sinto falta de vocês todos os dias.

Aos meus irmãos, Rafaela e Felipe pelo apoio e amor incondicional. Aos meus sobrinhos, Cadu e Giovana, por trazerem leveza e alegria para minha vida.

À minha cunhada Zilene e meu cunhado Eduardo, pelo apoio e amor.

Às irmãs Thamires e Mariana por todo apoio, por chorarem minhas lágrimas e sorrirem meus sorrisos.

Amo cada um de vocês! Obrigada por tudo!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Pires de Queiroz, por acreditar em mim, e por viver e promover uma educação emancipatória. Você é um exemplo e meu espelho profissional. Obrigada pelas aulas de excelência e por sempre me orientar com amor para a carreira acadêmica, e para a vida. Obrigada por tudo!

À banca examinadora. Obrigada por avaliarem e contribuírem para a finalização deste trabalho.

Aos/as colegas de grupo de pesquisa- NESED, gratidão pelo apoio e por compartilharem suas vidas e saberes.

À comunidade escolar onde esta pesquisa foi desenvolvida. Obrigada por abrirem suas vidas e experiências, possibilitando o desenvolvimento deste trabalho.

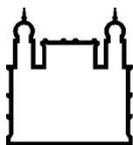
À Fiocruz, ao programa de pós-graduação EBS. Obrigado por possibilitarem e facilitarem a realização deste trabalho.

Aos/as professores da Fiocruz, por tantas contribuições, reflexões e excelência nas aulas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo auxílio financeiro.

“Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem.”
(BELCHIOR, 1976)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

SAÚDE EMOCIONAL: GÊNERO E GESTÃO ESCOLAR

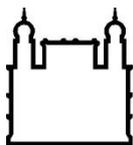
RESUMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Juliana Soares Dionísio

A definição de saúde passou a ser mais complexa ao longo dos anos, contemplando toda a magnitude da vida. Ao observar a humanidade, é possível identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e nesta perspectiva, acredita-se que verossímeis processos de submissão feminina estão sendo vividos na escola básica. Nesse cenário, não tem sido poucas as mulheres a apresentarem distúrbios emocionais. Diante do exposto, nasce a questão norteadora deste trabalho: de que forma as questões relacionadas ao gênero podem contribuir para elevar a incidência de problemas emocionais em uma escola básica do Rio de Janeiro? O objetivo desse estudo é analisar possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas no corpo docente e discente. A proposta compreende um estudo de caso, adotando como estratégia: a realização de entrevistas semiestruturadas com professores/as, funcionários/as, alunos/as; o desenvolvimento de oficinas pedagógicas; a coleta de documentos que regulam a vida dos sujeitos no campo; a observação livre e o registro em diário de campo. Como instrumento de análise, utilizou-se a triangulação de dados. Os resultados apresentados apontam para uma profunda influência das questões de gênero no âmbito da escola, sem que os indivíduos participantes da pesquisa tenham clareza sobre esta ingerência. Identificou-se ainda, o influxo dessa estrutura sobre a promoção de saúde e doença. Percebeu-se uma significativa dificuldade na compreensão do significado do conceito de gênero e sua influência na vida como um todo. A análise dos dados indicou a necessidade de mecanismos que esclareçam, façam refletir e promovam ações que visem dirimir as desigualdades nas relações de gênero dentro dos espaços escolares, levando em conta a capacidade socializadora e emancipatória destes locais. Ademais, este trabalho almejou contribuir para reflexões acadêmicas e escolares profícuas acerca da temática.

Palavras-chave: Gênero; gestão escolar; saúde emocional.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

EMOTIONAL HEALTH: GENDER AND SCHOOL MANAGEMENT

ABSTRACT

MASTER DISSERTATION IN ENSINO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Juliana Soares Dionísio

The definition of health has become more complex over the years, covering the entire magnitude of life. By observing humanity, it is possible to identify what distinct roles are expected of men and women, and in this perspective, it is believed that credible processes of female submission are being experienced in primary school. In this scenario, there have been many women with emotional disorders. Given the above, the guiding question of this work is born: how can gender-related issues contribute to raising the incidence of emotional problems in a basic school in Rio de Janeiro? The aim of this study is to analyze possible regularities between the hierarchical roles socially attributed to men and women and the incidence of psychic illnesses in the faculty and students. The proposal comprises a case study, adopting as a strategy: conducting semi-structured interviews with teachers, employees, students; the development of pedagogical workshops; the collection of documents that regulate the life of the subjects in the field; free observation and recording in a field diary. As an instrument of analysis, data triangulation was used. The results presented point to a profound influence of gender issues within the school, without the individuals participating in the research being clear about this interference. The influence of this structure on health and disease promotion was also identified. There was a significant difficulty in understanding the meaning of the concept of gender and its influence on life as a whole. Data analysis indicated the need for mechanisms that clarify, reflect and promote actions that aim to resolve inequalities in gender relations within school spaces, taking into account the socializing and emancipatory capacity of these places. Furthermore, this work aimed to contribute to fruitful academic and school reflections on the theme.

Keywords: Gender; school management; emotional health.

SUMÁRIO

RESUMO	XII
ABSTRACT	XIII
1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa	11
1.2 O Estado da Arte	15
2. OBJETIVOS	19
2.1 Objetivo Geral	19
2.2 Objetivos Específicos	19
3. REFERÊNCIAL TEÓRICO	20
3.1. Saúde e suas concepções	20
3.2. Gênero	25
3.2.1 Gênero e Trabalho: a divisão sexual do trabalho	28
3.3. Gênero e educação: o papel da escola	30
3.4. Saúde, Gênero e escola.....	31
4. MATERIAL E MÉTODOS	33
4.1 Natureza da Pesquisa	33
4.2 Campo da pesquisa	34
4.3 Sujeitos da Pesquisa	35
4.4 Estratégia Metodológica.....	37
4.5 Produtos e Produções do Mestrado	45
4.5.1 Rodas de conversa e Violência de gênero	45
4.5.2 Semana de valorização da Mulher	45
4.5.3 Artigos Produzidos	46
4.5.4 Apresentações em Congressos	46

5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	47
5.1	Caracterização dos participantes	48
5.2	Oficinas Pedagógicas	49
5.3	Análise e registro em diário de campo	51
5.4	Coleta Documental	58
5.5	Entrevistas estruturadas	60
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
	ANEXOS	77
	APÊNDICES	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Complexo da Pedreira	136
Figura 2 Morro da Pedreira	136
Figura 3- Mural ‘Sim! Nós Podemos!!!’	137
Figura 4- Mural ‘Dia Internacional das Mulheres’	137
Figure 5 Triangulação de Dados	138

LISTA DE TABELAS

Table 1. Revisão de Literatura.....	16
-------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIAIQ	Congresso Íbero-Americano de Investigação Qualitativa
GE	Gestão Escolar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PPP	Projeto Político Pedagógico
PS	Papeis Sociais
PE	Papel da Educação
S	Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está situada na intersecção de temas de grande relevância no cenário social atual: gênero, saúde e educação. Nestes termos, esta investigação se configurou. No pós-guerra, em 1948, a Organização Mundial de Saúde- OMS- estabeleceu como 'saúde' o completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou incapacidade num organismo específico (SCLIAR, 2007). A definição de saúde passou a ser bem mais complexa, a contemplar toda a magnitude da vida humana, a plenitude das modalidades que compõem a existência de homens e mulheres.

Se a concepção tradicional admite o bem-estar como um estado pleno e imutável de saúde física, a alternativa proposta pela OMS vislumbra o bem-estar como um fenômeno sempre aberto a transformações, promovidas por interações entre fatores emocionais, sociais, físicos, ambientais, espirituais e intelectuais. A partir desta premissa, a promoção da saúde se tornou o foco de muitos debates sociais e acadêmicos.

Debruçados sobre o conceito da OMS, é que nos deparamos com as questões de gênero e seu impacto na vida das pessoas. Ao observarmos a história da humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e no caso destas últimas, devido a construções sociais e processos históricos, foi reservado um papel hierárquico inferior ao papel masculino.

Desse modo, foram utilizadas abordagens biológicas, psicológicas, sociológicas, culturais e religiosas para fundamentar a argumentação da subjugada identidade feminina como algo intrínseco a qualquer integrante deste gênero. E o exercício desta supremacia ocorre, na maioria das vezes, tacitamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a submissão feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres, como afirmam pensadores/as como Pierre Bourdieu (2017; 2011) , Michel Foucault (1979), Simone de Beauvoir (1960ab) e vários/as outros/as. Esses processos tendem a se multiplicar no cotidiano social, inclusive nas instituições educacionais.

Em nossa perspectiva, acreditamos estar vivenciando e observando processos de submissão feminina em nosso exercício profissional na escola básica. Trabalhando

há anos em uma escola básica do Rio de Janeiro, no bairro Pavuna, percebemos que não eram poucos os relatos de mulheres apresentando distúrbios emocionais.

Haveria alguma correlação entre os fenômenos? Em especial, de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito desta escola? Esta é uma questão que nos inquieta, incomoda e encoraja a problematizar as relações de gênero na escola sob o prisma do bem-estar. Nesse sentido, esta pesquisa almeja investigar como o poder simbólico, exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional de mulheres e homens atuantes na escola.

Para tal, o estudo visa analisar possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas no corpo docente e discente da escola. Em específico, o trabalho mira os seguintes objetivos: (1) Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de stress da/na escola e (2) Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano desta unidade escolar. A proposta, que compreenderá um estudo de caso busca contribuir para reflexões acadêmicas e escolares profícuas acerca da temática.

Para o alcance dos objetivos supracitados, utilizaremos de 5 estratégias metodológicas, a saber:

- 1) Realização de entrevistas individuais semiestruturadas com professores/as, funcionários/as, alunos/as e equipe de direção;
- 2) Observação do cotidiano escolar e registro em diário de campo;
- 3) Oficinas pedagógicas;
- 4) Análise documental;
- 5) Triangulação de dados.

Através da técnica da triangulação de dados (TRIVIÑOS, 1987) será possível realizar o cruzamento das informações produzidas pelos documentos reguladores do meio onde a atuação dos sujeitos da pesquisa se desenvolve, dos depoimentos e percepções recolhidos através das entrevistas estruturadas e oficinas pedagógicas, e

das leituras de teorias sobre as estruturas sociais. Deste modo, se tornará factível a consecução dos objetivos desta pesquisa.

Os movimentos desta obra consistirão, além da introdução, em mais seis capítulos. No primeiro capítulo, trataremos da justificativa deste trabalho, apresentando algumas informações e peculiaridades sobre o campo de estudo onde esta pesquisa se concentra, além de nossa trajetória profissional, que possibilitou a construção da proposta desta investigação.

No segundo, serão apontados os objetivos de pesquisa. Logo após, no terceiro capítulo abordaremos o referencial teórico, elaborado a partir dos conceitos pilares deste trabalho:

1. Saúde e suas concepções- onde apresentaremos um breve histórico sobre a construção do conceito de saúde e o debate instaurado com a designação estabelecida pela Organização Mundial de Saúde no ano de 1948, utilizando para este momento autores como Moacyr Scliar (2007), Almeida Filho (2000; 2011), Georges Canguilhem (2009) e Iolanda Galinha (2005);
2. Gênero- onde, a partir das teorias de Simone de Beauvoir (1960), Pierre Bourdieu (2017; 2011), Jussara Brito (2005), Louis Althusser (1985), Danièle Kergoat (2012), serão apresentadas as principais ideias acerca do conceito e suas implicações na divisão sexual do trabalho.
3. Gênero e educação: o papel da escola- que tratará da dicotômica função da escola, enquanto mecanismo socializador e emancipatório, embasada nas teorias de Paulo Pires de Queiroz (2018) e Guacira Lopes Louro (2008).

Em seguida, especificaremos as estratégias metodológicas adotadas, através do capítulo quatro. Discorreremos sobre a natureza da pesquisa, os critérios de escolha do campo e dos sujeitos desta investigação. Serão especificadas ainda, as seleções e os instrumentos metodológicos utilizados no desenvolvimento deste trabalho. Apontaremos ainda, os produtos e produções que se desdobraram a partir desta pesquisa.

No capítulo cinco serão apresentados os resultados e a discussão. No sexto capítulo traremos nossas considerações finais. Por fim, seguirão as referências bibliográficas, anexos e os apêndices. O conteúdo destes dois últimos, está dividido

em: Anexo (1) Termo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Apêndice (1) Termo de Consentimento/ Assentimento Livre e Esclarecido; (2) Roteiro de entrevista; (3) Relato das Oficinas Pedagógicas; (4) Quadro esquemático com as principais respostas das entrevistas semiestruturadas (5) Fotos do complexo de favelas da Pedreira; (6) Fotos dos produtos e produções da pesquisa; (7) Figura Triangulação de Dados; (8) artigos produzidos..

1.1 Justificativa

Nesse momento, passaremos a descrever nossa experiência ao longo de oito anos de trabalho em escolas da rede básica do Rio de Janeiro, sendo seis destes anos alocados em uma mesma unidade. Construímos a proposta de pesquisa a partir dessa trajetória tendo em vista as potencialidades do problema abordado para o debate acadêmico.

No ano de 2011 ingressamos na área da educação em uma escola da rede básica de ensino. Em 2012, fomos dispostos em uma escola no complexo de favelas da Pedreira- no Bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro, onde presenciamos diversas situações típicas das escolas situadas em comunidades carentes. Violência, drogas, tráfico, confrontos armados e ameaças, fizeram parte de nossa jornada no território.

Presenciamos traficantes armados nos portões da escola, no horário de entrada dos alunos; projéteis de bala em sala de aula, quadra e estacionamento; inúmeros tiroteios que interrompiam as aulas, e nos obrigavam a abrigar as crianças nos espaços menos expostos da unidade; policiais armados adentrando a comunidade e protegendo-se nos muros da escola; criminosos escondidos da polícia nas dependências da mesma.

Eram comuns os relatos de alunos/as, que davam conta da violência, que os/as mantinha reféns e inertes. Como quando uma ex-aluna, por espalhar um boato referente à família de um traficante, foi conduzida à outra favela da mesma facção criminosa¹ e torturada com tiros de arma de *paint-ball*, além de ter seus cabelos raspados, no término dessa ocasião². O caso ganhou grande notoriedade, através de

¹ As comunidades pobres do Rio de Janeiro estão divididas entre comandos criminosos rivais. Estes, dominam territórios pobres e pouco assistidos pelo poder público através de poderio bélico, disputando estas regiões entre si.

² Reportagem disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/video-mostrajovemsendo-torturada-em-favela-na-zona-norte-do-rio-14036413.html>>. Acesso em 08/02/2019.

filmagem e divulgação do mesmo em redes sociais, realizadas pelos próprios traficantes.

A vivência de situações de violência extrema, não foi exclusividade das crianças da escola, mas experimentadas também por funcionários/as e professores/as, como apresentado no relato de uma docente, que teve o carro onde estava com outros colegas, alvejado por tiros, pois traficantes acreditavam que os/as mesmos/as haviam descumprido uma ordem emitida por eles para que a escola fosse fechada. Este fato foi exposto em umas das diversas conversas informais que aconteciam na sala dos/as professores/as.

No decorrer dos anos de trabalho, pudemos observar inúmeros/as funcionários/as da escola apresentando distúrbios psíquicos, em especial stress. O surgimento de tais morbidades era justificado, a princípio, pela realidade conflituosa na qual a escola estava inserida. No entanto, ao direcionarmos o olhar sobre a questão de forma mais minuciosa, percebemos que muitos casos de problemas emocionais desenvolvidos naquele espaço eram correlatos às funcionárias do gênero feminino.

Deparamo-nos, por conseguinte, com a realidade de servidoras fazendo uso indiscriminado de medicamentos controlados por receituário médico: como antidepressivos, ansiolíticos e calmantes. Presenciamos ainda, diversos episódios de crises nervosas por parte de professoras e funcionárias, sendo por vezes necessário, o abandono temporário do local de trabalho para gerenciamento dessas problemáticas. Hoje, no quadro profissional da escola, quatro dos/as onze professores/as estão em tratamento psiquiátrico, fazendo uso de medicação, fora algumas funcionárias de limpeza e secretaria que apresentam o mesmo quadro, todas do gênero feminino.

É certo que a escola está inserida em um contexto conflituoso, onde disputas armadas pelo domínio do território são travadas constantemente entre traficantes e policiais. O colégio localiza-se em uma das comunidades com mais alto índice de violência e vulnerabilidade social do Rio de Janeiro- a favela da Pedreira, na Pavuna- uma realidade que isoladamente propiciaria o desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Entretanto, não cremos que a incidência desses tipos de moléstias sejam um fato somente atribuível ao ambiente socioespacial em que a escola se insere. Em nosso ponto de vista, a dinâmica das relações de gênero dentro da instituição pode ter uma significativa influência nesse quadro de mal-estar.

Papeis sociais diferenciados são atribuídos a homens e mulheres- papéis de gênero, e podem impactar a saúde de ambos diversamente. Mecanismos de poder simbólico³ que regem, legitimam e representam as relações sociais tendem a conferir ao campo masculino as posições e as recompensas características da autoridade, da liderança, da atividade e da criatividade. Sobre as mulheres pesaria o papel da subalternidade e da passividade, nos espaços doméstico e público (BOURDIEU, 2017).

Uma possível hipótese de resposta à pergunta de partida desta investigação, é que uma estrutura como tal, favoreça a manifestação de distúrbios psíquicos nas mulheres que, em alguns casos, podem motivar o desenvolvimento de doenças físicas. Os agravos à saúde feminina podem, pois, ser resultantes da contínua naturalização, por meio de práticas e imaginários sociais, de uma suposta inferioridade inerente à mulher, e é importante problematizar como essa cadeia de fenômenos se processa na instituição escolar.

Atendo-nos apenas às professoras da escola, algumas afirmaram em conversas informais, que seus problemas de saúde começaram quando foram trabalhar no local e outras, que tiveram seus problemas psíquicos intensificados após serem alocadas na unidade escolar. Segundo outras professoras, os homens da escola receberiam privilégios de tratamento que não são dispensados às mulheres, como o abono de faltas em maior quantidade que das mulheres, tolerância com atrasos e solicitações de dispensa, além de menor cobrança quanto à produtividade e resultados. Em geral parece existir entre elas, a ideia de que seus problemas psíquicos são desencadeados pelas pressões impostas. Presenciamos diversas professoras solicitarem a mudança do local de trabalho, alegando não conseguirem gerenciar às exigências dispensadas a elas.

A título de ilustração, tomamos conhecimento do caso de uma professora que desenvolvera síndrome do pânico, e por este motivo não se apresentou à escola para o exercício de suas atividades. Como a doença só seria diagnosticada tempos mais tarde, a ausência naquela ocasião não lhe foi abonada. Este fato pôde ser constatado através do levantamento nas folhas de ponto dos/as funcionários/as da escola.

³ Relação Social extraordinariamente ordinária que oferece ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado. (BOURDIEU, 2017)

De acordo com sua avaliação médica, a síndrome havia se desenvolvido em resposta às cobranças excessivas no trabalho e a violência extrema do entorno da escola. A mesma já havia presenciado diversos tiroteios e vivido situações de alto risco no local. Faltas não justificadas podem acarretar prejuízos funcionais, como a perda do “14º Salário”⁴ e de outras vantagens pecuniárias. Devido à falta injustificada, a professora deixou de receber os referidos benefícios. Alguns meses depois, outro professor do gênero masculino teve diversas faltas abonadas sem apresentar justificativa, e obteve o usufruto dos benefícios, negados à professora.

Presenciamos inúmeras situações em nosso exercício profissional, que não se restringiam apenas ao quadro funcional da escola, mas que incluíam o alunado. Certa vez, um grupo de alunas procurou-nos para relatar que uma delas havia sido assediada por um dos entregadores da empresa fornecedora da merenda escolar. Ela afirmou que foi tocada em suas partes íntimas, enquanto a entrega da merenda estava sendo realizada. Este procedimento não era controlado, ocorria inclusive, no horário do recreio escolar quando todas as crianças se encontravam no pátio da unidade.

Ao encaminhar as meninas à direção, foi-lhes questionado se em algum momento haviam tido alguma postura que encorajasse tal atitude. Mais tarde, a diretora adjunta da unidade justificou tal questionamento com a afirmativa de que por vezes, as alunas “provocavam” os entregadores. As adolescentes possuíam entre 12 e 14 anos. Uma reclamação informal foi feita junto aos responsáveis da empresa, contudo nenhuma atitude foi tomada com relação ao funcionário que assediou a aluna.

Observamos constante reclamação por parte da direção da escola com relação ao uso de maquiagem- particularmente o batom de cor vermelha. Certa vez, a queixa foi direcionada aos pais e responsáveis. Na ocasião, foram utilizadas palavras de calão para designar alunas que faziam uso de tal pintura. Homens e mulheres são educados para desempenharem papéis específicos em nossa sociedade, e esta polidez é iniciada desde a mais tenra infância. Na construção da feminilidade, espera-se a adoção de uma postura dócil, subserviente e discreta, e o uso do batom vermelho no caso relatado, estaria sendo enxergado como uma atitude transgressora, extravagante, “chamativa” e, portanto, completamente inapropriada à regra social, tornando-se digna de rechaço, de ser repelida.

⁴ Este benefício foi revogado no ano de 2018 com a assunção de um novo governo.

1.2 O Estado da Arte

A temática dessa investigação- saúde, gênero e escola- encontra significativa relevância científica, ao buscar dirimir a lacuna existente nesse campo de estudo. Realizamos um levantamento virtual de artigos, livros, capítulos e produções acadêmicas escritas em língua portuguesa nos últimos cinco anos, através do Google Acadêmico, na busca por trabalhos que abordassem essas questões em específico (ALVES, 1992). Para isso, utilizamos expressões como “Saúde/Papéis sociais/Gestão escolar/Papel da educação/Concepções de saúde/Educação em gênero/gênero”. Do ano de 2015 a fevereiro de 2020, encontramos uma produção de 33.174 trabalhos que arrazoavam essas temáticas, como ilustrado na tabela abaixo:

Tabela 1. Revisão de literatura

Quantidade de publicações por noções relacionadas ao tema da pesquisa (trabalhos em língua portuguesa)- GOOGLE - 03/02/2020							
NOÇÕES	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Saúde (S)	171000	174000	149000	101000	82800	4530	682330
Papeis Sociais (PS)	34400	34300	32400	30200	26600	917	158817
Gestão Escolar (GE)	31600	34600	33800	32500	27600	856	160956
Papel da Educação (PE)	73400	73600	68600	52600	43400	2930	314530
INTERSECÇÃO ENTRE AS NOÇÕES	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
S/PS	24200	25200	24800	24000	20800	519	119519
S/GE	22400	24300	24200	23800	20500	507	115707
S/PE	60800	64600	58400	48400	42100	1730	276030
PS/GE	15700	15800	16200	16300	16500	584	81084
PS/PE	17900	18700	19100	19100	18000	596	93396
GE/PE	26400	28500	28300	27300	23300	601	134401
S/PS/GE	15200	15400	15500	15600	15400	366	77466
S/PS/PE	16100	16700	17100	17100	16000	376	83376
S/GE/PE	19500	21200	21200	21100	17500	366	100866
PS/GE/PE	10900	11500	11700	11400	8040	115	53655
S/PS/GE/PE	8430	9080	9210	9010	6850	116	42696
CAMPO (conceitos da pesquisa)	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Saúde/Concepções de saúde	27100	28200	27600	26000	22700	632	132232
Saúde/Educação em gênero	33400	36200	35200	33900	28900	942	168542
Saúde/Gênero	43500	46000	42800	40200	34200	1370	208070
Papéis Sociais/Concepções de saúde	21400	22300	22700	22700	20700	979	110779
Papéis Sociais/Educação em gênero	23900	25400	26200	27000	23700	1030	127230
Papéis Sociais/Gênero	21000	22400	22700	22800	19500	479	108879
Gestão Escolar/Concepções de Saúde	14900	16300	16400	16500	14100	288	78488
Gestão Escolar/Educação em gênero	15400	16700	17000	17300	14300	307	81007
Gestão Escolar/Gênero	15900	17200	17500	17800	14800	322	83522
Papel da Educação/ Concepções de Saúde	30200	32200	32200	31000	27000	859	153459
Papel da Educação/Educação em gênero	39300	43100	42100	39600	33300	1120	198520
Papel da Educação/Gênero	39200	43100	42000	39800	33300	1120	198520
Saúde/Papéis sociais/Gestão escolar/Papel da educação/Concepções de saúde/Educação em gênero/gênero	6400	7150	7190	6980	5380	74	33174
Trabalhos que abordam a temática	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Produções	28	32	30	18	15	8	131
Aprofundamento da temática	6	8	10	7	5	1	37

Demos início a recolhida, estabelecendo noções que compõem o tema de nossa investigação: Saúde (S), Papeis Sociais (PS), Gestão escolar (GE), Papel da Educação (PE). Procuramos na base de dados do Google Acadêmico artigos que citassem essa temática nos últimos cinco anos. Separamos o quantitativo por ano e fizemos ao fim, seu somatório. Num segundo momento, fizemos uma intersecção das noções e verificamos o quantitativo de trabalhos por ano, somando no final, a quantidade total de produções, como anteriormente.

Nosso terceiro passo foi realizar um cruzamento dos conceitos que ancoram essa pesquisa. Buscamos por trabalhos que citassem as combinações de dois

conceitos por vez, nos últimos cinco anos. Fizemos o somatório de todos ao final. O quarto passo, se delimitou pela busca de trabalhos que citassem todos os conceitos. Como observado na última linha da tabela, a busca resultou em 6.400 escritos no ano de 2015, 7.150 no ano de 2016, 7.190 no ano de 2017, 6.980 no ano de 2018, 5.380 no ano de 2019 e 74 até fevereiro de 2020. A soma desses quantitativos resultou em 33.174 trabalhos produzidos. Essa busca foi realizada entre as datas do dia 01 de janeiro de 2015 à 03 de fevereiro de 2020.

Ao consultarmos os temas, resumos, conclusões e bibliografias dessas produções, na busca por trabalhos que abordassem a mesma temática de nossa investigação, percebemos uma redução significativa destes números. No ano de 2020, dos oito trabalhos que tratam da temática, apenas um trazia o aprofundamento e intersecção dos conceitos de saúde, gênero e escola. No ano de 2019, dos 15 trabalhos que tratavam da temática, tivemos um aprofundamento de cinco. Em 2018, das 18 produções, apenas sete se aprofundavam. Em 2017, dos 30 trabalhos, apenas dez. Em 2016, dos 32 trabalhos, apenas oito. Em 2015, dos 28 apenas seis se aprofundavam. Através desse levantamento, constatamos que em cinco anos, apenas 37 trabalhos, que se aprofundavam nos conceitos de nossa investigação, foram publicados e disponibilizados em língua portuguesa no Google Acadêmico.

As bibliografias utilizadas nos trabalhos, apontavam para o uso prioritário das teorias de gênero, educação e saúde de Michael Foucault, Guacira Lopes Louro, Helena Hirata, Minayo e Triviños. Percebemos que as discussões dos trabalhos centravam-se nos aspectos da homofobia intrínseca no discurso contra a abordagem de questões de gênero nas escolas; o consumo de drogas entre os estudantes profundamente relacionado à construção do papel de gênero masculino; a necessidade de uma formação continuada em gênero, para que os professores estejam preparados para trabalhar a questão nas escolas; a visão heteronormativa regendo as relações dentro e fora da escola; religião como fator inibidor da desconstrução de paradigmas e das questões de gênero.

Nesse sentido, encontra-se a relevância do recorte de nossa pesquisa, a lacuna encontrada no campo, na abordagem das questões de gênero como engendradoras de morbidades emocionais no âmbito escolar. Nossa investigação, busca abranger não apenas professores/as no universo investigado, mas outros nichos que compõem a comunidade escolar, como alunos/as, professores/as e funcionários/as, por entendermos que as questões relacionadas ao gênero perpassam a vida de todos.

Acreditamos que a escola possa ser um espaço de reprodução e naturalização da submissão feminina e dominação masculina, que se manifesta, sistematicamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam todo esse sistema socialmente “natural”, “aceitável” e “desejável”, até mesmo pelas próprias mulheres. E é nesse sentido que procuramos refletir, sob a ótica da pesquisa social, acerca de um quadro que acreditamos estar vivenciando em nossa experiência profissional na escola básica. Com efeito, propomos a investigação tendo presente estes pressupostos.

Passaremos ao capítulo dois, onde apresentaremos os objetivos de nosso trabalho, traçados de modo a tornar possível encontrar resposta à questão norteadora desse trabalho: de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito de uma escola da rede básica de ensino do Rio de Janeiro?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas num corpo docente e discente escolar.

2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de stress da/na escola;
2. Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano de uma unidade escolar da rede básica de ensino do Rio de Janeiro.

3 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentadas as principais ideias sobre os conceitos pilares deste trabalho: Saúde, gênero e educação. Primeiramente discutiremos sobre as principais concepções de 'saúde' e 'doença' ao longo da história, propondo por fim, uma reflexão sobre o debate vigorado a partir da designação de 'saúde' pela Organização Mundial de Saúde- OMS, em 1948. Autores como Moacyr Scliar (2007), Almeida Filho (2000; 2011), Georges Canguilhem (2009) e Iolanda Galinha (2005), serão utilizados para discutir essas transformações históricas.

Em segundo, serão apresentadas as principais ideias acerca de gênero e suas implicações na divisão sexual do trabalho. Para este momento, serão utilizados autores como Simone de Beauvoir (1960), Pierre Bourdieu (2017; 2011), Jussara Brito (2005), Althusser (1985), Kergoat (2012).

Por fim, trataremos do papel dicotômico da escola enquanto instituição socializadora e emancipatória, além de sua fundamental participação e contribuição para o debate sobre promoção de saúde a partir de questões de gênero. Para tanto, serão utilizados autores como Paulo Pires de Queiroz (2018) e Guacira Lopes Louro (2008).

3.1 Saúde e Suas Concepções

A noção de saúde ganhou inúmeras configurações ao longo dos anos. Historicamente, adquiriu significados diferenciados de acordo com a cultura e costumes de determinados povos. Fatores como economia, religião, classe, dentre outros, possuíram grande relevância na designação deste conceito em cada sociedade. No passado, refletir sobre saúde era apenas considerar o aspecto físico do indivíduo, e as possíveis doenças que o acometeriam neste âmbito. Com o passar dos séculos, as contribuições de inúmeros campos de saber, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, trouxeram uma nova perspectiva sobre a temática (SCLIAR, 2007).

O próprio conceito de doença sofreu forte influência cultural e religiosa ao longo do tempo. 'Estar enfermo' representava o castigo divino por algum pecado cometido. Este dogma religioso é partilhado por inúmeras crenças, como ressalta SCLIAR (2007,

p. 32) ao discorrer sobre a atividade dos xamãs em sociedades tribais. Este líder religioso era responsável- dentre outras coisas- pela expulsão de maus espíritos, que se apoderavam das pessoas, causando doenças. Outras conjunturas religiosas como o judaísmo e o cristianismo, partilhavam das mesmas crenças.

O adoecimento sempre esteve relacionado à noção de pecado e de descontentamento divino. As moléstias corpóreas eram resultado do castigo de Deus por algum erro cometido. Na Grécia antiga, a questão religiosa também exercia forte influência sobre os processos de adoecimento e cura. Inúmeros deuses estavam diretamente relacionados ao reestabelecimento da saúde. Apesar de considerarem fortemente o âmbito religioso no tratamento de doenças, os gregos utilizavam métodos naturais no combate de moléstias, através da terapia com plantas. Este fato, pode ser considerado um avanço que possibilitou novas aberturas de tratamentos, *a posteriori*.

A concepção de saúde e doença seguiu caminho paralelo no oriente, pois acreditava-se que os seres humanos eram dotados de energias, e que estas, precisavam estar em harmonia para que o corpo estivesse saudável. O desequilíbrio destas forças caracterizava a doença. Nos anos aproximados de 460-377 a.C., a partir das pesquisas realizadas por Hipócrates a noção de doença foi ganhando nova configuração, passando a ser entendida como um desequilíbrio das funções do corpo. O organismo humano era enxergado como uma estrutura harmônica e fluida, e as mazelas eram o desregramento desta fluidez. Vêm dos estudos hipocráticos, as primeiras referências ao meio externo como influenciador da saúde dos indivíduos, ao considerar que fatores ambientais poderiam incidir diretamente sobre o processo de adoecimento do corpo (SCLIAR, 2007).

À medida em o debate em torno de 'saúde' se expandia, concomitante surgiam discussões acerca do conceito de 'bem-estar', se generalizando posteriormente à saúde mental (GALINHA; RIBEIRO, 2005). Suas raízes fundamentam-se no séc. XVIII durante o Iluminismo, que defendia o desenvolvimento pessoal e a felicidade como seus valores centrais.

Nos séculos XIX e XX, desenvolveu-se o pensamento de que a felicidade estaria associada ao social. Uma sociedade que possuísse a capacidade de proporcionar felicidade aos seus cidadãos, era enxergada como mais desenvolvida. Esse pensamento possibilitou algumas reformas sociais e a criação de instituições protetoras, que promoviam o bem-estar social e por consequência a melhoria da

saúde. Estas, fundamentavam-se nos princípios de proteção social, “*a partir do uso de estratégias como caridade, filantropia e políticas sociais*” (SILVEIRA, 2019, p.1).

Ao longo dos séculos nenhum conceito sobre saúde universalmente aceito havia sido concebido. Somente após a segunda guerra mundial e a criação da Organização das Nações Unidas- ONU e da OMS, é que saúde passou a ser designada como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” (SCLIAR, 2007, p. 37; ALMEIDA FILHO, 2000). Neste mesmo período, estabeleceu-se no Brasil, que era do Estado a obrigação da promoção e proteção à saúde.

Somente na década de 1960, impulsionados pelo avanço das instituições protetoras, algumas pesquisas começaram a ser desenvolvidas no campo da ‘qualidade de vida’, território a pouco inaugurado. Isso só se tornou possível, devido à abertura de um novo campo nos estudos sobre ‘bem-estar’. Até aquela década, apenas o conceito de ‘bem-estar material’ havia sido concebido, a partir daquele ponto foram iniciados debates sobre ‘bem-estar subjetivo’ (GALINHA; RIBEIRO, 2005).

Naquele primeiro momento, apenas eram considerados os aspectos biológicos como fundamentais para que um indivíduo fosse considerado saudável. Com a abertura deste último, passaram a ter relevância os aspectos sociais, mentais entre outros, todos comportados nas dimensões cognitivas e emocionais. O conceito tornou-se tão amplo que passou a abranger inúmeros campos de saber, como a psicologia, a sociologia, além da biologia.

Na década de 1970, surgiram novos debates sobre o conceito de saúde. A preocupação da época era a promoção da saúde e o estabelecimento de um novo estilo de vida. A prevenção, e não o combate à doença, estava em voga. Os conceitos de ‘bem-estar’ e ‘saúde’ se associaram, agrupando assim a saúde emocional e mental. Um modelo biopsicossocial emergiu, contemplando uma abordagem holística de saúde, ultrapassando a perspectiva exclusivamente biológica e física, dando continuidade ao debate inaugurado pela OMS em 1948. Inúmeros fatores, como guerras, desastres naturais, questões culturais, dificuldades econômicas, situações psicológicas adversas passaram a configurar como fatores que poderiam incidir sobre a saúde.

O conceito de ‘bem-estar subjetivo’ passou a se configurar no campo da saúde mental, permitindo que áreas como a psicologia investissem em pesquisas que

priorizassem os aspectos positivos⁵ da saúde emocional e mental e não apenas nos fatores desencadeantes de morbidades psicológicas. As investigações apontaram para o desejo das pessoas em alcançarem a felicidade e não apenas evitarem o mal-estar das doenças (GALINHA; RIBEIRO, 2005).

Nas décadas de 1980 e 1990 o conceito de 'bem-estar' foi subdividido entre 'bem-estar psicológico' e 'bem-estar subjetivo'. Àquele estaria relacionado à autonomia, controle do meio, auto aceitação, enquanto este último, abordaria a satisfação do indivíduo com relação à vida e à afetividade. Neste trabalho, trataremos sobre um dos aspectos do conceito holístico de saúde inaugurado pela OMS: a saúde emocional. Levando em conta a visão positiva da saúde mental, entendendo que o ambiente escolar -área onde esta pesquisa se desenvolveu- pode contribuir para o desdobramento desta perspectiva.

Ao observarmos o conceito holístico de saúde estabelecido pela OMS em 1948, nos deparamos com um entrave estrutural desta designação: sua inalcançabilidade. Inúmeros debates foram travados nesta perspectiva, pois se tornou inconcebível a existência de um organismo plenamente saudável, levando-se em conta a instabilidade das variantes internas e principalmente externas, que podem influir sobre este.

Para Canguilhem (2009), esta variabilidade de condições torna impossível o estabelecimento de um limite coletivo entre o normal e o patológico⁶. O extremo entre estes, deve levar em conta as condições individuais de funcionamento biológico e emocional, pois o que é tolerável para uma estrutura, não necessariamente será para outra. Contudo, saúde perpassa pelo aumento da capacidade de resistência e adaptação ao meio, como afirma o autor (CANGUILHEM, 2009, p. 78):

A saúde é um conjunto de seguranças e seguros (o que os alemães chamavam de *Sicherungen*), seguranças no presente e seguros para prevenir o futuro. Assim como há um seguro psicológico que não representa presunção, há um seguro biológico que não representa excesso, e que é saúde. A saúde é um guia regulador das possibilidades de reação. A vida está, habitualmente, aquém de suas possibilidades, porém, se necessário, mostra-se superior à sua capacidade presumida.

⁵ Ramo da saúde mental que busca compreender a razão das pessoas se sentirem felizes e preenchidas. Entendendo que o conceito de Saúde Mental não se limita à ausência de perturbações, mas o caminho para o contentamento e a felicidade (GALINHA; RIBEIRO, 2005, p.209).

⁶ Para o autor os conceitos não são dicotômicos, a relação entre estes não é quantitativa, mas sim qualitativa. A patologia se estabelece na normalidade, obrigando o organismo a criar novas condições de subsistência que o conduzem novamente ao estado de normalidade.

Isso é patente nas reações de defesa do tipo inflamatório. Se a luta contra a infecção obtivesse vitória imediata, não haveria inflamação. Se as defesas orgânicas fossem imediatamente forçadas, também não haveria inflamação. Se há inflamação é porque a defesa antiinfecciosa é, ao mesmo tempo, surpreendida e mobilizada. Estar em boa saúde é poder cair doente e se recuperar, é um luxo biológico.

A isso os estudiosos de Canguilhem chamam de 'normatividade vital': a habilidade que o ser humano (organismo e racionalidade) tem de se adaptar ao meio (físico e social), criando as suas próprias normas.

Neste contexto, podemos refletir também sobre os processos de saúde no trabalho ao pensarmos o conceito de Ergonomia da Atividade, que se designa pela capacidade de adaptação e superação- por homens e mulheres- das condições adversas no ambiente de trabalho (BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p. 318). Esse processo ergonômico é de extrema importância ao refletirmos promoção de saúde nos espaços laborais. Constantemente situações não previstas se apresentam no exercício das atividades de trabalho. O triunfo sobre elas é capaz de produzir sentimentos de segurança, potencialidade e autoestima, que acabam por influenciar diretamente todo o sistema psíquico dos indivíduos. A desordem cria uma nova ordem, permitindo que o sujeito amplie sua capacidade de resistência às condições externas hostis.

Nestes termos, podemos compreender a importância do incentivo desta qualidade nos trabalhadores/as. A Ergonomia da Atividade é de fundamental importância no processo de promoção de saúde no trabalho e no espaço escolar, pois além de contribuir com o amadurecimento emocional e profissional, auxilia no desenvolvimento de um ambiente escolar mais harmônico.

O engessamento das atividades desenvolvidas no espaço de trabalho, produz um ambiente opressor e adoecedor, pois não há espaço para se pensar estratégias que ajudem a dirimir as situações adversas (BRITO *et al.*, 2012). Nesse contexto estrutural rígido, somam-se funções não prescritas ao/a profissional, pois independentemente de estarem institucionalizadas, as situações adversas existem e exigem uma resolução, uma intervenção deste profissional, o que acaba por sobrecarregá-lo, contribuindo com o seu processo de adoecimento.

Entendemos que conceito de saúde não pode ser pensado levando em conta apenas a concepção biológica, as influências internas e externas devem ser consideradas. A saúde deve ser compreendida de forma holística- contemplando todos os aspectos da vida dos sujeitos: físico, emocional, espiritual e social- possibilitando assim, a reflexão sobre possíveis ajustes nos mais diversos âmbitos, que promovam melhorias nas condições de vida como um todo (ALMEIDA FILHO, 2011).

Portanto, diante de todo o debate estabelecido em torno da designação de saúde da OMS, é que a pensamos como um horizonte a ser alcançado. Algo que se possa comparar ao crepúsculo visto à beira mar, de modo a estabelecer um norte, uma direção, sem necessariamente que se chegue a ele, mas que o tenha como parâmetro, como alvo, como uma meta a ser alcançada (SCLIAR, 2007).

Tendo em vista o exposto, trataremos a seguir sobre o conceito de gênero, e sua interferência no processo de promoção da saúde holística.

3.2 GÊNERO

Na atualidade, muitas discussões têm sido travadas em torno do conceito de gênero. Termos como 'ideologia', 'identidade' têm ganhado espaço em debates sobre garantia de direitos, de liberdade, igualdade e equidade. De acordo com nossa perspectiva, muitas delimitações ao tema têm sido difundidas no imaginário social, contribuindo para que o debate não seja ampliado, impedindo avanços na área. No imaginário popular percebemos uma confusa noção sobre o significado do conceito de gênero e seu influxo sobre a vida privada das pessoas. Neste contexto, a palavra está apenas relacionada à questão homossexual e às mudanças de identidade.

Em décadas passadas, alguns campos científicos, como a Sociologia, a antropologia e a Filosofia, já se ocupavam das prerrogativas relacionadas ao tema. Nos anos 60, ao lançar a segunda edição da obra 'O Segundo Sexo: a experiência vivida', a filósofa Simone de Beauvoir coloca em *voga* temas de grande relevância social como patriarcalismo⁷, alteridade, minorias ideológicas, dentre outros. A frase "*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*" (BEAUVOIR, 1960b, p. 9), converteu-se em um marco nas reflexões sobre o conceito de gênero. Na crítica da autora, as

⁷ Sistema social onde os homens detém o poder, o domínio, a liderança.

características biológicas e físicas, típicas do sexo feminino, não são determinantes para sua designação neste grupo, mas sim o papel atribuído na coletividade. A sociedade imbuída de preceitos patriarcais designa parâmetros sobre o que é “aceitável” e “não aceitável” para o papel instituído para a mulher. Aquelas que não se enquadram neste modelo estabelecido socialmente, são excluídas, desrespeitadas e por vezes violadas. O predicativo biológico não é suficiente para designá-las enquanto fêmeas, mas sim e muito mais, o comportamento preestabelecido socialmente.

Nesses termos, o conceito de gênero está designado através de uma construção social, do modo como as relações de distinção e desigualdade são estabelecidas entre homens e mulheres. Ao abordarmos o assunto é de fundamental importância clarificar a profunda relação na construção da feminilidade e da masculinidade. São relações sociais que coexistem, e não deveriam ser pensadas, nem tratadas separadamente. Estão interligadas, através de conexões de poder e submissão, de construções sociais e culturais que não podem ser compreendidas de forma excludente.

A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros*. principalmente, da divisão social do trabalho. (O corpo e seus movimentos, matrizes universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e “motivado”, e assim percebido como quase natural). (BOURDIEU, 2017, pág. 24, 25)

Ademais, o conceito de gênero explica a relação de poder entre os sexos e dá a dimensão social da desigualdade sexual; é uma construção cultural e social categoria relacional, que via a superação do dualismo, a forma como cada cultura trata as distinções entre homens e mulheres através das atribuições colocadas aos sexos, a depender do contexto social no qual estão inseridos. (CRUZ, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2015, p.143)

Em sua reflexão, Beauvoir (1960b) suscita o conceito de alteridade que aclara a supracitada dualidade das relações. A figura masculina assume o papel de dominação, do ser essencial, do Um, enquanto que ao feminino sobra a função de inessencial, de subserviência, do Outro. A autora afirma:

Ela [a mulher] não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como

um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1960b, p. 10)

A mulher estaria para o homem, como um objeto de dominação, existindo para o sexo. Seu corpo como instrumento de domínio, 'coisa' a ser empossada. Bourdieu, em sua análise sobre a dominação masculina, contesta a naturalização e a perpetuação destas condições de existência, considerando-as intoleráveis e inaceitáveis. Para ele, a soberania do homem se fundamenta no processo de violência simbólica⁸, suave e invisível às próprias vítimas, que perpassa por gerações através de uma "extraordinariamente ordinária relação social" (BOURDIEU, 2017, p. 12). O poder simbólico exercido nas relações de dominação é aquele que se estabelece na ignorância de sua existência, contando com a cumplicidade insipiente dos que lhe estão sujeitos e dos que o exercem.

Nas relações de gênero, o masculino sobrepõe-se ao feminino através desta vinculação imperceptível, o que de acordo com a visão marxista, está a desempenhar uma função política, fazendo com que os interesses de uma classe se justaponham à outra, tornando questões particulares, universais (BOURDIEU, 2017). As relações de classe se configuram, portanto, como o arcabouço onde toda a dinâmica de sujeição de um gênero para com o outro, se constitui.

Assim como Beauvoir (1960b), Bourdieu evocou a construção social dos corpos, ressaltando que através de mecanismos naturalizantes e legitimantes, o masculino se superpõe ao feminino. O conceito de virilidade está diretamente associado com o "vir, virtus, questão de honra, princípio da conservação e do aumento da honra" (BOURDIEU, 2017, p. 25), e relaciona-se com a apropriação do corpo feminino, com a potência sexual- naturalizadas como características que tornam o homem, um "homem real". Os órgãos sexuais, femininos e masculinos, não são enxergados em um mecanismo de complementariedade, mas sim, de modo dicotômico, onde o primeiro é visto como vazio, maléfico, nefasto e o inverso do segundo. De acordo com a construção social dos gêneros, o masculino se sobrepõe ao feminino, se apodera dele e o domina. Nesta relação hegemônica, a violência

⁸ Relação Social extraordinariamente ordinária que oferece ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado. (BOURDIEU, 2017)

contra o corpo feminino se justifica, já que este último existe a partir daquele, e para seu completo desfrute.

A construção do conceito de “corpo” é a chave para compreender as raízes do domínio masculino e a construção da identidade social feminina. A identificação das mulheres com uma concepção degradada corporal é instrumento histórico para a consolidação do poder e exploração masculina (FEDERICI, 2017). A mulher é objetificada, coisificada, a posse de si mesma lhe é negada. Existe para servir e ser possuída pelo outro. Na dinâmica capitalista, a ela cabe o papel de reprodutora, de cuidadora, de serva, enquanto a ele, o de produtor, de dominador. Sobre esse princípio, está fundamentada a divisão sexual do trabalho que caracteriza esse modo de produção.

3.2.1 Gênero e Trabalho: a divisão sexual do trabalho

Reproduzir as condições de produção é quase tão importante quanto produzir. Garantir a subsistência da dinâmica capitalista é quase tão importante quanto a aquisição de lucro (ALTHUSSER, 1985). Neste âmbito, as relações de gênero exercem papel primordial ao estabelecerem estereótipos para homens e mulheres que permitam que a estrutura de classes subsista. É fato que esta divisão de papéis não se dá exclusivamente no capitalismo, ganhando diferentes configurações em cada tecido social, contudo nesse sistema, exerce posição basilar na manutenção do poder (KERGOAT, 2009).

A divisão sexual do trabalho existe em função das relações sociais de sexo. Os princípios organizadores desta, são a separação e a hierarquização. Na divisão, encontra-se incutido o valor estrutural de que homens e mulheres devem ocupar posições distintas nas relações de trabalho, em funções que sejam mais adequadas às suas “destinações biológicas”. Nas relações sociais de sexo se estabelece uma hierarquia “natural” entre homens e mulheres, que acaba por refletir no campo do trabalho. Deste modo, se dá a institucionalização desses princípios (KERGOAT, 2009).

A ideologia naturalista é o cerne deste processo. Nesta, o gênero é entendido como uma designação biológica e não uma construção social. Nessa ótica, o destino “natural” do feminino seria o cuidar, o servir, o reproduzir, sem a possibilidade de rompimento com essas funções, considerando apenas algumas modificações. Já as

atividades masculinas estariam vinculadas à produção, à questões políticas, religiosas, militares e etc. Sempre relacionando-se à potência e ao domínio (KERGOAT, 2009). Nessa lógica, ao masculino estaria reservado o papel de liderança, de chefia, enquanto que ao feminino, o de assessoria, de suporte.

Na esfera profissional, é corriqueiro encontrarmos uma incidência maior de mulheres em carreiras na área da educação, da enfermagem, e até telemarketing. Estes campos estariam relacionados diretamente ao “papel biológico da mulher”, como afirma Kergoat (*apud* BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p.

321):

Ou seja, a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se dava em profissões que tinham (ou que passaram a ter) características similares às da esfera doméstica. Evidencia-se, assim, a condição sexuada do mercado de trabalho no qual as características consideradas próprias da “natureza feminina” são desqualificadas simbólica e economicamente a partir da concepção de que expressam apenas “qualidades” femininas (KERGOAT, 1986).

As carreiras mencionadas vinculam-se respectivamente ao cuidado materno, ao servir o/a outro/a e à docilidade e paciência para ouvir e resolver problemas- todas características consideradas inatas às mulheres. No âmbito escolar, há uma distinção na cobrança sobre professoras e professores. Exige-se que elas tenham um melhor desempenho no trabalho, além de um exímio “domínio de turma”. Na ideologia naturalista, este fato pode ser explicado através da questão maternal, já que as professoras- por serem mulheres- estariam mais preparadas para lidar com o processo educacional e disciplinar dos/as alunos/as.

As cobranças internas e externas contribuem para o processo de adoecimento emocional destes profissionais. A estrutura socializadora influi diretamente sobre como a mulher deve ser enxergada e quais incumbências estariam direcionadas a ela. Este mecanismo abre margem para possíveis violências e assédios nos ambientes público e privado, pois o enquadramento do feminino ao papel designado socialmente é de fundamental importância na manutenção e desenvolvimento da engrenagem capitalista.

Ademais, ainda podemos destacar a questão da dupla jornada de trabalho, que se configura na sobrecarga feminina com as atividades domésticas, e no cuidado e amparo emocional dos filhos. Além da atividade profissional, que por vezes, garante

a manutenção econômica da família, à mulher cabe o desempenho majoritário das atividades domésticas. Essa sobrecarga sobre a figura feminina é uma realidade amplamente debatida em pesquisas feministas. Sobre as mulheres recai o sustento e manutenção- em todas as esferas- da estrutura doméstica. A falta de reconhecimento da atuação da mulher na esfera doméstica enquanto atividade de trabalho, vem sendo discutida há algumas décadas por inúmeros campos de saber. A associação das atividades que acontecem no lar às “qualidades inatas da mulher” impossibilita sua chancela enquanto labor, e, por conseguinte, como fator a ser considerado nos processos de adoecimento das trabalhadoras (BRITO *et al.*, 2012).

Em nossa perspectiva, diante do exposto, questões de gênero estão relacionadas e incidindo sobre a vida e saúde de homens e mulheres, dentro e fora da escola. Discutir tão relevante conceito em espaços sociais torna-se de primordial importância na tentativa de promoção da equidade. Nesse sentido, discutiremos abaixo o imprescindível papel da educação para a temática.

3.3 Gênero e Educação: O Papel da Escola

A sociedade capitalista, para atender aos interesses da classe dominante, estabelece e normatiza comportamentos para os sexos. Ela dita o que seria “apropriado” para homens e mulheres e se utiliza de instituições como igreja, escola, família para alcançar seu propósito.

Na sociologia da educação, inúmeros autores como Bourdieu (2011), Louro (2008), Durkheim (2007) refletem sobre os processos de manutenção do poder e reprodução das desigualdades sociais através da escola. Esta deveria existir como um mecanismo de emancipação do indivíduo, possibilitando sua ascensão social e intelectual. Entretanto, através de um sistema complexo de exclusão, as classes privilegiadas perpetuam seu domínio, utilizando-se também das relações de gênero, como modo de estabelecer a hegemonia do masculino, através da vinculação imperceptível no processo de violência simbólica solidificado pelo sistema escolar e demais instituições sociais. Conforme Louro (2008, p. 20):

A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais.

Entretanto, apesar de sua utilização como instrumento de aprisionamento e 'docilização', a escola preserva ainda, sua capacidade de resistência. Ao evocarmos teorias como a educação multicultural inclusiva, crítica, dialógica, fornecemos o aporte para que esta "nova" escola seja estruturada. Pensar uma educação multicultural é pensar uma escola onde as diferenças não apenas coexistem, mas onde são necessárias para a construção de espaços de inclusão. Esta escola, objetiva fortalecer a comunidade, oportunizando a exploração das diferenças, de modo que a diversidade do cotidiano escolar se desenvolva de forma segura e protegida. Alunos e alunas devem encontrar um espaço propício para o reconhecimento e aceitação das diferenças, de modo a contribuir com a desconstrução de arquétipos, e com a interação e compreensão das especificidades do sexo oposto (QUEIROZ, 2018).

Na multiculturalidade o valor máximo a ser pensado é o da igualdade. Contudo, é necessário reconhecer as diferenças e tratar os desiguais diferentemente, na medida em que se desigualam. As diferenças são a base para a construção da escola inclusiva, que *a posteriori*, contribuirá para a formação de um corpo social mais equânime e cooperativo. O sucesso educacional está para além do êxito escolar do aluno, se trata de uma intervenção no mundo, e principalmente, da participação do coletivo na elaboração de uma realidade mais justa, onde todos/as possam ser respeitados/as em suas diferenças contribuindo assim, com a edificação de uma sociedade onde a diversidade torne-se mais a norma do que a exceção (QUEIROZ, 2018).

3.4 Saúde, Gênero e Escola

Gênero está diretamente relacionado à estrutura social e às relações hegemônicas que se perpetuam através de mecanismos socializadores, dentre os quais encontra-se a escola. Ao pensarmos sobre os diversos âmbitos da vida abrangidos pelo conceito de saúde, não podemos ignorar o aspecto social, no qual gênero incide diretamente. Pensar em relações sociais de sexo, é refletir como as interações entre homens e mulheres se estabelecem, e suas possíveis consequências sobre a saúde dos sujeitos.

Autores como Bourdieu (2017), Louro (2008), Beauvoir (1960ab), Kergoat (1986), Brito (2012) discorrem sobre a construção de papéis sociais destinados a homens e mulheres e sua implicação no processo de adoecimento físico e emocional

deles/as. No que se refere aos/às participantes da pesquisa, é perceptível esta imbricação, o que nos leva a refletir sobre as potencialidades do campo escolar como fomentador de reflexões sobre a realidade e as desigualdades que estão dadas através da estrutura social.

Não buscamos com isto, determinar que na escola, esteja a solução de todos os entraves sociais estabelecidos. Reconhecemos as incontáveis adversidades enfrentadas pela comunidade escolar cotidianamente, como relatado em capítulo anterior. Contudo, evocamos a capacidade libertária da educação e suas potencialidades como criadora de espaços de reflexão sobre as estruturas e os processos sociais dados como indissolúveis. Ao invés de ser mais uma agência de reprodução social, a escola poderia e deveria assumir um papel democrático e emancipatório, de modo a estimular relações de gênero mais equânimes e plurais, que conseqüentemente, contribuirão com a promoção de saúde em seus mais diversos âmbitos.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Neste capítulo, será apontado o caminho metodológico percorrido na captação e análise dos dados deste trabalho. Para além, serão elucidados alguns termos característicos da metodologia como ‘campo’, ‘natureza’ e ‘sujeitos da pesquisa’. Iniciaremos especificando a natureza desta investigação, apresentando em seguida as especificidades do campo onde esta se desenvolveu. Logo após, discorreremos sobre os sujeitos participantes, e em seguida, relataremos os instrumentos metodológicos utilizados para a análise dos dados.

4.1 Natureza da Pesquisa

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (1993a), as estruturas sociais são ações objetivadas na medida em que os sujeitos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade as suas ações construindo em conjunto com o investigador o trabalho intelectual. Sendo o objeto de estudo das Ciências Sociais, a realidade social, a dinâmica que rege a vida em coletivo e as riquezas de significados que dela emergem, Minayo levanta três importantes questões a respeito da pesquisa social. A primeira delas é a possibilidade de que o investigador trate de uma realidade na qual está inserido; a segunda, até que ponto a objetivação das ciências naturais não prejudica a subjetividade das questões sociais; e a terceira, qual método seria mais adequado para estudar a diversidade humana em toda a sua magnitude.

Consideramos possível problematizar, como objeto de análise social, nosso próprio espaço laboral, embora entendamos que, em alguma medida, nossa subjetividade possa interferir no processo educativo. Por considerarmos a importância da subjetividade e dos significados das ações humanas é que esta pesquisa se centrou principalmente no método qualitativo em seu desenvolvimento, entretanto a utilização do método quantitativo não foi descartada.

...se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um *continuum*, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO; SANCHES, 1993b, p. 247).

Ambas as abordagens desenvolvem uma relação de complementariedade. O estudo qualitativo pode apresentar questões relevantes que necessitem de aprofundamento pelo quantitativo, e o mesmo ocorre no caso contrário. A completividade dos métodos acarreta ganhos significativos à pesquisa, pois a

mutualidade pode funcionar tanto como mecanismo amplificador de discussões como instrumento potencializador das descobertas científicas.

4.2 Campo da Pesquisa

A pesquisa foi empreendida através de um estudo de caso, que consiste na abordagem de uma questão social por meio de uma visão aprofundada das estruturas, relações, atores, funções e imaginários vigentes numa dada realidade empírica. Esta metodologia tem sua fundamentação em pesquisas médicas e psicológicas, que buscam explicar através de um caso individual, o caminho percorrido por um fenômeno. Sua abordagem é holística, considerando todos os aspectos do campo, buscando o detalhamento descritivo das informações coletadas (GOLDENBERG, 2007). Procederemos assim, à coleta de uma vasta gama de dados.

Desenvolvemos o estudo em uma escola da rede básica de ensino do Rio de Janeiro, inserida em um dos maiores complexos de favelas da cidade- Complexo da Pedreira- no bairro Pavuna. A área possui alto índice de violência, miserabilidade e criminalidade, sendo escassamente assistida pelo poder público. Ao analisarmos superficialmente o contexto onde a unidade escolar está inserida, poderíamos supor que a realidade descrita seria suficiente para explicar o desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Contudo, através de atividade laborativa desenvolvida na escola por 8 anos, pudemos observar mais cuidadosamente o relato de professoras e funcionárias, e as constantes queixas quanto ao tratamento dispensado a elas pela gestão da escola.

Através de uma apreciação mais detalhista, expandida por meio desta pesquisa, observamos que o desenvolvimento de morbidades psíquicas era mais comum entre as mulheres da escola, enquanto para os homens, não havia relatos. A pressão e a cobrança recebidas no ambiente de trabalho foram apontadas por muitas delas, como fatores desencadeadores dos problemas emocionais. Em razão de outra possibilidade, que não a violência do entorno, como justificativa para o alto índice de distúrbios psíquicos entre funcionárias do gênero feminino na escola é que consideramos mais adequada, *a priori*, a coleta de dados através do instrumento metodológico Triangulação de Dados, que será detalhado mais à frente.

4.3 Sujeitos da Pesquisa

De um conjunto de aproximadamente 13 funcionários/as e 14 professores/as- incluindo equipe de direção, e 369 alunos/as⁹, por ano, buscou-se selecionar sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros, por considerarmos que o tema desse trabalho tenha interferência direta na vivência de todos/as os/as que estão compreendidos/as no contexto da unidade escolar. Foram considerados para esse estudo, tanto profissionais efetivos- regimentados pelo estatuto dos servidores públicos, quanto terceirizados- regidos pelas leis trabalhistas brasileiras. Esses sujeitos possuíam idades e escolaridades diversas. Alguns/mas possuíam mais tempo de trabalho/estudo na escola, enquanto outros não. Foi nossa opção acolher essa diversidade, pois era nosso objetivo descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano, em suas multiformes idiosincrasias.

Buscamos ainda, identificar- através de oficinas pedagógicas, análise documental, observação em campo e entrevistas semiestruturadas- de que modo as questões de gênero interferiam nos índices de cuidado e no gerenciamento de *stress*. Desse modo, buscamos compreender como estão estabelecidas as relações de gênero no cotidiano da escola. Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa, sendo esclarecidos dos riscos e benefícios da participação. Ratificamos que esta, não era obrigatória. Àqueles que concordaram, foram entregues os documentos necessários à atuação na pesquisa: Termo de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido- TCLE/ TALE, Termo de Autorização de Gravação de Voz¹⁰. Posterior à entrega desses documentos, iniciamos a coleta dos dados.

Em qualquer projeto de pesquisa, faz-se necessária a escolha de uma população que compartilhe um grupo de características necessárias para a investigação da/s problemática/s do estudo. Essa seleção pode ser realizada de duas formas: através de um censo¹¹ ou de uma amostra. Essa última designa-se pela triagem de um grupo da população total. O processo de amostragem, que é o planejamento de escolha da amostra, se inicia pela definição da população que será pesquisada e termina com a escolha da técnica de amostragem, que se subdivide em duas possibilidades: amostragem probabilística ou não probabilística. Nas pesquisas

⁹ Consideramos a média de profissionais e alunos/as que trabalharam e estudaram na escola nos anos de 2016, 2017 e 2018.

¹⁰ Modelo dos documentos se encontra disponível nos apêndices.

¹¹ Enumeração completa de uma dada população.

sociais, exploratórias, de caráter qualitativo é comum encontrarmos um número maior de amostragens não probabilísticas, com amostras de tamanhos menores. Em pesquisas conclusivas, descritivas, com muitas variáveis, de caráter quantitativo podemos observar uma predominância da amostragem probabilística, pois requer uma coleta significativamente maior de informações, além de maior precisão na obtenção dos dados (COOPER; SCHINDLER, 2003; TEIXEIRA *et al.*, 2009).

Nessa investigação, optamos pela técnica de amostragem não-probabilística, considerando a adequação da abordagem aos nossos objetivos. Através de uma escolha livre e consciente, selecionamos nossa amostra populacional. A técnica da amostragem não-probabilística se subdivide em quatro tipos de amostragens distintas:

1. Amostragem por conveniência: a seleção da amostra fica a critério do pesquisador. Os participantes são escolhidos de maneira livre e dispendiosa;
2. Amostragem por julgamento: a amostra é eleita de acordo com o julgamento e parâmetros subjetivos do pesquisador. A experiência e a criatividade são alguns exemplos desta subjetividade. Possui algumas semelhanças à amostragem por conveniência;
3. Amostragem por cotas: a seleção é realizada de modo a garantir que a amostra possua as mesmas características da população. Características de controle como raça, sexo, idade, escolaridade devem ser adotadas nesta abordagem;
4. Amostragem bola-de-neve: A escolha dos/as primeiros/as participantes da pesquisa é feita de forma aleatória, o próximo grupo é selecionado por indicação do primeiro.

Em nossa pesquisa, optamos pela amostragem por cotas. Como possuíamos uma população extremamente distinta, buscamos a representatividade dessa característica em nossa amostra. Definimos predicativos que seriam relevantes para nossa investigação como idade, escolaridade, nicho de atuação na escola, sexo e tempo de trabalho. Com essa delimitação, além de atendermos aos objetivos propostos em nossa pesquisa, seria possível alcançar a expressão da população geral de nosso estudo.

4.4 Estratégias Metodológicas

Foram adotados cinco artifícios para captação e análise dos dados desta pesquisa.

1. Entrevistas individuais semiestruturadas com professores/as, funcionários/as, alunos/as e equipe de direção;
2. Observação do cotidiano escolar e registro em diário de campo;
3. Oficinas pedagógicas;
4. Análise documental;
5. Triangulação de dados.

Esses artifícios metodológicos foram subdivididos em 3 áreas que compreendem o triangulo heurístico de Triviños¹² (1987), que são assim representadas: (1) Através das narrativas e representações dos sujeitos da pesquisa; (2) através da produção documental reguladora das relações interpessoais no campo; (3) através do referencial teórico mencionado em capítulo anterior.

4.4.1 Entrevistas Individuais semiestruturadas

As entrevistas têm a função principal de aclarar, para o investigador, a perspectiva dos sujeitos da pesquisa a respeito do fenômeno estudado, além de permitir a interlocução entre ambos. Ao investigador cabe à condução destas, de modo aberto e flexível, possibilitando que os participantes possam expressar suas percepções e partilhar suas experiências. Deve estar atento ao conteúdo não falado, como expressões e reações, sem permitir que seu interlocutor se afaste dos objetivos do trabalho. As intervenções do pesquisador devem sempre acrescentar elementos relevantes para a análise, centradas nas hipóteses do trabalho, sem aniquilar possibilidades paralelas que se abram no decorrer da entrevista (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005).

¹² Figura representativa disponível nos apêndices.

Optamos pela utilização da entrevista semiestruturada¹³no trabalho, por ser uma das mais utilizadas em pesquisas sociais, e por nossa busca em descrever como as questões de gênero influenciavam as relações na escola e na vida dos indivíduos. Elaboramos uma série de perguntas-guia, divididas por blocos de assuntos, mas procuramos atentar-nos às subjetividades de cada participante, garantindo flexibilidade na utilização deste artifício, sem permitir o afastamento dos objetivos da pesquisa. Buscamos perceber, na linguagem falada e não falada de nossos interlocutores, quais pontos poderiam ser explorados na procura por percepções e experiências vividas que pudessem enriquecer a coleta.

As perguntas foram pensadas e elaboradas com uma linguagem simples, de modo a garantir a compreensão de todos/as os/as participantes, levando em conta a diversidade de idade e escolaridade. Estas foram divididas em quatro blocos¹⁴: (1) Informações Pessoais; (2) Saúde; (3) Gênero; (4) Gênero e Educação. Consideramos elenca-las dessa maneira, levando em conta os conceitos base da pesquisa, além disso, entendemos que o aprofundamento das questões nessas temáticas, poderia resultar na revelação de informações pertinentes à nossa investigação.

Buscamos sempre garantir o bem-estar dos participantes, esclarecendo que a resposta a nenhuma das perguntas era obrigatória. As entrevistas foram todas realizadas no ambiente escolar, em horários de disponibilidade dos profissionais, de modo a não comprometer o andamento das atividades da escola. O espaço físico onde realizamos as entrevistas estava condicionado à da disponibilidade de horário, por isso, para otimizar nosso tempo e trabalho, optamos por utilizar diversos ambientes da escola. Salas de aula, pátio, sala dos professores, sala da direção, nos serviram para realização das entrevistas.

Algumas entrevistas foram feitas em dias de aula, e com isso precisávamos lidar com inevitáveis interrupções. Quando isso acontecia, buscávamos sempre retomar a questão iniciada, e caso o/a entrevistado/a já tivesse dado início à resposta, o/a lembrávamos do ponto onde interrupção ocorreu. Para evitar esses intercalços, decidimos por concentrar nossa coleta em dias sem aula. Verificamos o calendário escolar e programamos as entrevistas para dias de conselho de classe ou de atividades atípicas na escola. A maioria das entrevistas ocorreu nestes dias, o que

¹³ Quadro esquemático com as principais respostas das entrevistas, disponível no apêndice.

¹⁴ Roteiro das entrevistas disponível no apêndice.

facilitou demasiadamente nosso trabalho. Uma semana antes do início da coleta dos dados, selecionamos os participantes de forma livre e distribuímos os documentos necessários para a participação na pesquisa. Os dados começaram a ser recolhidos com as devidas autorizações assinadas.

4.4.2 Observação e Registro em Diário de Campo

A observação é constituída pelas operações que possibilitam o registro de padrões de comportamento, que podem fornecer informações acerca do fenômeno estudado. Pode ser direta- aquela em que o pesquisador recolhe dados sem a interlocução dos sujeitos, ou indireta- aquela em que os sujeitos expressam suas percepções e compartilham suas experiências sobre o fenômeno em questão (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005). A observação e registro em diário de campo estariam classificados como observação direta. Optamos por este artifício metodológico por entendermos que sua utilização nos auxiliaria no alcance dos objetivos propostos na investigação.

4.4.3 Oficinas Pedagógicas

Oficinas pedagógicas podem ser designadas como um mecanismo de construção de conhecimento baseado em ações fundamentadas em teorias. É um artifício capaz de promover a vivência de situações que tragam reflexões sobre novas formas de administrar situações do cotidiano. Seu objetivo principal é propulsionar uma reflexão crítica da realidade, agindo como mecanismo de mudança do tecido social, contribuindo para a construção de uma educação emancipatória (PAVIANI; FONTANA, 2009).

Optamos pela utilização desse artifício metodológico, por entendermos seu duplo potencial, atuando como mecanismo de captação de dados e facilitador no processo de produção e ressignificação de saberes, contribuindo para a construção de uma educação voltada para a vida e para a cidadania. Nesses espaços, é possível elaborarmos a proposta de uma educação dialética- aquela que reflete sobre saberes dados, ressignifica-os e devolve à *práxis*- a ação (QUEIROZ, 2017). Através do diálogo, o conhecimento e as vivências individuais são refletidas, transformadas e geram novas ações considerando o olhar do outro e não apenas o individual,

possibilitando a interação, além do desenvolvimento de sentimentos de empatia e solidariedade.

O início da participação dos sujeitos na pesquisa se deu através das oficinas pedagógicas. Nosso intuito era identificar vivências pessoais dos participantes com as questões de gênero para a partir delas, abrir campo para pensarmos as interações sociais no âmbito da escola. Tínhamos em mente também, refletir sobre o papel da escola enquanto mecanismo capaz de dirimir as desigualdades de gênero e provocando mudanças no tecido social.

Os diálogos nos possibilitaram identificar uma enorme confusão de designações sobre o conceito de gênero e sua influência na vida das pessoas como um todo. Percebemos que no imaginário dos participantes, a questão se resumia ao quadro homossexual. Utilizamos alguns vídeos, que explicavam os conceitos-âncora do trabalho, como facilitadores durante os encontros. Após as exposições, era iniciado um debate com o grupo.

Em princípio, planejamos realizar um encontro semanal, totalizando ao menos dez, até o fim da pesquisa. Contudo, devido às demandas da escola e a sobrecarga dos profissionais, foi necessário diminuir esse quantitativo. Realizamos três encontros, que se espaçaram entre períodos de 15 a 20 dias. Esse intervalo entre as oficinas foi extremamente necessário, para que pudéssemos trabalhar com o mesmo grupo de pessoas. Percebemos que reuniões semanais seriam penosas e difíceis para o grupo, não apenas pelos inúmeros afazeres do dia-a-dia da escola, mas também pela carga emocional dispensada nos encontros. Buscamos um equilíbrio nesse espaçamento, de modo que os assuntos não se perdessem para os participantes.

No primeiro encontro, os participantes pareciam bastante curiosos sobre o que iria acontecer. Trabalhamos com o mesmo grupo de entrevistados, exceto pela equipe de direção. O diretor geral da escola nunca participou de nenhuma das oficinas, justificando sua ausência à sobrecarga de tarefas. O coordenador pedagógico foi indicado, por ele, como representante da equipe, mas só pudemos contar com sua presença em uma das reuniões, nas demais, ele se ausentou para cumprir demandas da escola.

Iniciamos a primeira reunião questionando sobre o que os participantes acreditavam ser gênero, e obtivemos respostas confusas e fundamentadas nos discursos midiáticos difundidos na contemporaneidade, fato que abordado adiante.

Passamos então à leitura de um texto. No segundo encontro foi exibido de um vídeo com uma linguagem fácil e clara, explicando o conceito de gênero, de acordo com as teorias que ancoram nossa pesquisa.

A princípio, pensamos trabalhar com textos, vídeos e imagens desestabilizadoras¹⁵ que facilitassem à discussão (SANTOS, 1996 *apud* NEVES, 2014, pág. 46). Iniciamos a primeira oficina com a utilização de um texto, mas percebemos uma profunda dificuldade de compreensão por parte de alguns. Na segunda, testamos o uso de vídeos curtos, com linguagem fácil, e percebemos que os participantes tiveram mais facilidade na compreensão do discurso. Mantivemos então, apenas este artifício como facilitador dos debates. Como tivemos acesso a informações relevantes com o recurso audiovisual, abandonamos a possibilidade do uso das imagens desestabilizadoras, pois nos preocupávamos que isso pudesse dificultar o diálogo já aberto.

Organizamos para que as oficinas tivessem a duração de cerca de vinte minutos, mas em uma reunião ultrapassamos ostensivamente este tempo, a pedido dos/as participantes. Essa reunião durou mais de 40 minutos. As discussões foram proveitosas, e o grupo partilhou tantas experiências e modos de pensar a vida e o mundo, que deixamos o diálogo ocorrer livremente.

Trabalhamos ao longo das três oficinas, com a desconstrução do conceito confuso de gênero apresentado, ao passo que trazíamos a fundamentação da temática ancorados em nosso referencial teórico. Nesse processo, os atores relatavam suas próprias experiências e a incidência da questão sobre suas vidas e saúde. Um dos participantes, que era homossexual, nos contou sobre a história de um amigo de sua família, que era rechaçado por esta, por ser “um homossexual com traços efeminados”. Ele relatou que quando criança, um tio o comparou ao homem, chamando-o de “viadinho”¹⁶. Esse é apenas um dos relatos que surgiram dentre tantos. As oficinas pedagógicas foram um mecanismo de grande auxílio no processo de investigação. Após estas, se seguiram as entrevistas individuais, onde foi possível analisarmos o nível de compreensão dos participantes sobre os conceitos-âncora da pesquisa.

¹⁵ Imagens que possam trazer à memória conflitos sociais, culturais ou cognitivos relacionados ao passado.

¹⁶ Resumo dos principais assuntos abordados nas oficinas, disponível nos anexos.

4.4.5 Análise Documental

Tendo em vista os objetivos desta investigação, entendemos que os documentos a serem considerados devem ser aqueles que tenham incumbência no desempenho dos sujeitos na comunidade. Por isso, consideramos as folhas de ponto dos funcionários/as e professores/as, atestados médicos, e registros do livro de ocorrências¹⁷ da escola, além do Projeto Político Pedagógico referente a dois períodos distintos.

De acordo com Triviños (1987), os documentos coletados em uma pesquisa podem ser classificados em dois grupos, os internos e os externos. No primeiro caso, estão aqueles que se relacionam com vida das instituições e são destinados aos seus membros. No segundo, os documentos direcionam-se à comunidade em si, é o caso das leis, decretos entre outros. Optamos por trabalhar com documentos internos prioritariamente, tendo em vista nossos objetivos e o tempo que disporíamos para análise de tão vasta gama de dados. Contudo, não poderíamos ignorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), considerando sua importância como reguladora da educação básica brasileira. Este foi o documento externo utilizado em nossa pesquisa. Como teríamos apenas dois anos para coleta e análise de todos os dados, entendemos que esta perspectiva seria a mais adequada aos nossos objetivos.

Foi realizado um levantamento no registro de ponto dos/as funcionários/as e professores/as dos anos de 2016 e 2017, e atestados médicos do ano de 2018, com o intuito de verificarmos a incidência de licenças médicas superiores a 1 dia, de acordo com o gênero. Cabe ressaltar, que observamos muitas vezes, faltas sendo abonadas no longo desse período. Não havia critérios para essa concessão, apenas a afinidade e empatia da equipe de direção vigente. Mesmo com a falta de precisão do registro de ponto dos profissionais, observamos um número elevado de licenças médicas de mulheres com relação aos homens. Vale lembrar que este registro é apenas dos profissionais efetivos, e a população total de profissionais de nosso estudo era de aproximadamente 33 pessoas, incluindo os profissionais terceirizados.

Coletamos as cópias dos Projetos Políticos Pedagógicos- PPP- da escola. Tivemos acesso a duas cópias, pois cada PPP era elaborado a cada triênio. Estes eram os únicos disponíveis na unidade, os anteriores haviam se perdido ao longo do

¹⁷ Nesse livro ficam registradas as ocorrências mais graves do dia-a-dia da escola.

tempo. As cópias abrangiam os anos de 2013 a 2015 e 2016 a 2019. Até o encerramento de nossa coleta de dados em campo, não havia sido elaborado o PPP para os anos seguintes. O Projeto Político Pedagógico está previsto na LDB e é função dos gestores da comunidade escolar elaborá-lo. O Art. 12 da lei 9.394 determina que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica.” (BRASIL, 1996). Sendo este documento de extrema importância enquanto mecanismo mapeador e direcionador dos caminhos percorridos pela escola, achamos de extrema relevância coletá-los como dados para nossa investigação.

Fizemos uma verificação no livro de ocorrências da escola, buscando identificar a incidência das questões de gênero no dia-a-dia da unidade. Como este documento tem a função de registro dos incidentes mais graves da escola, entendemos que ele seria pertinente ao nosso estudo. Cabe ressaltar, que observamos que algumas intercorrências consideradas graves não foram registradas. De acordo com a nossa observação, este fato se deu devido ao excesso de trabalho que levava os profissionais a ignorarem muitas situações que ocorriam na escola. Pontuamos que em nossa perspectiva, o próprio imaginário social brasileiro contribui para coibir esses registros. A negação e a acomodação de conflitos, dentre eles os de gênero, é a tendência estrutural que, muitas vezes, constrange os sujeitos a não problematizarem esses eventos, a não pensarem coletivamente em alternativas que contribuam para desenvolvimento da sociedade.

O livro de ocorrências da escola deveria ser um documento onde incidentes correlatos a toda a comunidade escolar fosse registrado. Na escola, apenas episódios que envolviam alunos eram transcritos, e normalmente quando o responsável precisava comparecer à unidade. A estes dados se limitou nossa coleta documental.

4.4.6 Triangulação de Dados

O instrumento metodológico utilizado para análise foi a triangulação de dados. Este consiste em uma divisão de interesses em três etapas (TRIVIÑOS, 1987):

1. Processos e Produtos centrados no sujeito- Ideias, percepções e comportamentos dos sujeitos de pesquisa e demais percepções

registradas pelo pesquisador através de entrevistas, pesquisas, pesquisas, questionários, análise documental e observações em campo.

2. Elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade- documentos oficiais, estatísticos e fotográficos que regulam o comportamento dos sujeitos dentro de instituições, organizações e em grupos determinados.
3. Processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito- termos de atuação dos sujeitos sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade (MINAYO, 2010 *apud* MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203-204).

A triangulação de dados permite a utilização de três técnicas para coleta que possibilitam ao pesquisador ampliar o universo informacional que circunda seu objeto de pesquisa, através da combinação de múltiplos pontos de vista tanto no método quantitativo quanto no qualitativo (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 2010 *apud* MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203).

Em vista do exposto, pretendemos reunir informações a partir de oficinas pedagógicas, de entrevistas semiestruturadas, da leitura do livro de ocorrências da unidade escolar, da análise do PPP, e da análise de legislações relacionadas à regulação da educação básica, além do embasamento teórico que trará suporte a todo o trabalho. Ademais, foram realizadas observações do cotidiano escolar, com registro em diário de campo. Essa pluralidade de referências permitiu uma análise profícua das relações entre gênero e saúde emocional no colégio, face aos objetivos da pesquisa.

Acreditamos que a pesquisa configurada nesses termos contribua para reflexão acadêmica e escolar e, possivelmente, colabore à discussão de mecanismos de prevenção para o desenvolvimento de distúrbios emocionais que encontram várzea em ambientes discriminatórios inveterados dentro das escolas da rede básica de fluminense.

4.5 Produtos e Produções do Mestrado

Neste tópico serão apresentados os produtos e produções que ocorreram como um desdobramento desta pesquisa.

4.5.1 Rodas de conversa com alunos/as vítimas de violência de gênero

Como elucidado anteriormente, um desdobramento desta pesquisa foram as rodas de conversa com alunos/as vítimas de violência de gênero, com o intuito da promoção de saúde emocional no ambiente da escola. Com o suporte e apoio da direção, desenvolvemos, juntamente a uma professora e ao coordenador pedagógico, encontros em grupo com alunos/as que se automutilavam. Nesses, foram tratadas questões relacionadas a gênero, saúde emocional e interpessoal, através da metodologia história de vida, que consiste na apresentação de memórias e lembrança de um indivíduo, possibilitando que duas ou mais pessoas interpretem uma experiência passada ou antecipada (BOJE, 1995). Após alguns meses, a direção e os professores da escola relataram uma profunda melhora no comportamento e notas desses/as alunos/as, além da narrativa de alguns/mas que afirmavam terem abandonado a prática do auto corte.

4.5.2 Semana de Valorização da Mulher

Na semana do dia internacional da mulher, promovemos a Semana de Valorização da Mulher. Com o auxílio de professores/as e funcionários/as da escola, em especial dos participantes da pesquisa, reproduzimos para as turmas da escola, filmes que tratavam da luta das mulheres por igualdade e equidade ao longo dos anos. Ao término das exposições realizamos debates com os alunos/as- que participaram com bastante interesse. Pedimos que eles/as produzissem redações sobre o que haviam assistido, e nos surpreendemos ao verificarmos o relato de inúmeras situações de violência e assédio vividas por mulheres próximas a eles/as. Foi elaborado um mural na entrada da escola, que contava a trajetória histórica de lutas das mulheres por direitos. Esse mural permaneceu exposto durante todo o mês de março¹⁸. Ele foi

¹⁸ Fotografia disponível nos apêndices.

sucedido por outro, que tratava das lutas das minorias sociais- sugestão dos próprios alunos.

4.5.3 Artigos Produzidos¹⁹

- Submissão de artigo para a revista Praxis;
- Artigo nos anais do Congresso Íbero-Americano de Investigação Qualitativa- CIAIQ 2019;
- Artigo selecionado entre os melhores do CIAIQ 2019 e convidado para submissão na revista internacional Indagatio Didactica;
- Publicação na revista internacional Indagatio Didactica;
- Capítulo publicado no livro internacional 'A Prática na Investigação Qualitativa: Exemplos de Estudos';
- Publicação de artigo em livro com resultados finais dessa pesquisa, que será lançado no segundo semestre de 2020.

4.5.4 Apresentações em Congressos

- Apresentação de artigo no CIAIQ 2019;
- Apresentação em Painel de Discussão no CIAIQ 2019;

¹⁹ Artigos disponíveis nos apêndices.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo, faremos a apresentação dos principais resultados obtidos na pesquisa, dividida por cada artifício metodológico utilizado. Além disso, apresentaremos um quadro com a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, além da análise dos dados coletados, articulados às principais hipóteses abordadas nessa investigação. Foram realizadas 3 oficinas pedagógicas, observação e registro em diário de campo, coleta documental e entrevistas semiestruturadas no intuito de alcançarmos os objetivos propostos na pesquisa.

Apresentaremos ainda, a discussão dos resultados imbricada aos dados coletados e ao referencial teórico, abordando as principais teses emergentes nesse encontro, a saber:

- A predominância de uma concepção biológica e hierarquizante de gênero no imaginário social;
- A legitimação da dominação masculina no discurso das mulheres;
- O vínculo entre as relações hierárquicas de gênero e o adoecimento das mulheres na escola;
- A construção coletiva de conhecimento como possibilidade de desconstrução da visão dominante de gênero e de questionamento de seus efeitos no cotidiano escolar, em favor da saúde feminina.

5.1 Caracterização dos Participantes

Como citado em capítulo anterior, selecionamos de um total aproximado de 13 funcionários/as e 14 professores/as- incluindo equipe de direção, e 369 alunos/as²⁰, foram escolhidos sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros. A pesquisa contou com dez participantes ao todo. Foram usados nomes de cidades- em sua maioria- como codinomes para os funcionários/as, professores/as e alunos/as da

²⁰ Consideramos a média de profissionais e alunos/as que trabalharam e estudaram na escola nos anos de 2016, 2017 e 2018.

escola, no intuito de resguardo de suas identidades. Abaixo, segue quadro elaborado com as características dos participantes.

Quadro 1. Caracterização dos participantes

Sujeitos da Pesquisa	Sexo Biológico	Idade	Formação	Função	Anos de trabalho/ estudo na escola
Tóquio	Feminino	50	Nível Superior	Professora	6 anos
Nairóbi	Feminino	38	Nível Superior	Professora	6 anos
Rio de Janeiro	Masculino	38	Ensino Médio	Funcionário	6 anos e 6 meses
Moscou	Masculino	60	Nível Superior	Professor	29 anos
Denver²¹	Masculino	39	Nível superior + Pós-graduação	Coordenador Pedagógico	3 anos e meio
Londres²²	Masculino	29	Nível superior + Pós-graduação	Diretor Geral	2 anos
Helsinque	Masculino	42	Nível superior + Pós-graduação	Professor	2 anos
Paris	Feminino	44	Ensino Fundamental	Funcionária	5 anos
Lisboa	Feminino	13	Ensino Fundamental em curso	Aluna	3 anos
Barcelona	Masculino	14	Ensino Fundamental em curso	Aluno	3 anos

²¹ Membro da equipe de direção da escola.

²² Membro da equipe de direção da escola.

Como observado no quadro, procurou-se um equilíbrio mínimo entre o quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa, exceto quanto à equipe de direção, por ser exclusivamente formada por homens. Deste modo foi possível identificar os impactos das questões de gênero, do ambiente escolar e da forma de gestão sobre a saúde emocional de ambos os sexos.

Como citado em capítulo anterior, ressaltamos que no início do ano de 2018, através de processo eleitoral, uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina, o que acarretou mudanças significativas no ambiente da escola. As equipes de direção da escola eram formadas por 3 membros- diretor/a geral, diretor/a adjunto/a e coordenador/a pedagógico/a- eleitos através do voto de alunos/as, professores/as e funcionários/as. No processo eleitoral, os votos destes últimos equivalem a dois dos primeiros. Em 2019, uma nova alteração ocorreu na equipe de gestores. O diretor adjunto da escola foi convidado para assumir o cargo de diretor geral em outra escola. Uma professora externa, amiga do diretor geral, assumiu o cargo. Esta configuração trouxe novas mudanças e perspectivas na escola, que serão melhor especificadas abaixo.

5.2 Oficinas Pedagógicas

Através dessa estratégia metodológica, foi possível identificar uma enorme confusão de designações sobre o conceito de gênero e o modo como estas afetavam a vida dos participantes. Percebemos que no imaginário dos sujeitos da pesquisa, a questão se resumia à homossexualidade. As oficinas pedagógicas foram o primeiro artifício de observação indireta, utilizado em nossa coleta de dados. Algumas situações e falas dos indivíduos nos chamaram bastante atenção, como a do professor Moscou ao afirmar que não sabia que gênero se tratava dos papéis sociais instituídos para homens e mulheres, após nosso terceiro encontro²³. Que configurado dessa forma, acreditava que a discussão do assunto era pertinente. Anteriormente, este mesmo professor havia demonstrado certa resistência em participar da pesquisa. Ao ser convidado, ele expressou que participaria em consideração a nós, mas que não concordava com a temática. Neste momento, lhe perguntamos o que ele acreditava ser gênero e ele respondeu que era “a questão homossexual”, e não achava certo que o assunto fosse tratado na escola.

²³ O registro das oficinas, consta nos apêndices.

Ao longo das demais oficinas, foi bastante desafiador tratar da definição correta do conceito de gênero. Principalmente os homens do grupo, tinham grande dificuldade em compreender a questão. As definições que permeavam o imaginário popular, amplamente difundidas pela mídia, criaram obstáculos significativos ao processo. Apesar de trabalharmos em todos os encontros no processo de desconstrução da visão estereotipada ou simplista do conceito, esta, sempre retornava ao imaginário. Permitíamos que os participantes tivessem total liberdade para expressar suas opiniões, visões e até preconceitos. Percebíamos que os/as alunos/as permaneciam mais calados, mas constantemente estimulávamos sua fala com perguntas sobre o assunto. Quando usávamos desse artifício, recebíamos respostas pertinentes e experiências vividas na área. Certa vez, ao serem questionados/as sobre seu silêncio, responderam que estavam “processando” o que ouviram, e relataram episódios em que sofreram repreensões por não terem comportamentos típicos do gênero feminino e masculino. Uma aluna nos contou ainda, sobre a dificuldade de sua família em lidar com sua falta de interesse em brinquedos considerados femininos.

Foram inúmeros os relatos de pais, mães, professores/as e demais adultos significativos no processo de formação psíquica dos participantes, que os /as repreendiam, ao longo de seu crescimento, por apresentarem comportamentos que não condiziam com os esperados para aquele gênero. Como o registrado na fala de um dos participantes ao relatar, que até pouco tempo atrás não usava camisas rosas, pois aprendeu que isso era coisa de menina.²⁴ Cabe ressaltar ainda, o impactante relato do professor Helsinque, que contou ao grupo que com 07 anos de idade, em um evento de família, percebeu que um tio não aceitava as atitudes de outro homem presente, chamando-o de “viado” por apresentar um comportamento “efeminado”. Ele disse que nesse momento, sua mãe interviu repreendendo o comportamento agressivo desse tio, que se enfureceu contra ela e disse: “Você só defende porque sabe que seu filho é igual.” “Se você não cortar o mal pela raiz seu filho será “viadinho” assim”.

Ele afirmou que aprendeu duas coisas naquele momento: que as pessoas não gostavam das outras, e que as pessoas eram ruins com algumas em específico. Ele percorreu também, que não se identificava com esse homem “viado” estereotipado e nem gostava muito de pessoas assim, pois enxergava nesse rótulo, traços da rejeição. Disse que começou a ter medo das pessoas e não querer se relacionar com as

²⁴ O registro das oficinas pedagógicas se encontra nos apêndices.

mesmas. Percebemos aqui a confirmação da hipótese de que questões de gênero estavam por influenciar a vida dos sujeitos da pesquisa, o modo como se comportavam e sua visão de mundo. Para além, percebemos o impacto destas na saúde emocional, através do medo e a dificuldade de se relacionar com outras pessoas.

Outra fala que pode ser destacada, diz respeito à castração da sexualidade feminina, citada por uma das participantes. Ela relatou sobre sua ida à uma micareta com uma amiga e o irmão. Disse que no evento beijou duas pessoas em momentos distintos. Afirmou que seu irmão se incomodou profundamente e decidiu relatar o ocorrido para a mãe dos dois. Eles eram mais jovens, quando o fato ocorreu. O grupo começou a problematizar o quanto a liberdade sexual das mulheres incomodava a sociedade. Para um homem, estava tudo bem ir a um evento e se relacionar amorosamente com várias pessoas, mas para uma mulher não.

As discussões promovidas nas oficinas foram muito proveitosas para a pesquisa. Admitimos, contudo que gostaríamos de ter tido mais tempo para promover debates mais aprofundados sobre as questões. Entretanto, diante dos inúmeros afazeres dos participantes no seu cotidiano na escola, e dos horários escassos para utilização de espaços onde fosse possível realizar as oficinas, conseguimos coletar uma quantidade de informações bastante significativas para a investigação, através desse artifício.

Passaremos então, aos resultados adquiridos através do registro em diário de campo.

5.3 Análise e Registro em Diário de Campo

Nossa entrada no campo se deu de modo fluido e natural. Como desenvolvíamos atividade laborativa no espaço e não éramos estranhos aos sujeitos do campo, nossa observação foi quase imperceptível. Aparentemente, todos/as estavam familiarizados/as conosco e isso nos permitiu desfrutar de um acesso privilegiado às informações. Em nossa percepção, os sujeitos não nos viam como 'ameaça' ou pessoas que pudessem lhes causar algum prejuízo. Não tinham reservas quanto ao seu comportamento e fala. Estavam à vontade. Não se intimidavam ao falarem aberta e livremente sobre suas insatisfações e queixas.

Nossa observação se deu em quase todos os ambientes da escola, desde a quadra, às salas de aula. Tanto professores/as quanto funcionários/as e alunos/as nos recepcionavam bem e sempre buscavam formas de estabelecer alguma interlocução. Estivemos bastante atentos às relações interpessoais no ambiente da escola. Pudemos notar que os funcionários/as e professores/as eram bastante unidos.

A escola funcionava em um prédio alto e relativamente estreito, sem janelas, apenas com basculantes. O prédio pintado com cores neutras, não estava em bom estado de conservação. Ao entrarmos na escola nos deparamos com a secretaria, separada do *hall* de entrada por grades. Todas as janelas, e a maioria das portas, eram gradeadas. A maioria dos corredores era mal iluminada, alguns por falta de manutenção em lâmpadas, outros pela própria arquitetura do prédio, que dificultava a entrada de luz.

A escola era composta por térreo e mais três andares. No térreo funcionava secretaria, sala da direção, sala dos professores, depósito, refeitório, cozinha, banheiros (inclusive o destinado a pessoas com necessidades especiais). Em uma área externa, anexa ao térreo, funcionava a quadra e o pátio da escola. O teto da quadra havia desabado em um período de fortes chuvas no ano de 2018, e assim permaneceu até a finalização dessa pesquisa. Durante alguns meses, a quadra permaneceu interditada, sendo liberada posteriormente com a retirada dos destroços. Ao longo dessa interdição os alunos só podiam dispor do pátio da escola para o horário do recreio. Por ser uma escola de turno único, o horário de recreio durava uma hora, e todas as crianças concentravam-se naquele espaço que não era muito grande.

No primeiro e segundo andar, funcionavam as salas de aula. Elas eram amplas, ventiladas e bem iluminadas, pois os basculantes dessas salas eram muito grandes. Contudo, em dias de muito calor, devido ao quantitativo elevado de alunos/as por turma, as salas ficavam extremamente quentes. Todas possuíam ar-condicionado, entretanto, por se tratar de um prédio antigo, sem manutenção da rede elétrica, poucas salas usufruíam de tal recurso. O mesmo ocorria com os ventiladores, que além da falta de manutenção, eram danificados pelo mal-uso da comunidade escolar. Comumente alunos/as e professores/as eram acometidos por mal-estar devido às elevadas temperaturas em sala de aula. No terceiro andar, funcionavam o laboratório de ciências, a sala de leitura e o auditório. Esses ambientes possuíam os mesmos problemas das demais salas de aula.

A escola funcionava em período diurno, em turno integral, ou seja, os alunos/as permaneciam a maior parte do dia na escola. As aulas começavam às 07h e 30min., e encerravam-se às 14h e 30min. Os/as alunos/as dispunham de uma hora de almoço por dia, além de trinta minutos de café da manhã. Professores/as e alguns funcionários/as também dispunham desse benefício, outros não. A princípio, nenhum/a funcionário/a era contemplado/a com o benefício, mas depois de algum tempo de reivindicações, alguns/mas conseguiram desfrutar do horário de almoço, dentro do período descrito.

Por estar localizada no complexo de favelas da Pedreira, no Rio de Janeiro, o alunado da escola era composto em sua maioria por moradores dessa área. Majoritariamente crianças pobres, marginalizadas, com dificuldades no desenvolvimento cognitivo- creditamos este fato à má alimentação e às situações emocionais adversas que foram expostas. Tivemos a percepção que algumas crianças frequentavam a escola apenas para se alimentar, pois as refeições ofertadas eram as únicas que iriam dispor naquele dia.

Presenciamos algumas mobilizações de professores/as e funcionários/as na tentativa de dirimir as dificuldades enfrentadas por alguns/mas alunos/as e familiares. Ofertavam alimentos, roupas, calçados e até dinheiro para crianças em situações mais críticas. As mesmas dificuldades eram partilhadas por alguns funcionários/as de cargos com escolaridade mais baixa. Por possuírem baixos salários, por vezes precisavam contar com essa mesma solidariedade dos companheiros de trabalho. A discrepância entre os salários de professores/as e funcionários/as era enorme, chegando à quase cinco vezes mais.

O alunado da escola era quase totalmente composto por negros e pardos, os poucos brancos, eram em sua maioria, de famílias do nordeste do Brasil, que migraram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Mulheres compunham mais da metade dos alunos frequentadores da escola. Este fato era nítido durante a fila do almoço que era dividida por gênero. Os banheiros da escola também eram divididos por gênero, mas frequentemente víamos meninos no banheiro das meninas e vice-e-versa, o que era prontamente repreendido pelos funcionários/as que afirmavam já terem surpreendido alunos/as em situações íntimas nas dependências. Havia relatos de relações íntimas homoafetivas nos banheiros também, por isso havia uma constante vigilância desse espaço.

Observamos muitos casais homossexuais na escola, que eram tratados com muita naturalidade pelos alunos/as. Alguns professores/as, em sua maioria homens, encaravam este fato com certa estranheza e presenciávamos alguns comentários de reprovação e chacota na sala dos professores. A escola possuía um professor homossexual, então esses comentários eram, em certa medida, velados. A presença desse professor era bem vista pelos alunos/as, em sua maioria. Alguns o viam como um apoio, diante da rejeição das famílias ao revelarem sua orientação sexual. Em conversas informais, o professor nos relatou algumas situações de assédio que sofria por parte de alguns alunos, desde convites com cunho sexual a ameaças. Ele afirmou que isso acontecia por parte de uma minoria, pois a maioria o respeitava como profissional e entendiam o seu lugar enquanto professor. Afirmou que nunca percebeu nenhum comentário por parte dos colegas de trabalho, ao contrário, afirmou ser bem tratado e respeitado por todos. Esse professor, juntamente com duas outras professoras, esteve sempre disposto a ajudar na pesquisa, em qualquer coisa que precisássemos. Encontramos certa dificuldade em falar sobre o tema da pesquisa com a maioria dos participantes, pois não sabiam do que se tratava gênero e reproduziam visões preconceituosas e simplistas acerca do conceito.

Começamos o desenvolvimento dessa pesquisa na escola, em um período relevante para a temática desse trabalho. Uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina, o que acarretou mudanças significativas no ambiente escolar. As equipes de direção das escolas da rede básica de ensino do Rio de Janeiro são formadas por 3 membros- diretor/a geral, diretor/a adjunto/a e coordenador/a pedagógico/a- eleitos através de processo eleitoral. Em 2019, uma nova alteração ocorreu na equipe de gestores. O diretor adjunto da escola foi convidado para assumir o cargo de diretor geral em outra escola, e uma professora externa, amiga do diretor geral, assumiu o cargo. Esta configuração trouxe novas mudanças de perspectivas na escola, que serão melhor especificadas a frente.

A segunda equipe de direção- composta por homens- havia sido convidada em sigilo por um grupo de professores/as e funcionários/as para concorrer contra a equipe antiga, no processo eleitoral. De acordo com os relatos, havia uma intensa cobrança sobre vários/as funcionários/as e professores/as da escola, enquanto a equipe feminina estava na gerência da unidade. Eles/as ressaltaram ser este um fator decisivo no processo de adoecimento físico e emocional da equipe escolar.

Inúmeras comparações foram feitas sobre as duas equipes de direção- a feminina e a masculina. Professores/as e funcionários/as afirmavam terem passado por maus momentos com a antiga direção. Situações de assédio moral, gritos, xingamentos e até empurrões foram relatadas. Expuseram que as mulheres da escola eram mais perseguidas, enquanto os homens eram protegidos. Abertamente, os homens justificavam o resguardo, com a seguinte frase: “nós temos o que vocês não têm” - fazendo referência ao órgão sexual masculino, e ao fato da equipe de direção da escola até então, ser exclusivamente feminina. Num geral, tanto homens, quanto mulheres gostavam da direção que sucedeu a referida acima. Ressaltando que esta última era composta por homens.

Os/as funcionários/as e professores/as narraram algumas falhas de gestão na equipe masculina que foram justificadas logo após, como inexperiência, pois se tratava da primeira vez que esta assumia função de chefia. Na verdade, esses homens haviam sido convidados em sigilo por um grupo de professores/as e funcionários/as para concorrer com a equipe antiga. De acordo com os relatos, havia uma intensa cobrança sobre vários/as funcionários/as e professores/as da escola, por parte da equipe feminina. Eles/as ressaltaram ser este um fator decisivo no processo de adoecimento físico e emocional da equipe escolar.

No início do ano de 2019, com a saída do diretor adjunto da equipe, houve grande tensão, quanto à vinda de uma mulher para a equipe. O nome da candidata foi trazido pelo diretor geral, mas aberto à discussão com professores/as e funcionários/as. As mulheres, principalmente, receavam que uma presença feminina na equipe de direção pudesse gerar novas perseguições a elas. Quando questionamos o porquê desse temor, algumas foram enfáticas ao dizer “mulheres disputam”, um indício da competitividade existente entre as mulheres, por consequência da dominação masculina socialmente legitimada. O diretor geral afirmou que a referida era “feminista e de esquerda”, e por esta razão acreditava que situação semelhante não voltaria a ocorrer. Por fim, a sugestão foi acatada e a nova diretora adjunta assumiu o cargo. Até o término da pesquisa, a nova integrante da equipe estava sendo intensamente elogiada por todos/as. Palavras como “equilibrada”, “humana”, “calma” foram utilizadas para designá-la.

Estivemos bastante atentos às relações interpessoais no ambiente da escola. Pudemos notar que os funcionários/as e professores/as eram bastante unidos. Na época em que estávamos em campo, uma série de grande sucesso em uma

plataforma de *streaming*²⁵ era muito assistida pelos sujeitos. Eles designaram personagens para inúmeras pessoas da escola. Os codinomes dados para os participantes em nossa pesquisa respeitou essa nomeação, com exceção de alguns que precisaram ser acrescentados. Esta foi uma forma de ratificarmos a proximidade da relação entre os indivíduos do universo da pesquisa, percebida em nossa observação. Eles se denominavam “A Equipe *La Casa de Papel*”, e afirmavam que eram justamente as relações de afetividade nutridas entre eles/as, que não permitia seu “enlouquecimento”, diante de tantas adversidades e pressões enfrentadas no cotidiano escolar.

Como relatado anteriormente, por estarmos inseridos no quadro funcional da escola, tivemos acesso às informações privilegiadas que, em nossa perspectiva, um/a pesquisador/a de fora não teria. As pessoas pareciam não se constranger com nossa presença e falavam abertamente sobre suas insatisfações. Elas afirmavam que nos enxergavam como um instrumento de desabafo, pessoas que estavam dispostas a ouvi-los/as sem julgamentos, pois de acordo com a nossa perspectiva, se apoiavam em um sentimento fraternal demonstrado a nós.

Dentre tantas experiências observadas na escola, cabe ressaltar que no ano 2018, recebemos diversos relatos de alunos/as se automutilando dentro do espaço. Esses/as alunos/as, em sua maioria mulheres, se cortavam com lâminas, apontadores, canetas ou qualquer outra coisa que lhes pudesse causar algum agravo. Tivemos a informação que o comportamento era comum aos/às alunos/as, e havia se iniciado há tempos atrás. No ano anterior, a antiga direção- a de mulheres- havia relatado o problema aos pais, que participaram de uma reunião com profissionais da secretaria de saúde, onde foram sensibilizados e informados sobre o assunto, contudo, nenhum trabalho foi desenvolvido posteriormente com o grupo.

Os profissionais de saúde que estiveram na escola informaram à equipe de direção, que a impossibilidade de continuidade no trabalho era devida à falta de pessoal capacitado que pudesse atender à demanda da área. Dispunham apenas de dois psicólogos- em turnos de 20 horas semanais- para o atendimento de uma vasta região. Alguns professores relataram que ao conversarem com parte dos alunos envolvidos na prática, descobriram que a situação ocorria como busca de alívio para

²⁵ Tecnologia que permite que o acesso a filmes e seriados através de uma plataforma disponível online.

dores emocionais ocasionadas, em sua maioria, por violências sexuais sofridas no passado e no presente.

Como estávamos trabalhando com o tema de gênero na escola, solicitamos permissão da atual direção- a de homens- para iniciarmos um trabalho de rodas de conversa com esses/as alunos/as, o que foi autorizado prontamente. Iniciamos assim os encontros, que para além do vínculo com nossa investigação, nasceu como um auxílio às demandas da escola. O objetivo principal das rodas era dar voz aos silenciados. Permitir que as crianças se expressassem e expusessem sua dor, de modo a não mais recorrerem à automutilação como forma de alívio.

Todos/as os/as participantes foram encaminhados/as pela escola para acompanhamento psicológico no posto de saúde, de forma concomitante. Sempre ressaltávamos a necessidade primordial de acompanhamento psicológico, e explicávamos que as rodas funcionavam como um mecanismo auxiliar ao tratamento com profissional de psicologia. O trabalho ganhou grande visibilidade dentro e fora da escola. Recebemos a proposta de em parceria com a secretaria de saúde, transformamos as rodas de conversa em um projeto que auxiliasse essa demanda da escola. Depois de um tempo, os professores/as e funcionários/as começaram a relatar uma melhora no desenvolvimento psicossocial e acadêmico das crianças participantes da iniciativa.

Como citado anteriormente, ressaltamos uma situação relatada por uma funcionária da escola, que nos contou que durante a vigência da gestão feminina, eram constantes as reclamações com relação ao uso de maquiagem, particularmente o batom de cor vermelha. A funcionária relatou que a queixa fora levada a uma reunião de pais/mães e responsáveis, e que a gestora geral da unidade utilizou palavra “puta” para designar as meninas que faziam uso de tal pintura. Ela relatou que a reação das pessoas oscilou entre risos, indignação, constrangimento, contudo não houve qualquer refutação dessa fala.

As narrativas apresentadas acima foram algumas das inúmeras situações presenciadas e relatadas em nossa estada na escola, e que serão discutidas e problematizadas em tópico posterior. Seguiremos agora para os dados coletados através dos documentos do campo.

5.4 Coleta Documental

Foram coletados dados documentais que regulam o funcionamento da escola e estabelecem parâmetros para as relações interpessoais- documentos internos. Utilizamos também a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional como documento externo ao campo.

Tivemos acesso ao registro de ponto dos funcionários/as e professores/as dos anos de 2016 e 2017, registro de atestados médicos do ano de 2018. Fizemos um quadro esquemático que demonstra os resultados encontrados.

Quadro 2. Licenças médicas dos profissionais da escola

Ano	Homens de licença	Mulheres de licença
2016	–	5
2017	2	5
2018	–	–

Através desses documentos, observamos que durante os anos de 2016 e 2017- anos da gerência da equipe feminina- foram registrados mais casos de adoecimento. Ressaltamos que o adoecimento feminino em 2017 foi maior que o dobro dos casos masculinos, e que em 2016, somente mulheres adoeceram. No ano de 2018- primeiro ano da gestão masculina- nenhum funcionário/a ou professor/a deu entrada com processo de licença para tratamento de morbidades.

Na análise do livro de ocorrências da escola, encontramos algumas recorrências e expressões relevantes ao nosso estudo. Casos de agressão entre meninos e meninas eram recorrentes, como demonstrado nesse trecho do documento: *“O aluno F. bateu no braço T., foi chamado a atenção pela professora de história, negou ter agredido a colega. Pedi que o aluno saísse de sala e recorresse a direção para prestar esclarecimentos.”* Ou ainda nesse outro relato:

O aluno M. e a aluna B. se envolveram em uma briga na sala de aula. Segundo a professora C., os dois alunos ficam de boqueira, briguinha um com o outro. Conversei com os dois alunos e encaminhei a solicitação de comparecimento.

Além disso, observamos registros de xingamentos que faziam referência à questão homossexual e menosprezo às mulheres, através de expressões muito usadas no cotidiano fora da escola. Segue o relato de algumas ocorrências:

A turma vem apresentando um comportamento inadequado: constantes roubos de material escolar e de objetos pessoais de dentro de mochilas. Apresenta também, comportamento anti-social, com palavrões constantes e atitudes agressivas uns com os outros. A turma precisa de esclarecimentos quanto aos valores sociais de respeito, educação e comportamento, prejudicando assim o desempenho escolar. O aluno J. apresenta comportamento agressivo, obsceno, inadequado a uma sala de aula. Por conta disso o aluno vem sendo retirado de sala constantemente.

(...) aluno I. foi retirado de sala por desrespeito com o professor G., o que vem acontecendo desde o dia 12 de agosto do presente ano, por desacato e deboche. Hoje em especial, I. usou palavras de baixo calão com o agente educador M. mandando-o tomar..., incentivando o outro colega Y. a fazer o mesmo. Em outro tempo, I. fez gestos obscenos para as tias do portão com o intuito de ser retirado da escola, mas correu para a sala de leitura e se escondeu debaixo da mesa (...)

O aluno R. da turma 1, por diversas vezes, chegou até a porta da turma 2, no andar que não é o da sua turma e usou de palavrões e deboches comigo, fez também vários gestos obscenos. Isso ocorreu por volta das 10:20 horas. Obs: na próxima vou processá-lo por danos morais, através de seus responsáveis. Prof. T.

Tivemos acesso ainda, aos PPP's referentes aos triênios de 2013 a 2015 e 2016 a 2019. No Art. 12 da LDB, está previsto que à escola cabe o dever da elaboração desse documento. Por se tratar de um projeto que avalia a situação da escola e prevê os passos futuros na busca pelo alcance das metas propostas focando em dirimir os problemas enfrentados pela unidade, buscamos alguma referência sobre ações promotoras da equidade de gênero e prevenção de saúde. Não encontramos nenhuma. Os textos faziam referência à construção de autonomia, respeito ao próximo e direcionamento do olhar para ações do cotidiano escolar, mas nenhuma ação voltada às questões de gênero foi proposta, tendo em vista ser este um dos desafios enfrentados e relatados pelos profissionais e alunado do espaço. Os trechos relatados abaixo do PPP do triênio 2016, 2017 e 2018 evidenciam nosso argumento:

Nossa escola defenderá valores como comprometimento, igualdade, respeito e ética, através da criação de um ambiente onde os representantes de todos os segmentos estejam comprometidos com o sucesso de formação do cidadão.

A competência social está associada ao Aprender a conviver- Aprender a conviver com os outros, saber comunicar-se e intermediar conflitos, ser flexível e respeitar as diferenças são valores necessários para o convívio pessoal e profissional. Está relacionado à capacidade do indivíduo de se relacionar harmoniosamente na família, na escola, na comunidade, no trabalho e em qualquer outro lugar. O aluno irá trabalhar a capacidade de conviver e se colocar no lugar do outro (empatia).

No PPP do triênio de 2013, 2014 e 2016 destacamos as seguintes passagens:

A escola tem como função principal respeitar e valorizar as experiências de vida dos educandos e de suas famílias. Objetivando, a melhoria na qualidade de ensino e a construção de uma escola cidadã e democrática que aponte um rumo, uma direção, um sentido para este compromisso estabelecido coletivamente.

Já faz muito tempo que o debate dos educadores em prol da melhoria da qualidade do ensino no Brasil refere-se à necessidade de mudanças de caráter estrutural. A forma de organizar a escola não atende mais às necessidades de seu tempo. Limitante, lhe rouba à essência da verdadeira escola, aquela que se reconhece vida e alegria, aquela em que produz conhecimento.

O projeto pedagógico desta escola busca desenvolver nos jovens a capacidade de ser autônomo, solidário e competente a partir dos quatro pilares da educação tratados por Jacques Dellores, que são: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a conviver.

Dito isto, passaremos a seguir, aos resultados encontrados através do artifício das entrevistas semiestruturadas.

5.5 Entrevistas Semiestruturadas

Esta foi a última etapa de coleta de dados. Todos/as os/as participantes da pesquisa foram entrevistados individualmente, exceto Nairóbi e Tóquio que permaneceram durante a entrevista uma da outra, por insistência das mesmas. O roteiro de entrevista foi dividido em quatro blocos:

1. Bloco A- Pessoal (idade, escolaridade e etc.);
2. Bloco B- Saúde;

3. Bloco C- Gênero;
4. Bloco D- Gênero e escola.

Os participantes possuíam diferentes idades, escolaridades e vivências. Dos dez entrevistados, sete já haviam sido acometidos por morbidades psíquicas. Seis desses sete haviam sido diagnosticados por médicos especializados. Todos/as os/as participantes possuíam pessoas próximas que já haviam desenvolvido problemas emocionais, bem como, todos/as acreditavam que saúde abarcava o biológico e o emocional²⁶. Respostas confusas foram dadas, ao serem questionados/as sobre o que entendiam por gênero, como demonstrado na fala de alguns/mas entrevistados/as ao serem questionados/as:

Eu acho, né... eu acho que é esse negócio em relação a pessoas que... gênero fala de sexo, né? Eu acredito que seja isso. É o que está na minha mente. Hoje em dia, as pessoas querem classificar o que é homem, o que é mulher, o que é *gay* o que não é... eu acredito que seja isso, não sei se está certo... fazem aquela diferença entre as pessoas...pra mim não existe diferença, eu acho que isso aí é de cada um... se ele escolheu ser aquilo, se ele vive bem daquela forma, se não mexe com ninguém, por mim... eu acho que é isso, não sei se está certo... (Entrevistada Paris)

Eu tenho como identidade. Eu acho que é importante a gente se identificar, saber o que é, quem é, onde está, qual o meu papel. Eu acho que gênero é isso. Independente do que se debata ou não, eu acho que respeito é o que tem que ser debatido com mais ênfase, independente de concordar ou não. (Entrevistado Rio de Janeiro).

Então... quando eu penso em gênero, eu penso nos gêneros masculino e feminino. Eu acredito que gênero seja a opção do ser humano escolher o gênero que ele se sente mais confortável. (Entrevistado Denver)

Alguns/mas não souberam definir o que seria violência de gênero, em nossa perspectiva, fato justificado pela falta de clareza sobre o conceito de gênero. Percebemos que mesmo a aceção biológica, não era completamente clara para parte dos sujeitos. Consideramos que fatores como baixa e fraca escolaridade, além de questões culturais estivessem por influenciar a perspectiva dos partilhantes.

Observamos grande dificuldade na compreensão de como questões de gênero

²⁶ Quadro esquemático das principais respostas, por participante, disponível nos apêndices.

poderiam influir sobre as vidas dos entrevistados. Quando questionados/as com relação a isso, vários/as afirmaram que não acreditavam sofrer esta influência, e constantemente narravam histórias de amigos/as e parentes homossexuais que haviam sofrido violência. Esta dinâmica pôde ser percebida na fala da entrevistada Paris, quando questionada se em algum momento se sentiu ou viu alguém sendo prejudicada, no trabalho ou na vida, pelo fato de ser mulher: *“Não. Nunca vi isso não. O que eu vi foram pessoas que pelo fato de serem gays se prejudicarem, aí eu vi.”*

Outro ponto importante a ser evidenciado, diz respeito à dupla jornada de trabalho vivenciada por todas as participantes da pesquisa. Elas trabalhavam/estudavam e ainda precisavam cumprir com o protocolo das atividades domésticas, o que dificultava seu período de descanso. No caso de duas professoras em específico, era comum ouvi-las em reclamações acerca das tarefas do lar e do cuidado com os filhos/as. Relatavam que aos fins de semana se desdobravam com as atividades da casa, depois de uma intensa semana de trabalho e estudo. Afirmaram que retornavam exaustas para a escola no início da semana. Ponto fundamental a ser destacado, é que ambas trabalhavam em mais de uma unidade escolar para darem conta das despesas financeiras da família, pois eram as únicas provedoras econômicas. Nas entrevistas, afirmaram já terem sido acometidas por morbidades psíquicas, diagnosticadas por profissionais especializados.

No caso de uma delas, há a narrativa do abandono recente de um dos referidos trabalhos devido às consequências diretas na saúde, ocasionadas pelo excesso de atividades, cansaço e *stress*. Ela relatou que constantemente era arremetida por episódios de choro, falta de ar, irritabilidade, além de crises de taquicardia. Ambas sustentavam economicamente suas casas sem qualquer ajuda masculina, além de prestarem auxílio financeiro à casa de seus/suas pais/mães. Em conversas informais pelos corredores da escola, era comum ouvi-las queixando-se da ausência fraterna e econômica dos ex-maridos na vida dos filhos, o que acabava por sobrecarregar-las ainda mais.

Realidade semelhante foi vivenciada pela aluna Lisboa. Ela relatou a completa ausência da figura paterna em sua configuração familiar. O abalo psicológico, que essa situação lhe trouxe e a sobrecarga material e emocional sobre sua mãe, foram descritos durante a entrevista:

Foi um momento difícil. Não sei se foi por conta de ciúme ou de besteira... eu não sei. Mas eu considerei um momento difícil... foi

quando meu pai e minha mãe deixaram de se falar. Eles tinham terminado fazia oito anos, mas eles eram amigos, eles se ajudavam. Pra mim foi tudo... eu era uma princesinha e vi tudo acabando, desmoronando. Eu sei que foi muito difícil perder o meu pai... hoje em dia ele “caga” pra mim.

Chegava meu aniversário e meu pai não mandava um ‘oi’. Eu senti muito. Um dia eu discuti com minha mãe e fiquei muito mal, ao ponto de precisar ir no psicólogo. Aí minha mãe ligou pro meu pai e ele foi super arrogante, ignorante. Falou que não queria saber, pois se algum dia eu fosse alguém na vida, ninguém iria “chamar ele”, “ligar pra ele”. Eu fiquei doente por conta disso e ele me considerou como maluca. Daí em diante ele nunca mais ligou, nunca mais perguntou. Ele e minha mãe não se falam, mas eu sempre “corro atrás dele” (...), mas tipo, é uma coisa difícil, porque não tem só eu, tem mais dois. Me dói ver que... ele não é só o meu pai, ele é pai dos meus dois irmãos e minha mãe faz todo o trabalho sozinha.

Quando questionada se o pai ajudava financeiramente a família, a aluna respondeu:

Não. Minha mãe que se responsabiliza por tudo.

Outro momento marcante das entrevistas, trata das constantes comparações feitas por ambas gestões da escola, do trabalho entre professores e professoras, além da cobrança exagerada sobre as mulheres quanto ao “domínio” das turmas. Este fato está evidenciado em dois momentos da fala de uma das professoras entrevistadas, Nairóbi:

(...) eu acho que a gente veio pra ensinar, né? Tipo, eu sou professora de matemática, então eu ensino matemática. Eu aprendi várias técnicas para ensinar matemática por vários caminhos, mas eu não consigo educar 40 alunos²⁷, então às vezes eles passam dos limites, e isso é encarado como falta de domínio meu. E eu já me cobrei muito por isso, e já quase adoeci achando que eu não era competente porque eu não conseguia fazer com que eles (os alunos/as) se calassem e prestassem atenção. Depois eu concluí que era impossível e me senti um pouco melhor.

(..) parece que eu não faço o meu trabalho direito... é como se eu não trabalhasse direito. Eu trabalho tanto quanto o Moscou (o outro professor de matemática da escola), e vejo toda hora as pessoas falando:

- Ah! O Moscou trabalha muito, ele faz muita coisa, ele isso... e a Nairóbi não faz nada...

²⁷ As turmas da escola, têm uma média de 40 alunos.

Destacamos ainda, a fala da participante Tóquio, quanto à ampliação de suas capacidades diante das adversidades no cotidiano escolar, e o quanto este processo lhe proporciona bem-estar e pode ser um mecanismo promotor de saúde.

(...) a experiência, no nosso caso de professor, não é uma coisa negativa, pelo contrário, ela é positiva. Quanto mais você dá aula, mais experiência você tem, mais fácil de você saber agir e lidar com os problemas de uma sala de aula. Eu sou “um professor” muito melhor hoje, do que eu era há dez, quinze anos atrás, quando eu entrei no magistério. Eu hoje sei que sou “um professor” completo, e no início eu era “um professor” que só queria “botar” matéria no quadro, e obrigar o “cara” a decorar, e a saber...

Hoje não. Hoje eu entendo que tenho que dar a matéria? Tenho sim, mas tenho um outro olhar: de acolhimento. Eu vejo, eu sei quando a minha turma...eu posso não decorar nome- eu sou péssima em decorar nome- mas eu sinto quando um aluno tá precisando que eu vá lá, que eu chegue perto dele, que eu converse com ele. Eu cresci muito, amadureci muito.

Esses foram os pontos principais a serem destacados nas narrativas das entrevistas. Cabe ressaltarmos ainda, que de um modo geral, todos/as os participantes relataram que não viam promoção de ações na escola que fomentasse à equidade de gênero no ambiente escolar. Afirmaram que o assunto deveria ser tratado nas escolas, não como algo pontual, mas como temática da rede básica de ensino, devido à importância do tema. Nas entrevistas com os membros de direção, foi ressaltada a falta de conhecimento na área, como mecanismo que dificulta a promoção de ações sobre o assunto no âmbito da escola. Tanto o coordenador pedagógico, quanto o diretor geral afirmaram que a sobrecarga de demandas da escola prejudicava o processo de elaboração de ações que promovessem a reflexão e o debate sobre o tema de gênero.

Diante do exposto, passaremos à discussão das principais ideias emergentes dos dados, elencadas no início do capítulo. Nossa argumentação se fundamentará ainda, nas teses abordadas no referencial teórico, citadas em capítulo anterior. Considerando se tratar de uma dissertação de mestrado, cabe ter presente que é nosso intuito dar continuidade e aprofundamento ao debate em futuros trabalhos, pois acreditamos que essa temática seja de extrema relevância para o cenário social e na promoção de saúde. Ansiamos que nossas reflexões e proposições possam contribuir

com o campo de estudo, de modo a fomentar discussões pertinentes das questões de gênero, saúde e educação.

Discussão

Considerando os relatos anteriores, atentamo-nos à possibilidade de identificar, as possíveis interferências de gênero no âmbito da escola. Esta influência foi percebida através dos dados coletados, que ajudaram a descrever as relações interpessoais e o comportamento das equipes de direção com relação a homens e mulheres.

A cobrança em torno das mulheres da escola, fortemente pontuada no depoimento da entrevistada Nairóbi, pode ser justificada através de processos como o da ideologia naturalista, citada anteriormente (KERGOAT, 2009) . Elas deveriam desempenhar com maior destreza seu papel funcional na unidade, pois estariam “naturalmente aptas” - dada a sua “natureza biológica” - ao processo do cuidado e ensino.

O reconhecimento da atividade masculina em detrimento da feminina, também apontado no depoimento da entrevistada Nairóbi, estaria justificado, através de processos de alteridade e poder simbólico (BEAVOIR, 1960b; BOURDIEU, 2017). Ele, enquanto sujeito- que existe para si e não para outrem- está completamente preparado para liderança e o domínio. Conta com a estrutura social e o poder simbólico exercido nesta e por esta, para consolidar sua hegemonia.

A exaltação da equipe masculina de direção, em detrimento da feminina nos cargos de chefia da escola, percebida em nossa observação em campo, nos conduz a refletir sobre o papel social atribuído aos homens: o de protetor, de provedor, de domínio (BRITO *et al.*, 2012). Eles, portanto, estariam “mais preparados” para exercer a ocupação de liderança, devido à sua “natureza biológica”.

Ressaltamos ainda, o índice de adoecimento das mulheres com relação aos homens da escola, apontado na coleta documental. Através desse dado, podemos refutar a hipótese de que as morbidades emocionais dos profissionais da escola eram ocasionadas unicamente pelos fatores de violência do entorno. Para que isso fosse

real, precisaríamos ter um quantitativo aproximado de adoecimento entre homens e mulheres.

Não estamos afirmando com isso, que as questões socioespaciais não tenham influência sobre o desenvolvimento de doenças, mas sim, que estas não são as únicas responsáveis. O quantitativo apontado na coleta documental também poderia ser explicado através de duas proposições: a pressão emocional mais intensa sobre as mulheres em comparação aos homens, pelos fatores já citados; e a baixa procura por tratamento médico por parte deles, fundamentada na construção do gênero masculino. Eles enquanto “dominadores”, “exploradores”, não podem apresentar fragilidades de qualquer natureza. O reconhecimento de um mal-estar e a procura por ajuda médica, os caracterizaria enquanto “frágeis e sensíveis”, características até então, denotadas ao gênero feminino.

Com relação às mulheres da antiga gestão, podemos refletir sobre os processos de condicionamento históricos, que fazem com que as mesmas não se enxerguem enquanto classe, e, por conseguinte, lutem por melhorias nas condições de trabalho e vida como um todo. Elas passam a se identificar com seus opressores através de laços invisíveis que não podem ser comparados a quaisquer outros (BEAUVOIR, 1960). Foram condicionadas a não perceberem-se enquanto grupo, por uma estrutura social coercitiva, uma cultura hegemônica. Foram ensinadas a assumir posturas opressoras, de rechaço, de disputa com relação às outras, como relatado pelas participantes da pesquisa. Essas transcorrências acabam por garantir que a estrutura de domínio e poder sobre elas, se solidifique.

Neste sentido, em quaisquer posições hierárquicas que as mulheres ocupem, haverá sempre uma forte incidência das questões de gênero, seja com relação aos seus pares ou aos/as seus/as subordinados/as. Como pontuado através dos dados coletados, a ingerência deste papel social atribuído, pode produzir efeitos significativos sobre a saúde, contribuindo com o processo de adoecimento feminino no campo da educação.

Salientamos também a contribuição da dupla jornada de trabalho (KERGOAT, 2009) no processo de desenvolvimento de morbidades em mulheres. Além do turno de trabalho formal semanal, ainda dão conta de todas as tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. No caso das duas professoras participantes da pesquisa, são as únicas mantenedoras econômicas do núcleo familiar, que por vezes inclui pai, mãe.

Também são o único aporte emocional dos filhos. Como citado pelas entrevistadas, essa rotina extenuante contribuía muito para seu processo de adoecimento emocional, ressaltamos que ambas já haviam sido acometidas por morbidades psíquicas.

Percebemos ainda nessa mesma dinâmica, como a ausência da figura paterna, econômica e afetivamente, pode contribuir para o adoecimento emocional dos filhos, como constatamos no depoimento da aluna Lisboa. Essa ausência também estaria explicada através dos papéis de gênero, onde apenas as mulheres são responsáveis pelo cuidado do núcleo familiar. Ressaltamos também que a aluna, foi acometida por problemas emocionais, como citado pela própria durante a entrevista. Pontuamos que a postura do pai ao chamá-la de “maluca” estaria fundamento no mesmo argumento de construção dos gêneros. Nessa concepção, “estar louco” é “estar doente” e, portanto, fragilizado e sensível, condição inconcebível na ótica do gênero masculino.

Diante dessas realidades conjecturamos que, construções culturais/sociais de gênero- papéis estabelecidos socialmente para homens e mulheres- e o poder simbólico que cerceia tais relações, estariam por influenciar diretamente o comportamento desta e nesta comunidade escolar. Contudo e apesar disso, através dos PPP's da escola percebemos que nenhuma ação foi proposta no intuito de dirimir tais desigualdades, buscando promover um ambiente mais equânime e saudável emocionalmente para todos. De acordo com os dados coletados, creditamos isso à invisibilidade da incidência das questões de gênero sobre a vida dos sujeitos do campo, como citado anteriormente.

Ainda sobre a coleta documental, através dos relatos de agressão de meninos para com meninas registrados no livro de ocorrências ou até mesmo dos xingamentos proferidos, percebemos a convergência das situações descritas com a teoria da dominação masculina elaborada por Bourdieu (2017). Os meninos são ensinados, desde que nascem, a pensar e se comportar de acordo com o papel social estabelecido ao masculino- o de liderança de força, e condicionam as meninas ao papel de fragilidade e submissão, sendo viável nessa relação a possibilidade de agressão em caso de comportamentos desviantes. Esse processo é naturalizado através da estrutura social e associado a outros fatores distintos de gênero.

Em nenhuma transcrição no livro de ocorrências, questões de gênero são abordadas ou problematizadas. Isso pode denunciar a falta de preparo de professores/as e funcionários/as em perceber e tratar as vertentes que abrangem o

assunto. A eles/as cabe apenas o papel de “retirar os alunos de sala” e “convocar responsáveis”, como alternativa para o desenvolvimento de seu trabalho. Cabe pontuar que, de modo algum estamos transferindo com isso a reponsabilidade para os educadores, mas estamos sim apontando possíveis problemas na formação desses/as profissionais. Essa é uma problemática que vai de encontro à construção de uma educação dialógica, que colabora na formação de cidadãos com capacidade crítica e reflexiva.

Apesar dos PPPs da escola elaborarem um discurso sobre a questão da igualdade, respeito e solidariedade, em nossa estada no campo percebemos os entraves estruturais para o desenvolvimento dessa abordagem. Como abordado por Louro (2008), apesar de ser um instrumento socializador, a escola preserva sua capacidade emancipatória, e o papel dos educadores é de fundamental importância. Contudo, se não refletirmos sobre a formação desses profissionais, recorreremos aos mesmos equívocos cometidos há tantos anos, uma educação que não está habilitada a ponderar e propor hipóteses de soluções para os problemas enfrentados na sociedade contemporânea e refletidos na escola (QUEIROZ, 2017).

6. Considerações Finais

Finalizaremos este trabalho, fazendo uma síntese dos assuntos tratados nos capítulos anteriores. Apresentaremos nesse processo, os principais achados, questionamentos, dificuldades e proposições que permearam a investigação. A pesquisa foi desenvolvida de modo a articular os conceitos de saúde emocional, gênero e educação, buscando investigar de que forma as questões relacionadas ao gênero poderiam estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito de uma escola da rede básica de ensino do Rio de Janeiro.

Como ressaltado no capítulo anterior, através da coleta e análise dos dados percebemos uma incidência expressiva destas sobre a vida e a saúde dos/as participantes da pesquisa. Fundamentamos nosso argumento nas proposições do sociólogo Pierre Bourdieu (2011; 2017) e da filósofa Simone de Beauvoir (1960) ao discorrerem sobre a construção dos papéis de gênero. Ou ainda, em Danièle Kergoat (2012) e Jussara Brito (2005), trazendo a teoria da divisão sexual do trabalho e sua importância na manutenção da estrutura capitalista e no processo de adoecimento emocional de homens e mulheres.

Para isso, foi necessário analisarmos possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas no corpo docente e discente escolar. Para que essa análise fosse possível, buscamos identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de stress da/na escola. Através dos dados coletados foi possível identificar estas interferências. Objetivamos ainda, descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano da unidade escolar, e o fizemos no capítulo anterior, ao articularmos os dados coletados às teorias dos autores citados em nosso referencial teórico.

Decidimos por empreender nossa investigação através de uma abordagem qualitativa, assentados no argumento de Minayo (1993a), que ao considerar a realidade social como objeto de estudo elege a referida metodologia, a mais apropriada, por abranger a subjetividade e os significados das ações humanas. Optamos por realizar um estudo de caso, por buscarmos uma visão aprofundada das estruturas, relações, atores, funções e imaginários vigentes na escola onde desenvolvemos a pesquisa.

Procedemos por fim, à escolha de nosso instrumento metodológico: a Triangulação de Dados. Optamos por esse instrumento, para os processos de coleta e análise dos dados, pois os três eixos que o compõem nos possibilitariam ampliar o universo informacional que circundava nosso objeto, através da combinação de múltiplos pontos de vista. A decisão por este caminho metodológico levou em consideração os passos necessários para o alcance dos objetivos propostos e, por conseguinte, alcançarmos resposta à nossa pergunta de partida.

Nesse processo, optamos por alguns artifícios metodológicos que nos possibilitaram coletar uma significativa gama de dados. Entretanto, a utilização destes precisou ser adaptada para nosso campo, diante das adversidades encontradas. Uma delas diz respeito à sobrecarga diária dos profissionais e a indisponibilidade de espaços para realização das oficinas pedagógicas. Os encontros poderiam ter gerado mais dados e resultados no ambiente escolar, se tivéssemos tido a possibilidade de mais oficinas. A dificuldade com a leitura, também foi um desafio enfrentado em nossas reuniões. Algumas pessoas, por fatores diversos, tiveram dificuldade na compreensão do texto proposto. Foi necessária novamente a adaptação de nossa abordagem à realidade da escola. Esse processo foi desafiador, mas extremamente benéfico para nossa formação enquanto pesquisadores, no sentido de percebermos o campo e nos adaptarmos a ele para extração de dados pertinentes.

Ouvir as histórias de vida das pessoas através das entrevistas semiestruturadas foi bastante pertinente, para entendermos a necessidade de pesquisas nesse recorte do campo de estudo. Ao ouvirmos os relatos de sofrimentos, dores, e a ignorância sobre os processos sociais que incidem sobre a vida de homens e mulheres, nos mostrou a relevância de nossa investigação. Isso também foi percebido no processo de busca por trabalhos que abordassem o mesmo recorte, e a escassez diante dessa procura.

Cabe ressaltar a relevância das oficinas pedagógicas em nossa investigação. Para além de um artifício de coleta de dados, esta se tornou um espaço de diálogo onde diretrizes pré-concebidas sobre a vida, a maneira de enxergar o mundo e o/a outro/a puderam ser questionadas e repensadas. Observamos todas as potencialidades que esse recurso, tão eficaz e módico, pode produzir enquanto promotor de saúde e equidade, permitindo que seus/suas participantes possam se expressar livremente e desconstruir paradigmas estruturados cultural e socialmente.

Como forma de ampliar as oficinas e aumentar seu potencial de alcance no campo, pensamos que esse artifício poderia e deveria fazer parte do cotidiano escolar,

através do treinamento de professores e voluntários que pudessem mediar esses encontros. Com reuniões espaçadas mensalmente, consideramos que este poderia ser um recurso viável na tentativa de reflexão de situações concretas da vida dos alunos/as na contemporaneidade, e dos inúmeros entraves enfrentados no cotidiano escolar. Esperamos produzir futuras investigações nesse sentido como forma de dar continuidade ao trabalho iniciado nessa pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa de mestrado e termos um período curto para atendimento de burocracias documentais, coleta de dados, análise, publicação de artigos, participação em congressos e palestras, cumprimento de disciplinas e produção da dissertação, não foi possível o aprofundamento de alguns aspectos da pesquisa. Como por exemplo, a questão do estupro enfrentada pelos/as alunos/ das rodas de conversa. Coletamos uma vasta gama de dados, e não tivemos tempo hábil para um esquadramento minucioso de todo o conteúdo encontrado.

Entretanto, diante desta profusão de achados, não podemos deixar de questionar o papel da escola enquanto mecanismo institucionalizador, que reproduz e consubstancia as desigualdades sociais. Contudo e antagonicamente, suscitamos novamente o debate sobre a capacidade emancipatória da educação, sendo capaz de fomentar reflexões e ponderações sobre a estrutura social que está dada. Como afirmado por Queiroz (2018), a educação precisa ser dialética, de modo a produzir questionamentos sobre as ações, possibilitando a mudança. Esse movimento deve ser cíclico e constante.

A partir da pesquisa, vislumbramos um possível horizonte para o debate acadêmico, que aborda a instauração de um modelo de escola multicultural- lugar onde a educação em gênero possa ser discutida de modo diferenciado, promovendo equidade e prevenindo a violência. Mais especificamente, como uma possível linha de estudo sugerida a partir das discussões suscitadas: De que forma podemos pensar essa escola multicultural? Ou ainda, de que modo podemos tornar essa escola real? Através de quais experiências e abordagens? Encontramos nas potencialidades das oficinas pedagógicas uma possível hipótese, como abordado anteriormente.

Ressaltamos ainda, as capacidades das rodas de conversa diante de quadros mais extremos enfrentados por escolas em comunidades carentes, como no caso das crianças vítimas de violência de gênero. A melhora no desempenho escolar e interpessoal dos/as alunos/as relatada por professores/as, nos confirmam mais uma hipótese de um caminho promotor de uma escola dialógica e multicultural.

As crianças de hoje serão os adultos que atuarão mais diretamente no tecido social no futuro, e cabe à escola, e demais instituições socializadoras, oportunizar que sua clientela experiencie a inclusão e o acolhimento das diferenças. Contudo, isso só será possível ao entendermos que essa batalha se concentra prioritariamente no campo ideológico. Cabendo-nos reagir ao poder simbólico exercido por meio das relações sociais estabelecidas, através da desconstrução de paradigmas e ressignificação de crenças sociais.

Promover saúde, nos outorga o dever de pensá-la holisticamente, e neste prisma, ponderarmos sobre os modelos de instituições socializadoras da atualidade, no intuito de viabilizarmos o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equânime. Acreditamos em uma educação emancipatória e enxergamos a necessidade de repensarmos a escola e demais instituições, de modo a adequá-las às necessidades e demandas da contemporaneidade. Ambicionamos por fim, que as reflexões suscitadas neste trabalho possam gerar outras, de modo a promover contribuições ao campo, motivando novas investigações que colaborarão para melhoria das condições de vida e de trabalho dentro e fora da escola.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, N. de. A ciência da saúde. São Paulo: Hucitec, 2000.

ALMEIDA FILHO, N. de. O que é saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

ALTHUSSER, L. Aparelhos Ideológicos do Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE)/ Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, A. J. A “Revisão da Bibliografia” em Teses e Dissertações: meus tipos inesquecíveis. In: Cadernos de Pesquisa, nº 81, p. 53 – 60, 1992.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BEAUVOIR, S. Memórias de uma moça bem - comportada. 5. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960 a.

_____. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960b.

BELCHIOR, A. C. Como nossos pais. In: REGINA, Elis. Falso Brillhante. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

BESSE, S. K. Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil- 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BOJE, D.M. (1995). Stories of the Storytelling Organization: A Postmodern Analysis of Disney as "Tamara-Land". The Academy of Management Journal, v. 38, n. 4. p. 997-1035.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica. 4. Ed. - Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em 07-03-2020.

BRITO, J. Trabalho e Saúde Coletiva: o ponto de vista da atividade e das relações de gênero. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, n.4, pp.879-890. ISSN 14138123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000400012>.

BRITO, J.; NEVES, M. ;OLIVEIRA, S.; ROTENBERG, L. Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero. *Rev. bras. saúde ocup.* [online]. 2012, vol.37,

CANGUILHEM, G. O Normal e o Patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARDOSO, R.C.L. A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

COOPER, R. R.; SCHINDLER, P. S. Métodos de Pesquisa em Administração. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

DUQUE-ESTRADA, P. C. “Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução”. In: DUQUEESTRADA, Paulo Cesar (Org.). Desconstrução e ética – ecos de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, 2004.

DURKHEIM, É. Educação e Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2007.

FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa: Mulheres e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax - 1. Ed. – São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCOALT, M. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. “Análise terminável e interminável”. In: Obras completas (volume 24). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975 a.

_____. “Feminilidade”. In: Obras completas (volume 22). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975b.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALINHA, I.; RIBEIRO, J. L. História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. Psicologia, Saúde & Doenças [online]. 2005, 6 (2), 203-214. ISSN: 1645-0086. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v6n2/v6n2a08.pdf>>. Acesso em 24-02-2020.

GIROUX, H. Teoria Crítica e Resistência em Educação. Para além das teorias de reprodução. Tradução de Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Cortez. 1988.

GUATTARI, F. “Introdução à psicoterapia institucional”. In: Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias e letras, 2004.

- GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KERGOAT, D. As Relações Sociais de Sexo. In: Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Ed. Unesp, 2009 (p.67-75).
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições [online]. 2008, v.19, n.2, p.17-23. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 28-06-2018.
- MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por Triangulação de Métodos: Um Referencial para Pesquisas Qualitativas. Revista Univap- São Paulo, 2014.
- MARX, K. O capital: crítica da economia política: livro I/ Karl Marx; tradução de Reginaldo Sant'Anna. - 34ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993a.
- MINAYO, M. C. De S. & SANCHES, O. *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993b.
- NEVES, F. H. G. A formação do Professor de Sociologia da Escola Básica e as Imagens Desestabilizadoras. In: QUEIROZ, Paulo Pires de (org.). O Ensino da Sociologia Escolar: O PIBID e a Formação de Professores. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.
- NEVES, F. H. G. Conhecimento, Escola e Cultura/s: Ensino de Sociologia e Educação Intercultural. 2014 Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, I. de J. As articulações nas diferentes categorias de gênero: Contribuição no mercado de trabalho. In: DIAS, A. F.; CRUZ, M. H. S. (orgs.). Educação e Igualdade de Gênero. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas Pedagógicas: Relatos de uma experiência. *Sine loco*. Conjectura: Filosofia e Educação, 2009. Vol. 14, n.2.
- QUEIROZ, P. P. de. O PIBID e a Formação do Professor de Sociologia da Escola Básica na Universidade Federal Fluminense. In: QUEIROZ, P. P. de (org.). O Ensino da Sociologia Escolar: O PIBID e a formação de Professores. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.
- QUEIROZ, P. P. de. Pensando a inclusão no processo de escolarização de alunos com deficiência. In: QUEIROZ, Paulo Pires de (org.). Ensino, Saúde e Inclusão: Olhares e Reflexões. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Tradução João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho- 4. Ed. – Lisboa: Gradiva, 2005.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney C.; AGOSTINI, Márcia; SALVADOR, Anarita de S. Limits and potentialities of the circles of conversation: analysis of an experience with young people in the backcountry of Pernambuco, Brazil. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18 Supl 2:1299-1312.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. *Physis* [online]. 2007, vol.17, n.1, pp.2941. ISSN 0103-7331. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>.

SILVEIRA, E. C. C. da. As instituições protetoras e a gênese da construção da agenda de bem-estar social: reflexões sobre seu esvaziamento no contexto mundial no Século XXI?. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 9, 2019. São Luís, Maranhão. Anais (on-line). Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissa_old_942_9425cca5f055ea88.pdf>. Acesso em 24-02-2020.

TEIXEIRA, E. B.; ZAMBERLAN, L.; RASIA, P. C. Pesquisa em Administração. Ijuí: Ed. Ijuí, 2009.

TRIVIÑOS, A. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZIMMERMAN, D. E. Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANEXOS

Anexo 1: Protocolo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa para realização da pesquisa

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Saúde Emocional: Gênero e Gestão Escolar

Pesquisador principal: Paulo Pires de Queiroz

Instituição Proponente: Laboratórios de Referência/Plataforma de Pesquisa/VPPLR/FIOCRUZ

Versão: 2

CAAE: 96254518.8.0000.5248

Área Temática: DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.203.796

Situação do Parecer: Aprovado

APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Para professores/as e funcionários/as)

(De acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Saúde emocional: Gênero e Gestão Escolar”.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

- O objetivo desta pesquisa é identificar como as questões de gênero podem estar influenciando sobre os cuidados em crises emocionais e no gerenciamento de *stress* na Escola Municipal Escultor Leão Velloso. É uma pesquisa qualitativa e será realizada por meio de análise de documentos, entrevista, observação e rodas de conversa.
- Sua colaboração é importante e necessária para este estudo, uma vez que vai contribuir para uma melhor compreensão do ambiente escolar.
- Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você poderá desistir de participar retirando seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.
- Não haverá nenhum pagamento e/ou despesa por sua participação.
- Será garantido o seu anonimato na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em quaisquer outras publicações vinculadas a esta pesquisa (revistas

científicas, congressos e jornais). Os resultados deste trabalho serão exclusivamente para fins científicos e acadêmicos.

- Sua participação consistirá na presença em rodas de conversa que ocorrerão na própria escola, em sala de aula, nos horários de 12h às 13h (fora do expediente de trabalho) e através de entrevista. As informações apresentadas nas rodas de conversa e na entrevista, serão transcritas e arquivadas por cinco (05) anos, juntamente com o questionário. Após esse período, serão descartadas.
- Nesta pesquisa, não há riscos físicos, porém, caso ocorram quaisquer acidentes, acionaremos o serviço SAMU- Serviço de Unidade Móvel de Urgência através do telefone 192, para prestação de socorro. Ao expressar opiniões, percepções, pensamentos e sentimentos, pode haver o risco do participante sentir-se envergonhado ou desconfortável. Caso isto aconteça, você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar.
- Ao participar desta pesquisa você terá como benefício a oportunidade de expressar suas opiniões, críticas e sugestões e contribuir para a melhora do ambiente escolar no âmbito da Escola Municipal Escultor Leão Velloso.
- Você assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e de seu orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.
- ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ²⁸. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão),

Manguinhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

Eu, _____, como voluntário (a) da pesquisa, afirmo que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a sua utilização para fins exclusivamente científicos e acadêmicos. Estou ciente de que meu nome não será divulgado na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em outras publicações relacionadas a esta pesquisa (revistas científicas, congressos e jornais), e que tenho a opção de desistir e retirar meu consentimento a qualquer momento.

²⁸ O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

(Entrevistado)

Juliana Soares Dionísio (Pesquisadora)



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Para responsáveis)

(De acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde)

Sr. (Sr^a) Responsável, seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Saúde emocional: Gênero e Gestão Escolar”.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

- O objetivo desta pesquisa é identificar como as questões de gênero podem estar influenciando sobre os cuidados em crises emocionais e no gerenciamento de *stress* na Escola Municipal Escultor Leão Velloso. É uma pesquisa qualitativa e será realizada por meio de análise de documentos, entrevista, observação e rodas de conversa.
- A colaboração de seu (sua) filho (a) é importante e necessária para este estudo uma vez que vai contribuir para uma melhor compreensão do ambiente escolar.
- A participação de seu (sua) filho (a) nesta pesquisa é voluntária. Sendo assim, ele (a) poderá desistir de participar retirando seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.
- Não haverá nenhum pagamento e/ou despesa pela participação de seu(sua) filho (a).
- Será garantido o anonimato de seu (sua) filho (a) na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em quaisquer outras publicações vinculadas a esta pesquisa (revistas científicas, congressos e jornais). Os resultados serão exclusivamente para fins científicos e acadêmicos.
- A participação de seu (sua) filho (a) nesta pesquisa consistirá na presença em algumas rodas de conversa sobre o tema da pesquisa, que ocorrerão na própria escola, em sala, no horário de 12h às 13h (fora do horário de aula) e através de entrevista. As informações coletadas nas rodas de conversa e na entrevista, serão transcritas e arquivadas por cinco (05) anos. Após esse período, serão descartadas.

- Nesta pesquisa não há riscos físicos, porém, caso ocorram quaisquer acidentes, acionaremos o serviço SAMU- Serviço de Unidade Móvel de Urgência através do telefone 192, e entraremos em contato com o responsável. Ao expressar opiniões, percepções, pensamentos e sentimentos, pode haver o risco de seu (sua) filho (a) sentir-se envergonhado ou desconfortável. Caso isto aconteça, ele (a) pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar.
- Ao participar desta pesquisa seu (sua) filho (a) terá como benefício a oportunidade de expressar suas opiniões, críticas e sugestões e contribuir para a melhora do ambiente escolar no âmbito da Escola Municipal Escultor Leão Velloso.
- O Sr. (Sr^a) assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e do orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.
- ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ²⁹. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão),

Manguinhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

Eu, _____, responsável legal do (a) aluno (a) _____, autorizo meu (minha) filho (a) a participar da pesquisa e afirmo que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a sua utilização para fins exclusivamente científicos e acadêmicos. Estou ciente de que seu nome não será divulgado na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em outras publicações relacionadas a esta pesquisa (revistas científicas, congressos e jornais), e que tenho a opção de desistir e retirar meu consentimento a qualquer momento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

²⁹ O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

(Responsável legal do aluno)

Juliana Soares Dionísio (Pesquisadora)



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(ALUNO/A)

(De acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Saúde emocional: Gênero e Gestão Escolar”.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

- O objetivo desta pesquisa é identificar como as questões de gênero podem estar influenciando os cuidados em crises emocionais e o gerenciamento de *stress* na escola.
- Será uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de análise de documentos, observação e rodas de conversa e entrevista.
- Sua participação é importante e necessária para este estudo. Ela vai contribuir para compreendermos melhor o ambiente escolar.
- Sua participação será através da presença em algumas rodas de conversa sobre o tema da pesquisa, que ocorrerão na própria escola, em sala, no horário de 12h às 13h (fora do horário de aula) e através de uma entrevista. As informações das rodas de conversa e da entrevista, serão transcritas (escritas, copiadas) e arquivadas por cinco (05) anos. Após esse período, serão descartadas.
- Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você poderá desistir de participar, saindo da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo.
- Não haverá nenhum pagamento e/ou despesa por sua participação.
- Nesta pesquisa, não há riscos físicos, porém, caso um acidente ocorra com você durante sua participação, acionaremos o serviço SAMU- Serviço de Unidade Móvel de Urgência através do telefone 192, para prestação de socorro e avisaremos seu responsável. Ao expressar suas opiniões, percepções, pensamentos e sentimentos, caso você se sinta envergonhado (a) ou desconfortável, poderá desistir de participar, ou ainda, recusar-se a responder qualquer pergunta.
- Ao participar desta pesquisa você terá como benefício a oportunidade de expressar suas opiniões, críticas e sugestões e contribuir para a melhora do ambiente escolar da Escola Municipal Escultor Leão Velloso.
- Seu nome ficará em segredo na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em outras publicações relacionadas a esta pesquisa (revistas científicas, congressos e jornais). Os resultados serão exclusivamente para fins científicos e acadêmicos.

- Você assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e de seu orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.

Como voluntário (a) da pesquisa, afirmo que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a sua utilização para fins exclusivamente científicos e acadêmicos. Estou ciente de que meu nome não será divulgado na dissertação final (exposição escrita do assunto do trabalho e dos resultados encontrados) e em outras publicações relacionadas a esta pesquisa (revistas científicas, congressos e jornais), e que tenho a opção de desistir e retirar meu consentimento a qualquer momento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

_____ Aluno (a)

Juliana Soares Dionísio (Pesquisadora)

*ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão), Manginhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br³⁰.

³⁰Você terá seus interesses protegidos através do Comitê de Ética que defenderá a integridade e a dignidade dos participantes dessa pesquisa, contribuindo para que ela seja desenvolvida dentro de padrões éticos. O comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, de não fazer o mal, de ser confidencial, respeitando a privacidade dos participantes.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ
(PROFESSORES/AS, FUNCIONÁRIOS/AS)**

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada 'Saúde Emocional: Gênero e Gestão Escolar' poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha participação em roda de conversa e em entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, os pesquisadores Paulo Pires de Queiroz (orientador) e Juliana Soares Dionísio (pesquisadora) a realizarem a gravação de minha participação em roda de conversa e em entrevista, sem custos financeiros a nenhuma das partes. Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, e após esse período serão destruídos e, 6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha participação em roda de conversa e em entrevista.

Você assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e de seu orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Juliana Soares

Dionísio (Pesquisadora)

*ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão), Manguinhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br³¹.

³¹Você terá seus interesses protegidos através do Comitê de Ética que defenderá a integridade e a dignidade dos participantes dessa pesquisa, contribuindo para que ela seja desenvolvida dentro de padrões éticos. O comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, de não fazer o mal, de ser confidencial, respeitando a privacidade dos participantes.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ
(RESPONSÁVEL)**

Eu, _____,

responsável legal pelo/a aluno/a,

_____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada ‘Saúde Emocional: Gênero e

Gestão Escolar’ poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação da participação de meu/minha filho/a em roda de conversa e em entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, os pesquisadores Paulo Pires de Queiroz (orientador) e Juliana Soares Dionísio (pesquisadora) a realizarem a gravação da participação de meu/minha filho/a em roda de conversa e em entrevista, sem custos financeiros a nenhuma das partes. Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir a mim e ao meu/minha filho/a os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de meu/minha filho/a gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. a identificação de meu/minha filho/filha não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, e após esse período serão destruídos e, 6. serei livre para interromper a participação de meu/minha filho/filha na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição da participação em roda de conversa e em entrevista de meu/minha filho/filha.

Você assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e de seu orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

_____ Assinatura do/a
responsável pelo/a aluno/a

_____ Juliana Soares
Dionísio (Pesquisadora)

*ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão), Manguinhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br³².

³²Você terá seus interesses protegidos através do Comitê de Ética que defenderá a integridade e a dignidade dos participantes dessa pesquisa, contribuindo para que ela seja desenvolvida dentro de padrões éticos. O comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, de não fazer o mal, de ser confidencial, respeitando a privacidade dos participantes.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (ALUNO/A)

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada ‘Saúde Emocional: Gênero e

Gestão Escolar’ poderá trazer e, entender especialmente a forma como os dados da pesquisa serão coletados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha participação em roda de conversa e em entrevista, CONCORDO, por meio deste termo, os pesquisadores Paulo Pires de Queiroz (orientador) e Juliana Soares Dionísio (pesquisadora) a realizarem a gravação de minha participação em roda de conversa e em entrevista, sem custos financeiros para eles, para mim ou meu responsável. Este ASSENTIMENTO (concordância) foi concedido mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações que esta gerar, tais como: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante a autorização de meu/minha responsável legal e de meu assentimento (concordância); 5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, e após esse período serão destruídos e, 6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha participação na roda de conversa e em entrevista.

Você assinará duas vias deste termo e ficará com uma delas. Neste termo há o telefone e o e-mail da pesquisadora e de seu orientador, através dos quais você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento.

Pesquisadora: Juliana Soares Dionísio.

Telefone/ e-mail para contato: (21) 967742890

E-mail: juliana.dionisio@fiocruz.ioc.br

Orientador: Prof. Doutor Paulo Pires de Queiroz

Telefone/e-mail para contato: (21) 997677102

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Juliana Soares

Dionísio (Pesquisadora)

*ATENÇÃO: Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ. Endereço: Av. Brasil, 4036, Sala 705 (Expansão), Manguinhos/RJ – Telefone: (21) 3882-9011. E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br³³.

³³Você terá seus interesses protegidos através do Comitê de Ética que defenderá a integridade e a dignidade dos participantes dessa pesquisa, contribuindo para que ela seja desenvolvida dentro de padrões éticos. O comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, de não fazer o mal, de ser confidencial, respeitando a privacidade dos participantes.

Apêndice 2: Roteiro de entrevistas



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(professores/as, funcionários/as)

Bloco A:

- 1) Qual a sua idade e a função que desempenha na escola?
- 2) Qual o seu grau de instrução?
- 3) Há quanto tempo você trabalha na escola?
- 4) Você se sente bem no ambiente da escola?

Bloco B

- 1) O que você entende por saúde?
- 2) Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?
- 3) Você ou alguém próximo já foi acometido/a de algum problema emocional?

Bloco C

- 1) O que é gênero para você?
- 2) Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser mulher/homem?
- 3) O que você entende por violência de gênero?
- 4) Você ou alguém próximo já sofreu violência de gênero?

Bloco D

- 1) Você já passou algum constrangimento na escola por ser homem/mulher?
- 2) Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?
- 3) Você já se sentiu privilegiado ou prejudicado pela gestão da escola por ser homem/mulher?
- 4) Na sua opinião, como a direção da escola poderia contribuir na promoção da igualdade de gênero no âmbito escolar?



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(Alunos/as)

Bloco A:

- 5) Qual a sua idade e a sua série?
- 6) Seus pais estudaram até que série?
- 7) Há quanto tempo você estuda na escola?
- 8) Você se sente bem no ambiente da escola?

Bloco B

- 4) O que você acha que é por saúde?
- 5) Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?
- 6) Você ou alguém próximo já sofreu com algum problema emocional?

Bloco C

- 5) O que é gênero para você?
- 6) Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o?
- 7) O que você entende por violência de gênero?
- 8) Você ou alguém próximo já sofreu violência de gênero?

Bloco D

- 5) Você já passou algum constrangimento na escola por ser menina/o?
- 6) Você acha que a escola realiza ações que contribuem para que os alunos aceitem e aprendam a lidar com as diferenças entre meninas e meninos?
- 7) Na sua opinião, como a direção da escola poderia contribuir na promoção da igualdade de gênero no ambiente escolar?

Apêndice 3: Oficinas Pedagógicas

Sobre a primeira Oficina Pedagógica - 10 min24seg

Assunto: Apresentação e leitura de texto

Inicia-se com o participante Helsinque lendo um trecho do artigo 'Pensando a inclusão no processo de escolarização de alunos com deficiência' (QUEIROZ, 2018), solicitado por nós. Explicamos, após o término da leitura, o que vem a ser a escola inclusiva de acordo com o texto lido. Uma escola promotora de um ambiente que permita a existência das diferenças e também a celebração das mesmas. Salientamos a riqueza das trocas em grupo, a relevância da história individual e o lugar de fala no debate de assuntos que visam a construção de um melhor ambiente escolar.

Dado momento (a partir do minuto cinco), são levantadas questões que dizem respeito às expectativas criadas com relação aos outros e sobre o enquadramento das pessoas nos padrões que acreditamos serem os corretos sobre a vida. Passamos então ao debate sobre estereótipos e padrões de sucesso, problematizando o que vem a ser uma vida feliz (fazer faculdade, casar, ter filhos e etc.), ou seja, debatemos criticamente a respeito da "escada de etapas" criada pela sociedade para que sigamos. Após esta análise, encerramos o primeiro encontro. Optamos por realizar esta primeira oficina em um tempo mais curto, pois visávamos apenas uma apresentação da dinâmica das oficinas e uma superficial introdução ao assunto da pesquisa.

Sobre a segunda Oficina Pedagógica – 49 min e 03 seg.

Assunto: Ideologia de gênero- sexualidade

Iniciamos a oficina pedagógica assistindo um vídeo que discute a função da escola e as questões de gênero. A obra aborda o conceito de gênero, a construção social que reforça os papéis ao definir o que é adequado para mulheres e homens. A partir desse vídeo, que traz uma visão crítica sobre o tema, o debate se inicia.

Uma participante inicia a fala sobre respeitarmos as diferenças, independente de se pertencer ao gênero masculino ou feminino. Ela afirmou que ensinava isso ao filho. Um participante aproveita o gancho para contar suas experiências na infância, e relata que com 07 anos de idade, em um evento de família, percebeu que um tio não aceitava as atitudes de outro homem presente, chamando-o de “viado” por apresentar um comportamento “efeminado”. Ele nos disse, que nesse momento sua mãe interviu repreendendo o comportamento agressivo desse tio, que se enfureceu contra ela e disse: “Você só defende porque sabe que seu filho é igual. Se você não cortar o mal pela raiz seu filho será “viadinho” assim”. Ele disse que aprendeu duas coisas naquele momento (fala registrada a partir de nove minutos e cinco segundos de gravação): que as pessoas não gostavam das outras, e que as pessoas eram ruins com algumas em específico. Ele discorreu também, que não se identificava com esse homem “viado” estereotipado e nem gostava muito de pessoas assim, pois enxergava nesse estereótipo, traços da rejeição. Disse que começou a ter medo das pessoas e não querer se relacionar com as mesmas.

Para ele o comportamento “heteronormativo” ditava regras. Ele também apontou em sua fala, que a postura conservadora de sua família teria uma raiz: boa parte dela se “converteu” ao protestantismo, e o discurso homofóbico estaria fortalecido nos fundamentos religiosos. Para eles, ser homossexual era “estar indo contra a natureza que Deus estabeleceu”, logo, padecer por ser gay seria um castigo divino, consequência do pecado. Ele exemplificou isso, ao relatar que a história desse homem homossexual, que marcara sua infância, havia ressurgido ao longo dos seus 13 anos de idade. Dessa vez contudo, acrescida da notícia de morte desse homem por AIDS. Isso tornou-se um catalizador para ratificar a fala dos familiares de que sua morte por HIV havia sido um castigo divino. Ele disse que

tinha muito medo de ser “efeminado” e ressaltou que tudo surgiu por uma palavra lançada na infância, quando ainda nem sabia seu significado: “viado”.

Perguntamos então, se na perspectiva dos participantes, o fato das novelas de hoje em dia tratarem de relacionamentos homo afetivos em seus enredos poderia gerar o desejo nas pessoas por se relacionarem amorosamente com outras do mesmo sexo. Todos afirmaram que não. Disseram que ao assistirem tais cenas focavam no sentimento e não no gênero. A partir desse gancho, começamos a debater o que é normal, ideal, padrão. Ressaltamos a relevância das diferenças existirem e de não serem eliminadas, pois o que deve ser questionado é a violência que alguém sofre pelo simples fato de ser homossexual. Nesse mesmo ponto, aclaramos o que é ‘questão de gênero’.

Procuramos definir isso de modo claro, para que os participantes da oficina compreendessem que são questões que vão além de relações homoafetivas. Reforçamos que ‘gênero’ são os papéis sociais pré-estabelecidos que condicionam o comportamento de meninos e meninas, antes mesmo de sua existência. Então o “ser mulher” acarretaria uma série de expectativas e estereótipos sociais que não foram escolhidos por ela, e que o mesmo ocorreria para os homens. Em meio à explicação, fomos interrompidos por uma participante que trazia uma questão sexista ao afirmar que “homens têm suas tarefas”. O grupo a rebateu, mostrando que não existem tarefas de homens e mulheres. Ela tentou se justificar, dizendo que antigamente as coisas eram diferentes. Outra participante a interrompeu afirmando que não havia problema em “querer ser do lar”, o problema era achar que só isso lhe cabia enquanto mulher.

Tentamos puxar os alunos para o debate, instigando-os a darem sua opinião. Acanhado, um deles falou o que chamava sua atenção na questão: o respeito. Respeitar e conviver com a diferença, ainda que sua opinião seja diferente. Uma aluna afirmou que as opiniões podem divergir, mas o respeito tem que prevalecer. Um professor, retomou o assunto da violência, abordando dados de pesquisas que relatavam que homens e mulheres morrem a todo o momento, assassinados por homens heterossexuais. “Machismo mata” afirmou ele. Ressaltou ainda, o perigo que alguns discursos trazem, como se a vítima tivesse culpa ao despertarem um gatilho no agressor. Ele também rebateu a ideia de que “todo agressor de gay é um gay enrustido”, pois isso vitimiza o agressor e traz uma carga de culpa para vítima.

Retomamos a fala para explicar as relações de poder envolvidas na questão. Ressaltamos os privilégios de ser homem, sobretudo branco, em nossa sociedade. Abordamos as comodidades desfrutadas pelos que pertencem à classe hegemônica, e a luta dos mesmos em não perderem seu domínio. Ressaltamos as questões de classe envolvidas, mas não nos aprofundamos no viés socioeconômico- para não perdermos o foco das questões de gênero. Tratamos ainda, do mito da ‘supermulher’, do peso que isso traz para as mulheres como um todo, e abordamos a questão do feminicídio. Suscitamos o questionamento: e quando o feminicídio bate à sua porta, o que fazer?

Realizamos uma dinâmica que os levou a reflexão sobre o que representa ‘ser mulher’ em nossa sociedade, para isso, correlacionamos a questão à vida privada de cada um. Pedimos para que o grupo pensasse em cinco mulheres próximas, logo depois inserimos a estatística do projeto ‘Comigo Não’³⁴, que afirma que a cada 5 mulheres, pelo menos 3 sofrerão algum tipo de violência de gênero durante a vida. Perguntamos então, como os participantes se sentiam diante disso e questionamos se alguma das mulheres que foram lembradas por eles, já haviam sofrido violência. O momento é seguido por um profundo silêncio. Uma das participantes rompe a quietude ao relatar que seu marido, ao ficar desempregado, se tornou “do lar” enquanto ela trabalhava, uma “inversão de papéis”. Mas afirmou que aquilo havia elevado a autoestima dele, e que hoje, ela havia conseguido “um companheiro de fato”, segundo suas palavras, pois ele somava com ela na relação e na vida. Uma professora trouxe casos de problemas na escola por falta de conhecimento sobre o assunto, e a necessidade de aclarar e tratar questões, que às vezes, as famílias não tinham Capital Cultural para tratar.

Uma das participantes levantou a questão de que o homem heteronormativo mata por não querer perder seus privilégios, como se quisesse exterminar as minorias, pois ele mesmo (o homem branco heterossexual) está “em extinção”, e que na ameaça da perda de sua supremacia, usa de violência para se manter em tal posição. Um dos participantes reforça essa fala, trazendo a ideia da virilidade ameaçada desse homem heteronormativo. Afirmou ainda, que sempre fugiu dos rótulos que deram a ele, os quais nunca aceitou, como o do ‘bichinha fragilizado”. Esse participante era homossexual. Ele retomou a questão da violência contra os

³⁴ Grupo de combate à violência de gênero no Brasil.

corpos gays e a possibilidade de morte iminente. Trouxe a culpabilização social dessas pessoas pela violência sofrida, por “darem mole”, por estarem nos lugares que não deveriam, nas horas erradas.

Uma mulher toma a palavra e problematiza o conceito de minoria, pois na sua visão mulheres e homens não são minorias, são majorias, porém precisam ser empoderados. Para ela, falta somente um reconhecimento da própria força e do poder que carregam. Esclarecemos então, que o conceito não está relacionado à questões quantitativas, mas tem relação com os poucos direitos sociais adquiridos e por isso, acabam por se tornar uma minoria ideológica. Salientamos que no caso dos gays e em outros especificamente, há a questão quantitativa incluída também, tendo como referência um universo social macro.

Ao abordarmos a relação homo afetiva, surge a questão de uma maior aceitação social de casais de mulheres, com relação a casais de homens. Explicamos que um dos motivos é o fetiche sexual masculino, fazendo com que a libido desse “macho alfa pegador” seja aguçada com relação à homo afetividade feminina. Esse ponto gera mais polêmica e o grupo aborda o assunto da “castração sexual” das mulheres e a dificuldade enfrentada por elas para assumirem sua homossexualidade. O grupo afirmou que hoje as coisas são um pouco mais fáceis nesse sentido, do que no passado. Para encerrarmos a oficina, fizemos uma recapitulação de tudo que foi dito sobre questões de gênero, nos certificando que não haviam ficado dúvidas. Enfatizamos que a questão homossexual está incluída na temática, mas o conceito de gênero não se resume a isso, mas sim, aos papéis sociais pré-determinados para homens e mulheres.

Os alunos falaram menos ao longo desse encontro, os funcionários e professores participam bem mais. Apesar de a todo momento ratificarmos que as questões de gênero não se resumem a sexualidade, esse foi o ponto mais tocado, como se gênero e homossexualidade fossem sinônimos.

Sobre a terceira Oficina Pedagógica – 18min48s

Assunto: Ideologia de gênero

Inicia-se a oficina pedagógica com o grupo assistindo dois vídeos, um que discute sobre os papéis de gênero e o outro, um vídeo musical infantil do “Mundo Bitá” que também trata de ideologia de gênero. Além disso, discorremos rapidamente o que vem a ser o assunto de nossa pesquisa: saúde emocional, gênero e escola. Informamos ao grupo que estávamos buscando identificar de que modo as questões de gênero interferem na saúde emocional das pessoas da escola, através de nossa investigação. Aclaramos a importância de tratarmos o assunto, que tem como produto final a violência, levando em conta que nas relações de gênero, um se sobrepõe ao outro – homem sobrepondo-se a mulher.

Ao abrirmos a fala aos participantes, um menciona que a mãe falava que “cozinha não é lugar de homem”. Perguntamos se eles identificavam essas falas de papéis de gênero ao longo da vida, uma participante então relata, que quando criança não podia correr para não ficar feia, cheia de marcas. Essa mesma participante afirmou era proibida de brincar com os amigos do irmão, quando estavam só os dois, as brincadeiras eram permitidas, até aquelas consideradas como “coisas de menino”, contudo nunca com outros meninos. Um participante diz não ter lembrança de algum sofrimento nesse aspecto. Outra participante, um pouco resistente em partilhar sua experiência, disse lembrar que nunca ligou para bonecas, pois preferia ursos e que seu pai a reprimia ao vê-la com “coisas de menino”, mas ela mesmo assim brincava, pois não via sentido nessas falas do pai.

Mais pessoas expuseram suas experiências, e uma em específico, se aprofundou no relato de situações passadas de sua vida. Contou sobre a ida à uma micareta com uma amiga e o irmão, e de beijar duas pessoas em momentos distintos. Afirmou que seu irmão se incomodou profundamente e decidiu relatar o ocorrido para a mãe dos dois. O assunto se enveredou então, para a liberdade sexual das mulheres e como isso incomodava a sociedade. Nesse momento, um participante, que é homossexual, afirmou ter dificuldade em usar blusa rosa, pois a vida toda ouviu que era cor coisa de menina. O tempo que tínhamos disponível para uso do espaço se esgota e encerramos a oficina nesse momento.

Apêndice 4: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: NAIRÓBI

(16min02s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: pergunta 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:30 a 01:01)
Nairóbi, Feminino, 38 anos, Nível Superior, função: Professora, seis anos na função.	Não	“Não vejo tanto sinceridade.”	“Porque eu vejo muita falsidade, muito tapinha nas costas, não vejo tanta sinceridade... tipo eu sou muito verdadeira e acho que às vezes falta isso, as pessoas confundem com eu ser brincalhona com eu não está trabalhando direito.”

Bloco B: perguntas 1,2

- ✓ O que você acha que é por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (03:54 a 04:05)
Equilíbrio entre físico e emocional.	Ambientes saudáveis	“É quando você se sente à vontade nos lugares...”.

- ✓ Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?

IC	EC	T (04:47 a 05:18)
Saúde está atrelada ao equilíbrio físico emocional	Equilíbrio mente e físico	“Acho que aqui (escola) até me adocece... as pessoas não entendem que é o todo, trabalho em equipe.”

Bloco C: Perguntas 1, 3

- ✓ O que é gênero para você?

IC	EC	T (05:54 a 06:10)
Dificuldade em definir	Masculino e feminino	“Gênero... é, difícil isso hein! Eu tinha gravado, porque são tantos conceitos... é...masculino e feminino!”

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (7:40 a 07:51)
Já foi moralmente assediado por ser mulher na escola	Gritar com mulheres	“Ah, de gritar, né! Não me lembro da direção anterior de mulheres gritando com os homens... apenas com mulheres.”

- ✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (11:23 a 11:38)
Destratar um sujeito pelo seu gênero	Tratar mal	“Violência de gênero é... é uma agressão, né. Desmerecer por conta do gênero. Tratar mal, porque é mulher.”

Bloco D: pergunta 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (12:15 a 12:44 \ 13:11 a 13:16)

Não	Não identificado pela fala da entrevistada.	“... Parece que, sei lá, parece que eu não faço meu trabalho direito. É porque eu trabalho tanto quanto o outro professor e falam sempre que ele faz muita coisa...”\n“Humm... Não, acho que não...”
-----	---	---

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: RIO DE JANEIRO

(15min05s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:27 a 01:02)
Rio de Janeiro, masculino, 38 anos, Nível Médio, função de Agente Educador, 6 anos e 6 meses na função.	Sim	“No geral me sinto bem.”	“Sim, me sinto bem pelo grupo de trabalho, colegas de trabalho, o ambiente às vezes não por aqui ser um ambiente de comunidade e ter conflitos na escola... no geral me sinto bem. ”

Bloco B: 1,2

✓ O que você acha que é por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (01:30 a 01:38)
Equilíbrio entre físico e mente.	Bem estar	“Saúde para mim é o bem estar físico e mental, é o equilíbrio.”

✓ Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?

IC	EC	T (01:44 a 01:53)
Saúde está atrelada ao equilíbrio	Equilíbrio mente e físico	“Não... se a pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente ela não é saudável.”

Bloco C: 1, 3✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (07:36 a 07:51 \ 08:00 a 08:11)
Importância de identificar quem somos.	Respeito	“O que vem cabeça é o que vem sendo debatido na mídia o tempo todo, o que não é o que eu acredito, mas eu acho importante que se debata independente de eu concordar ou não...” \ “Eu acho que é importante a gente se identificar, saber o que é, quem é... qual seu papel..”

✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (08:49 a 08:52)
Não foi moralmente assedia por ser homem na escola	Não identificado expressões chaves	“Não... nunca. nunca!”

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (09 :06 a 09:34)
Destratar um sujeito pelo seu gênero	"Homem contra uma mulher, homem contra um homossexual."	"Então, eu não costumo pensar muito nesse assunto, embora seja muito debatido, eu acho que é um homem contra uma mulher, um homem contra um homossexual. Eu acho que é isso violência de gênero."

Bloco D: 2

✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T
Não acontece essa contribuição.	"Se tem é sutil."	"Não, não vejo nenhum movimento pró esse sentido. Na antiga gestão (da escola) não e na atual se tem é sutil."

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: MOSCOU

(11min21s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:44 a 01:02)
Rio de Janeiro, masculino, 60 anos, Nível Superior, função de Professor, 29 anos na função.	Sim	Bom ambiente	“Sim, porque eu faço o que eu gosto, que é ensinar, me relacionar com as pessoas. O ambiente para mim é bom.”

Bloco B: 1,2

✓ O que você acha que é por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (01:30 a 01:38)
---------------	-------------------	------------------------

Equilíbrio entre físico e mente.	Bem estar	“Primeiro é estar bem consigo mesmo. Se gostar e quiser o melhor para você, você vai querer para os outros também... é mental e físico”.
----------------------------------	-----------	--

- ✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (01:44 a 01:53)
Saúde está atrelada ao equilíbrio	Equilíbrio mente e físico	“Não... se a pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente ela não é saudável.”

Bloco C: 1, 3

- ✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (02:33)
Homem\mulher	Masculino e feminino	“É masculino e feminino.”

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (02:52)
Não foi moralmente assedia por ser homem na escola	Não identificado expressões chaves	“Não!”

- ✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (03 :03 a 03:08)
Não aceitação	Não aceitar	“É a pessoa não aceitar a outro como ele é.”

Bloco D: 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (04:59 a 05:09)
Não acontece essa contribuição.	Sem ações Concretas.	“Eu não vejo isso não. Não percebo ação concreta não.”

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: TÓQUIO

(25min 07s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:23 a 00:33)
Tóquio, Feminino, 50 anos, Nível Superior, função: Professora, seis anos na função.	Sim, sente se bem no ambiente escolar.	Mudança na composição da direção	“Agora. Esse ano e ano passado sim.”

Bloco B: 1,2

✓ O que você acha que é por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:55 a 1:12)
Saúde vai além do físico, mais a mente que físico.	Saúde é “Estar bem”	“Então Saúde para mim é estar bem com as minhas emoções, meu corpo, minha espiritualidade e minhas emoções.”

- ✓ Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?

Ic	E C	T (02:08 a 2:26)
Saúde está atrelada ao emocional\mente.	Não	“Para mim a doença começa no corpo sutil (mente\psique), pois quando ela chega ao corpo físico ela já está a muito tempo, há anos lá grudada nesse corpo sutil porque você não cuidou dela.”

Bloco C: 1, 3

- ✓ O que é gênero para você?

IC	EC	T (03:30 a 4 :29)
Dificuldade em definir	Gênero não se define por genitálias.	“Há dois anos eu falaria que era ser homem ou mulher, hoje eu já não sei mais o que é homem e mulher. Eu não acredito mais que os órgãos sexuais dizem o que é ser homem ou mulher... hoje

		eu Valéria não saberia mais definir o que é...”.
--	--	--

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (05:28 a 5:31\ 06:05 a 0615)
Já foi moralmente assedia por ser mulher na escola	“Mulher não disputa com mulher”	“... Nunca vi gritar com nenhum homem.” “... Infelizmente mulher ainda não entendeu que mulher não disputa com mulher, ela ajuda mulher.”

Bloco D: 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (15:42 a 16 :18)
Sim	Gestão masculina mais favorável	“Acho que essa gestão tem tentado bastante... só que infelizmente a gente tem uma vida muito corrida, né. O pessoal sai daqui com muita

		pressa para ir embora... mas eu acho que sim... só não conseguiu conciliar.”
--	--	---

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: LISBOA

(24 min28s)

(Alunos/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:52 a 01:20 \ 01:38 a 01:44)
Lisboa, feminino, 13 anos, ensino fundamental em curso, função de aluna, 3 anos na escola.	Sim	Eu gosto da escola	“Me sinto mais em segurança, porque aqui é um lugar onde é metade...a gente não sabe que horas vai estar bem e quando não está. Tráfico! Toda hora entra polícia.... me sinto insegura por conta da violência.” \ “Eu gosto do ambiente, eu gosto dos professores, inspetores, coordenadores... os alunos tem uns que são

			abusados e não respeitam regras.”
--	--	--	-----------------------------------

Bloco B: 1,2

- ✓ O que você entende por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (03:07 a 03:23)
Saúde relacionada ao bem estar físico.	Pessoa que se cuida.	“Uma pessoa que se cuida não que fique só toda hora comendo frutas e legumes... mais para o físico.”

- ✓ Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?

IC	EC	T (03:34 a 03:54)
Saúde emocional	Expressão chave não identificada.	“Não, porque tenho uma amiga que ela tem depressão e chegou a se cortar e ela quase se matou. Foi muito difícil, porque não sabia o que fazer.”

Bloco C: 1, 3

- ✓ O que é gênero para você?

IC	EC	T (09:18 a 09:35)
Dúvidas ao responder. Acredita que está relacionado com homossexualismo.	“Não tenho preconceito.”	“Olha, eu não entendo aquelas coisas maravilhosas, mas eu não tenho preconceito com ninguém. Tenho amigas lésbicas e gays, eles são humanos do mesmo jeito que eu.”

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (12:14 a 13:45)
Sensação constante de insegurança.	“Às vezes vem de quem a gente menos espera!”	“Não... para mim em qualquer lugar, a qualquer momento isso pode acontecer. eu me sinto insegura em qualquer lugar... porque eu sei que pode acontecer, sabe! Às vezes vem de quem a gente menos espera! (...) é uma coisa que a gente não pode se acostumar, mas acaba se acostumando! E eu acho que uma hora vou me sentir mais segura do que eu fico. Espero né!”

- ✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (13:58 a 15:29)
Homossexuais sofrem violência por	Sofre bastante o tempo todo.	“Tipo assim, eu tenho um amigo que no caso ele é homossexual, é gay e ele sofre

serem homossexuais.		bastante. Aqui na escola, fora da escola, ele sofre bastante... o tempo todo, cara uma coisa muito pesada. E eu ficava assim... nossa! Já foi agredido por ser homossexual por outro homossexual, enquanto ele apanhava o outro falava “você tem que aprender a ser viado! Você não é o que você pensa que você é!”
---------------------	--	---

Bloco D: 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (18:32 a 18:53)
Ausência de ações por parte da direção.	Sentindo falta	“No momento estou sentindo a falta na escola, da direção em tudo! Porque quando a direção mudou, eu via eles sempre aqui ajudando, tentando fazer a diferença e agora não tô vendo!”

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: LONDRES

(14min28s)

(Professores/as, funcionários/as).

Bloco A: 4

✓ **Você se sente bem no ambiente da escola?**

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:56 a 02:40)
Londres, masculino, 29 anos, pós-graduação, função de Diretor geral, dois anos na função.	Nem sempre	“Me sinto frustrado.”	“Olha, você trabalhar enquanto professor e agora eu enquanto gestor não muda o ambiente... mas é uma montanha russa de emoções... não me sinto desrespeitado, mas as vezes eu me sinto frustrado (...) vários motivos me levam a frustração... as vezes relacionamentos interpessoais. Várias coisas que me sinto importante de resolver me causam frustração.”

Bloco B: 1,2

✓ **O que você entende por saúde?**

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (02:59 a 03:38)
Saúde está atrelada ao equilíbrio mente e corpo.	Corpo são e mente são.	“Uma pessoa que está emocionalmente e de corpo saudável. É a pessoa ter que está... com seu corpo em sua plena faculdade física e de acordo com suas faculdades mentais. Então mente são e corpo são.”

- ✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (03:40 a 03:42)
Saúde emocional	Equilíbrio mente e físico	“Não...”

Bloco C: 1, 3

- ✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (01:05 a 01:36)
Além das questões homem\mulher	Construção social	

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (02:00 a 02:20)
Não foi moralmente assediado por ser homem na escola.	Não identificado expressões chaves	“Acho que não (...) nada que sentisse incomodado ou que tivesse algum problema enquanto a isso.”

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (02:29 a 02:46)
Violência contra um grupo\ inferiorizar esse grupo.	Posição Dominante	“Para mim a questão da violência de gênero é quando você parte de sua posição dominante em relação ao grupo e isso é usado para constranger, diminuir, para inferiorizar.”

Bloco D: 2

✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (08:56 a 10:06 \ 10:21 a 10:33)
Sem ações Concretas.	Escola não promove ações desse tipo de modo eficiente.	“Olha, até por questão momentânea, política... esse problema é complexo, mas minha função aqui é para além dessa questão de gênero, homem e

		<p>mulher, subgrupos (...) eu, na minha concepção, é. que isso seja tratado de forma aberta... qualquer minoria. A minha concepção é que o espaço seja democrático (...) em que todos se representem de forma igual, né. Respeitando a diferença de cada um, mas que a representatividade seja equânime para todos.” \ “então, ação específica sobre isso não posso dizer que a escola desenvolve. Acho que não.”.</p>
--	--	--

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: DENVER

(10min38s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:50 a 01:12)
Denver, masculino, 39 anos, pós-graduação, função de Coordenador Pedagógico, três anos e meio na função.	Sim	Me sinto bem	“É, me sinto bem apesar de ser um ambiente bem estressante, eu tenho um combustível que me move que é a ideologia... ideologia de lutar por uma sociedade mais justa; lutar por um mundo melhor.”

Bloco B: 1,2

✓ O que você entende por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (02:11 a 02:38)
Saúde está atrelada ao equilíbrio	Psicológico e físico estão interligados.	“Eu acho que saúde engloba todo aspecto do ser humano. Então, acredito que psicológico e físico estão interligados. O que sofremos

		psicologicamente acaba interferindo em todo o corpo do ser humano.”
--	--	---

- ✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (01:44 a 01:53)
Saúde emocional	Equilíbrio mente e físico	“Sim... ela não estará saudável.”

Bloco C: 1, 3

- ✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (04:05 a 4:35)
Homem\mulher	“Opção do ser humano”	“Então, quando penso em gênero eu penso no masculino e feminino. Então, eu creio que gênero seja uma opção do ser humano em escolher o gênero que seja mais confortável.”

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (04:48)
Não foi moralmente assediado por ser homem na escola	Não identificado expressões chaves	“Não!”

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (05:02 a 05:21)
Mulher sofre violência	Questão da mulher	“Vem principalmente à questão da mulher que sofre as violências que a gente conhece. Tanto no ambiente de trabalho como em vários outros ambientes que ela esta presente.”

Bloco D: 2

✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (04:59 a 05:09)
Sem ações Concretas.	Escola não promove ações desse tipo de modo suficientes	“Então, acha que a escola não promove ações nesse sentido. É... não o suficiente para que é a demanda dessa questão. Mas acho que gente vem desenvolvendo algumas atividades nos últimos anos.”

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: BARCELONA

(07min27s)

(Alunos/as).

Bloco A: 4

✓ **Você se sente bem no ambiente da escola?**

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:50 a 01:12)
Barcelona, masculino, 14 anos, ensino fundamental em curso, função de aluno, três anos na escola.	Sim	Eu gosto da escola	“Sim, me sinto (bem). Gosto (da escola).”

Bloco B: 1,2

✓ **O que você entende por saúde?**

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:59 a 01:12)
Saúde relacionada ao bem estar emocional	Saudável	“Estar de bem com a vida, sem problemas na cabeça, sem coisas para pensar...”.

✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considerá-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (01:45)
-----------	-----------	------------------

Saúde emocional	Equilíbrio mente e físico	“Sim (ela não estará saudável).”
-----------------	---------------------------	----------------------------------

Bloco C:1, 3

✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (04:05 a 4:35)
Dúvidas e não soube responder.	Expressão chave não identificada.	“Gênero, não sei o que é.”

✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (03:22)
Não foi moralmente assediado por ser homem na escola	Não identificado expressões chaves	“Não!”

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (03:40 a 04:05)
Mulher e homem gay sofre violência	Não identificado expressões chaves	“Sei o que é, tipo... um homem gosta de outro homem que é gay e mulher que gosta de mulher e aí tem os heteros. Eles não gostam, por achar errado, acham que isso resolve com agressões.”

Bloco D: 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (05:46 a 05 :53)
Sem ações Concretas.	Escola não promove ações desse tipo de modo suficientes	“Não, nunca vi isso acontecer aqui na escola... não promove isso (aceitar as diferenças).”

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PARIS

(09 min56s)

(Professores/as, funcionários/as)

Bloco A: 4

✓ Você se sente bem no ambiente da escola?

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:34 a 00:50)
Paris, feminino, 44 anos, ensino fundamental, função Auxiliar de serviços gerais, cinco anos na escola.	Sim	Sentir bem.	“Sim, me sinto bem, gosto de trabalhar aqui, gosto das pessoas também, convivo mais aqui que na minha casa, até, sinto até falta.”

Bloco B: 1,2

✓ O que você entende por saúde?

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (01:15 a 01:55)
Saúde relacionado ao bem estar físico.	Pessoa que se alimenta bem.	“Uma pessoa que se alimenta bem, né. (...) uma pessoa que tá sempre bem (...) sem dor de cabeça, parece que não tem problema. (...) Porque às vezes as aparências enganam bastante. Pensa que a pessoa está saudável e não está. Acredito que alimentação e não se aborrecer ajude bastante.”

- ✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (01:59 a 02:05)
Saúde emocional	Expressão chave não identificada.	“Eu acho que não, acredito que não.”

Bloco C: 1, 3

- ✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (04:32 a 05:13)
Dúvidas ao responder, acha que esta relacionado com sexo (relação sexual), homem, mulher e homossexualismo.	“As pessoas querem classificar.”	“Eu acho né. eu acho que é esse negócio em relação a pessoas, né. Gênero é negócio de sexo. Eu acredito que seja isso. veio a minha mente. Hoje em dias as pessoas querem classificar o que de homem, mulher, o que é gay (...) se ele vive bem daquela forma e não mexe com ninguém tudo bem, né.”

- ✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (05:27 a 05:30)

Não identifica assédio.	Expressão chave não identificada.	“Não, nunca... não!”
-------------------------	-----------------------------------	----------------------

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (05:42 a 05:46)
Não sabe o que é violência de gênero.	Expressão chave não identificada	“Essa eu não sei te explicar não.”

Bloco D: 2

✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (18:32 a 18:53)
Ausência de ações por parte da direção.	“Professores tem a cabeça aberta.”	“Eu acho que alguns professores, não digo todos, mas a maioria tem a “cabeça aberta” e conversa com alunos. Não é algo da escola, parte de alguns professores.”

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: HELSINQUE

(01h 05min28s)

(Professores/as, funcionários/as).

Bloco A: 4

✓ **Você se sente bem no ambiente da escola?**

Entrevistado	Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (00:45 a 01:38)
Helsinque, masculino, 42 anos, pós-graduação, função de professor, dois anos na função.	Sente-se bem independente da questão sexual.	“Sinto-me confortável.”	“Sim nesta sim. Porque aqui independente da minha questão sexual eu sei que (...) ainda sou visto primeiro como professor. Sinto-me confortável de ser um professor gay que um gay professor. Para mim isso faz diferença.”

Bloco B: 1,2

✓ **O que você entende por saúde?**

Ideia central	Expressões Chaves	Trecho (02:59 a 03:55)
	“Senti-me seguro”.	

Saúde está atrelada ao bem estar.		“Eu acho que assim, as condições vão te levar a ter essa sensação, parte de uma sensação essa ideia de estar saudável. (...) Porque, por exemplo, quando eu penso em ser saudável , eu penso em médico, doença, doença física (...) mas trazendo para ambiente de trabalho eu atrelo a sensação de bem estar. (...) Porque eu já vim trabalhar muito doente (crise de coluna). eu fiquei, mas eu cheguei há vir dois dias e não me senti doente aqui (escola). Me senti bem, (...) eu estava bem em estar ali, na sala de aula, me senti seguro. Acho que parte de uma ideia de bem estar.
-----------------------------------	--	--

- ✓ **Se uma pessoa estiver bem fisicamente, mas não emocionalmente, podemos considera-la como alguém saudável?**

IC	EC	T (03:58)
Saúde emocional	Equilíbrio mente e físico	“Não...”

Bloco C: 1, 3

- ✓ **O que é gênero para você?**

IC	EC	T (17:32 a 18:42)
Além das questões homem\mulher	Construção social	“Eu não sei mais... Acho que vem de uma norma, normatização,

		definições que em algum momento serão importantes, mas ainda acho que a ideia de gênero hoje virou uma ótima interrogação. (...) Acho que a sociedade tem de saber (...) uma construção social que serve para nortear alguma coisa, mas sinceramente qual a necessidade saber desse norte eu não sei mais.”
--	--	---

✓ **Você já foi assediado/a ou se sentiu ameaçado/a por ser menina/o? NA ESCOLA (2 é opcional)**

IC	EC	T (21:24 a 21:55)
Já foi moralmente assedio por ser homossexual na escola.	Assedio pior que a ameaça.	“Ameaçado aqui sim, assediado aqui não. Mas fui assediado em outra escola, foi pior que ameaça.”

✓ **O que você entende por violência de gênero?**

IC	EC	T (43:17 a 44:01 \ 44:32 a 45: 10)
Violência contra um grupo\ inferiorizar esse grupo.	Posição Dominante	“Eu acho que se resume a essa ideia onde tudo remeti ao feminino como fraco. Acho que é associado à ideia de fragilidade.” \ “Acho que é o não masculino, tudo que a sociedade considera fora do padrão de agressividade masculino pode sofrer violência.”.

Bloco D: 2

- ✓ **Você considera que a escola promove ações que contribuem para o acolhimento e aceitação das diferenças entre homens e mulheres?**

IC	EC	T (57:39 a 59:08)
Sem ações Concretas.	Escola não promove ações desse tipo de modo eficiente.	“Não promove (...) De verdade, de forma ideal acho que deveríamos ter essas discussões na escola, mas hoje sabemos que isso é delicado. Devido ao atual momento de nosso país em níveis de governo. (...) Eu acho que pequenas ações cotidianas mudam isso, como não separar meninos e meninas.”

Apêndice 5: Fotos do Complexo de Favelas da Pedreira

Figura 1- Complexo da Pedreira



Fonte: Blog Crime News, 2015

Figura 2 Morro da Pedreira



Fonte: Blog SRZD, 2015.

Apêndice 6: Fotos de Produtos e Produções da Pesquisa

Semana de Valorização da Mulher

Figura 9- Mural 'Dia Internacional das Mulheres'



Fonte: Autoria própria, 2018.

Figura 7- Mural 'Sim! Nós Podemos!!!'



Fonte: Autoria Própria, 2018

Apêndice 7: Figura Triangulação de Dados

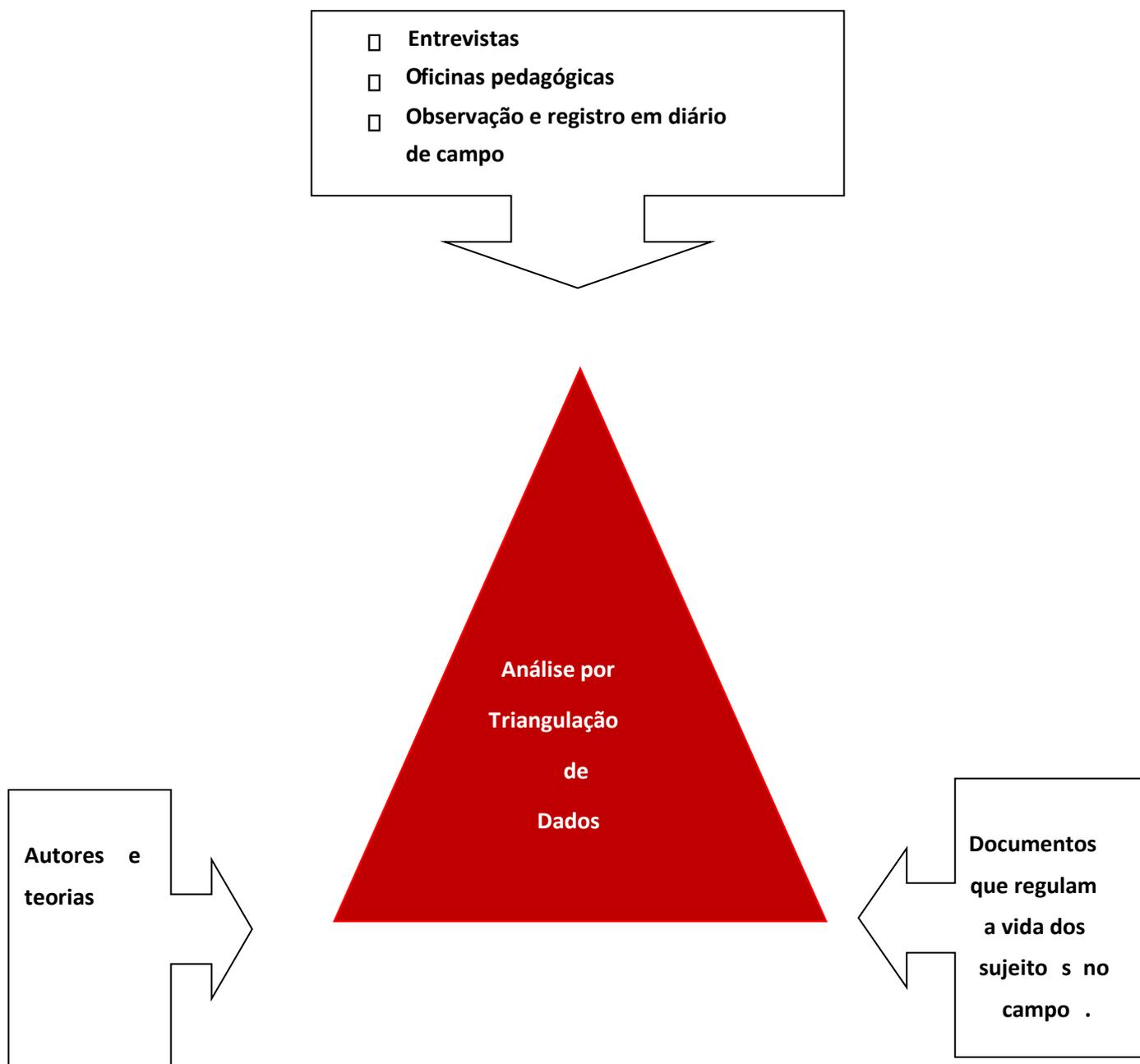


Figure 3 Triangulação de Dados
(Criada pela autora)

Apêndice 8: Artigos Produzidos

Capítulo do livro internacional 'A Prática na Investigação Qualitativa: Exemplos de Estudos'.

EDUCAÇÃO, SAÚDE E INTERCULTURALIDADE

Paulo Pires de Queiroz¹, Juliana Soares Dionísio², Walk Loureiro², Fagner Henrique Guedes Neves³

¹*Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da Universidade Federal Fluminense. IOC – Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Brasil.*

ppqueiroz@id.uff.br ; ppqueiroz@yahoo.com.br

²*IOC – Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Brasil.*

Juliana.dionisio@ioc.fiocruz.br; walk.l@uol.com.br

³*Departamento Planejamento em Saúde da Universidade Federal Fluminense. IOC – Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Brasil.*

faqnerneves@id.uff.br ; faqner.neves@ioc.fiocruz.br

Este capítulo tem como objetivo principal problematizar e debater algumas questões que estão sendo trabalhadas em três pesquisas qualitativas nas interfaces da educação, saúde e interculturalidade, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz. Síntese e percepção de padrões são necessárias à sobrevivência no nosso século. À medida que a cultura se torna mais complexa, a ciência mais abrangente, as opções mais diversas, necessitamos de uma educação que compreenda o inovar, sentir, sonhar e imaginar. Em meio a uma profusão de informações, podemos estar caminhando no sentido de uma economia de aprendizado – alguns poucos e eficazes princípios e teorias fazendo sentido em muitas propostas de pesquisa / educação. Essa reflexão busca elaborar uma visão global, diversificada e atualizada sobre as interfaces da educação, saúde e interculturalidade, fornecendo instrumentos facilitadores do questionamento crítico e reflexivo dos desafios que esses campos colocam nas sociedades contemporâneas.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, a pluralidade cultural se converte em um aspecto cada vez mais significativo no senso comum e nas deliberações políticas. Todavia, a mesma época em que as diferenças culturais se tornam tão evidentes e importantes é quando as controvérsias e embates violentos entre elas se intensificam. Multiplicam-se os preconceitos, discriminações e episódios de violência física e simbólica provocados por confrontos dos mais diversos possíveis no cotidiano escolar. Atualmente, a pluralidade cultural se converte em um aspecto cada vez mais significativo entre as interfaces da educação, saúde e interculturalidade, trabalhando as questões de identidades culturais relativas à raça, etnia, gênero, confissão religiosa, orientação sexual, geração, deficiência física e comunidades

de referência. Ou seja, a diferença cultural mais suscita relações de subalternização e segregação do que relações de partilha, cooperação e negociação, típicas das sociedades democráticas.

À medida que a cultura se torna mais complexa, a ciência mais abrangente, as opções mais diversas, necessitamos de uma educação que compreenda o inovar, sentir, sonhar e imaginar. Na contemporaneidade, compreende-se que um dos diversos âmbitos chamados a desenvolver diálogos interculturais com a educação e a saúde é a *escola básica*. Em que pese a emergência do ciberespaço como uma poderosa agência formadora e socializadora na Pós-Modernidade, à escola ainda é posta a responsabilidade de estimular a produção de saberes e atitudes que norteiem a atuação de seus egressos nos mundos da cidadania e do trabalho. E, como não pode haver ensino escolar sem a figura do professor, compete a este profissional estar preparado a mobilizar saberes e experiências que lhe favoreçam propor currículos e práticas pedagógicas considerando as interfaces da educação, saúde e interculturalidade nas escolas.

A educação transpessoal é mais humana do que a educação tradicional e mais rigorosa, sob o aspecto intelectual, do que muitas alternativas educacionais. Ela se propõe a ajudar a transcendência e não a fornecer meras habilidades de ajustamento. É a contrapartida da saúde holística na educação – a educação da pessoa como um todo.

Como a saúde holística, a educação transpessoal pode ocorrer em qualquer lugar. Não precisa de escolas, mas os seus adeptos acreditam que as escolas precisam delas. Devido ao seu poder na solução dos problemas e no despertar social, os adeptos conspiram para introduzir a filosofia nas salas de aula, em todos os graus, nas faculdades e universidades, com vistas ao treinamento para o trabalho e à educação de adultos.

A educação transpessoal promove ambientes amistosos para tarefas difíceis. Exalta o indivíduo e a sociedade, a liberdade e a responsabilidade, a singularidade e a interdependência, o mistério e a clareza, a tradição e a inovação. É complementar, paradoxal e dinâmica. É o meio-termo da educação.

Assim como não é possível “ministrar” a saúde holística, que deve iniciar-se com a vontade do paciente, o verdadeiro professor sabe que não se pode impor o aprendizado. O que é possível é ajudar o indivíduo a descobrir o conhecimento que tem dentro de si. O professor aberto ajuda o aluno a descobrir padrões e conexões, estimula novas possibilidades desconhecidas e facilita o surgimento de ideias. O professor é um timoneiro, um catalisador, um facilitador – um agente do aprendizado, mas não a sua causa principal.

O objetivo dessa reflexão é problematizar questões pertinentes às interfaces entre educação, saúde e interculturalidade no âmbito do cotidiano escolar brasileiro e debater proposições emergentes desses campos no cenário da educação básica. Para o alcance dessas finalidades, apresentaremos o desenho metodológico e os resultados preliminares de três pesquisas qualitativas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro – Brasil.

Num primeiro momento vamos apresentar a pesquisa do doutorando Fagner Henrique Guedes Neves, “Saúde, cultura e escola: por uma docência crítica reflexiva e intercultural no ensino de ciências”, que tem como pergunta de partida: *como sujeitos docentes podem construir ideias e atitudes crítico-reflexivas que sejam favoráveis à promoção de uma educação em saúde intercultural no ensino de Ciências na escola básica?* O estudo busca compreender em que sentido é possível e

desejável pensar a confluência saúde, cultura e educação escolar. A investigação propõe, pois, uma “espiral” de movimentos de reflexão, ação e reflexão em proveito de uma educação intercultural em saúde no ensino de Ciências.

Em seguida, apresentaremos a pesquisa do doutorando Walk Loureiro, “O ensino de saúde na prevenção ao uso de drogas em escolas da rede municipal de Cariacica, no Estado do Espírito Santo”, que tem como pergunta de partida: *em que medida é possível construir uma formação em serviço que favoreça a prevenção quanto ao uso de drogas na Educação Básica pela perspectiva da redução de danos?* Acredita-se que alternativas podem ser viabilizadas por meio da construção de oficinas formativas que permitam a elaboração de ideias, atitudes e práticas pedagógicas que sejam coerentes com a prevenção quanto ao uso de drogas durante o exercício profissional.

Por fim, apresentaremos a pesquisa da mestrandia Juliana Soares Dionísio, “Saúde emocional: gênero e gestão escolar”, que tem como pergunta de partida: *de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito das escolas municipais do Rio de Janeiro?* Este estudo compreende possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas no corpo docente e discente da escola básica brasileira.

As pesquisas desenhadas nessa reflexão partem do pressuposto de que uma investigação revolucionária significa que o poder muda de mãos, é claro, mas isso não implica, necessariamente, luta aberta, um golpe, vencedores e vencidos. O poder pode ser dispersado através da estrutura social. Assim como certas células ou órgãos em um corpo se especializam ao longo da evolução, pessoas com interesses comuns se encontram e aprimoram sua especialidade por estímulo mútuo e troca de ideias. Enfim, esse estudo propõe debater e problematizar educação, saúde e interculturalidade transformando, experimentando, especulando, inventando e saboreando fontes novas, mais imaginativas e compensadoras do poder necessário para a transformação social.

1 Saúde, cultura e escola: por uma docência crítica reflexiva e intercultural no ensino de ciências

1.1 A pesquisa

A investigação baseia-se numa metodologia participativa de coleta e análise de dados acerca de confluências teóricas e práticas entre a saúde, a interculturalidade e a disciplina escolar de Ciências. O trabalho empírico está sendo desenvolvido de acordo com os aspectos que se seguem.

1.2 Fases da pesquisa

O desenho metodológico é concebido frente à estrutura lógica da pesquisa. Com efeito, na temática vislumbrada, procura-se refletir sobre a questão: Como professores de Ciências podem construir ideias e atitudes favoráveis à promoção de um ensino de saúde de caráter intercultural na escola básica? Diante da pergunta, a investigação busca, em termos gerais, *Analisar as representações sociais que professores de Ciências elaboram sobre o ensino da saúde e a interculturalidade a partir de sua participação em dinâmicas pedagógicas colaborativas.*

O objetivo geral da pesquisa pressupõe o alcance de três metas específicas, a saber:

- (1) Identificar as representações sociais que professores de Ciências de duas escolas de uma rede pública de ensino básico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro desenvolvem acerca da educação intercultural em saúde;
- (2) Empreender dinâmicas pedagógicas interculturais conjuntamente com os sujeitos da investigação;
- (3) Avaliar os achados obtidos nas dinâmicas.

Cada etapa do trabalho empírico é delineada para atingir uma destas metas.

Respectivamente, aos objetivos listados correspondem ações de diagnóstico, intervenção e avaliação, no movimento ilustrado pela Figura nº 1:

Figura nº 1: O desenho metodológico da pesquisa



Propõe-se, pois, um diagnóstico inicial das representações sociais elaboradas pelos professores, na primeira etapa; uma intervenção pedagógica intercultural construída colaborativamente com esses agentes, na segunda etapa; e uma avaliação dos efeitos produzidos pelas intervenções nas representações sociais dos docentes. A escolha tem presente as potencialidades e as controvérsias inerentes ao uso de metodologias participativas. Por um lado, o recurso pode alavancar a elaboração de ideias e atitudes coerentes com um ensino mais igualitário e plural. Por outro lado, a iniciativa tem sido muito criticada pelo debate acadêmico por permitir uma ampla margem de subjetivismo ao pesquisador, em detrimento de importantes abordagens dos aspectos concretos do campo de investigação e dos efeitos produzidos pelas intervenções nesse espaço. Sendo assim, a metodologia é dimensionada de modo a possibilitar que as dinâmicas pedagógicas pretendidas sejam tanto respaldadas por uma perspectiva prévia das impressões dos sujeitos da pesquisa sobre o ensino intercultural da saúde quanto acompanhadas por uma avaliação dos impactos decorrentes das intervenções em suas ideias e práticas profissionais. O modelo adotado pode permitir, pois, a construção de um arco metodológico compatível com o alcance dos objetivos da investigação. Em cada fase da pesquisa, instrumentos metodológicos variados são empregados nessa finalidade.

1.3 Os instrumentos de pesquisa

Na fase diagnóstica da pesquisa, utiliza-se a técnica de “triangulação” de dados. Parte-se da premissa que o problema em estudo pode ser apreciado por meio de um estudo articulado das percepções e práticas dos atores, das diretrizes e resoluções político-administrativas que regulam a sua atuação no contexto e a estrutura sociocultural onde tal atividade se insere. Os dados relativos a cada um destes “vértices” heurísticos podem ser obtidos por meio de estratégias diversas.

Instrumentos variados são mobilizados para levantar amostras amplas das ideias e práticas dos sujeitos. *Entrevistas individuais semiestruturadas* com profissionais responsáveis pela

coordenação pedagógica do ensino de Ciências nas escolas onde o estudo se desenvolve abordam tópicos como “Experiência profissional”, “O Conceito de Saúde”, “Cultura e Interculturalidade” e “Currículo Escolar”. É vislumbrada também a aplicação de *questionários de “pré-teste”* a professores de Ciências, versando sobre as suas concepções pedagógicas, curriculares e teórico-conceituais sobre os mesmos tópicos acima citados. Este conjunto de dados é provido, ainda, por *observações* livres, com registro em diário de campo, de diversos aspectos contextuais, relacionais e comportamentais pertinentes à escola, bem como práticas de ensino desenvolvidas pelos docentes participantes.

Nos outros vértices, a abordagem inclui análises de documentos significativos ao problema, conforme o modelo de Cellard (2008), e revisões bibliográficas dos pressupostos teórico-conceituais da pesquisa. No recorte definido, são tomados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Ciências, os Projetos Político-Pedagógicos das escolas e planos de aula elaborados pelos docentes participantes. Completam o “triângulo” apontamentos teóricos relativos à “saúde holística”, à “interculturalidade” e à qualificação intercultural do professor da escola básica (Queiroz e Neves, 2018).

A etapa interventiva da pesquisa prevê a construção de um número variável de *grupos focais* com os sujeitos (Elliott, 1991; Thiollent, 1986), nas duas escolas. A estratégia busca conferir aos atores ferramentas pedagógicas que lhes permitam, com autonomia, dialogicidade e reflexividade crítica, propor práticas interculturais de ensino da saúde no cotidiano escolar, avaliar o seu próprio trabalho e aperfeiçoá-lo cotidianamente.

A fase avaliativa, por fim, compreende a aplicação de *questionários “pós-teste”* aos sujeitos participantes alguns meses após a realização dos grupos focais. Almeja-se, com o movimento, verificar efeitos das discussões promovidas nos grupos focais nas práticas profissionais dos professores, possibilitando a análise de suas representações sociais sobre o ensino intercultural da saúde após as intervenções realizadas.

1.3 Os participantes da pesquisa

A amostra da pesquisa envolve duas escolas situadas numa rede pública de ensino básico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil, denominadas como Escolas “A” e “B” doravante. Em cada escola, participam da investigação quatro professores de Ciências além de duas coordenadoras pedagógica, uma de cada escola, responsáveis pela gestão dessa disciplina nas suas respectivas unidades de ensino.

O exercício profissional dos sujeitos acontece em realidades similares, onde são comuns e significativos para a pesquisa:

- (a) episódios de violência relacionados a preconceitos culturais [racismo, sexismo, homofobia, intolerância religiosa e outros];
- (b) comportamentos indisciplinados dos alunos dentro e fora de sala de aula;
- (c) escassa deliberação coletiva dialógica de questões político-pedagógicas.

Nesse espaço, também são relevantes algumas características identitárias comuns aos participantes, tais como:

- (a) despreparo profissional e escassa motivação para inovações pedagógicas;
- (b) tendência ao exercício individualista do trabalho docente;
- (c) mal-estar físico e mental associado aos anos de atividade laboral na escola.

1.4 A Análise de dados preliminares da pesquisa

Até o presente momento, a investigação se encontra na etapa diagnóstica, tendo sido empreendidas as entrevistas com as Coordenadoras e a apreciação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas. Cabe, assim, assinalar considerações preliminares sobre a análise dos dados coletados, diante do quadro teórico que fundamenta a pesquisa.

Refletindo acerca de suas experiências profissionais na escola básica, as Coordenadoras assinalaram importantes contrastes entre o discurso e a ação que tendem a marcar a instituição escolar:

(1) Na esfera cultural, os Projetos Político-Pedagógicos analisados propõem o pluralismo como um dos valores escolares fundamentais, ao passo que sistematicamente as escolas o negam na prática. Apesar do plano retórico, as escolas costumam ser *indiferentes às diferenças*, mesmo frente aos múltiplos conflitos identitários culturais que as caracterizam. Para a Coordenadora Setorial da Escola “A”, por exemplo, “existe muito racismo velado, machismo, homofobia, intolerância religiosa na escola e a Direção não se incomoda com isso”. E sua colega da Escola “B” disse que “[...] a escola parece tratar todo mundo como se fosse ‘igual’ [...] mas ninguém é igual a ninguém e o Outro precisa ser respeitado e reconhecido”.

(2) No terreno pedagógico, o discurso oficial das escolas convergem a “deliberações dialógicas e plurais entre representantes docentes, discentes, das famílias e da sociedade em prol de um ensino de qualidade” (Projeto Político-Pedagógico, Escola “B”), que “pense e experimente inovações pedagógicas para o seu contínuo aperfeiçoamento, no cenário da educação democrática” (Projeto Político-Pedagógico, Escola “A”). Entretanto, a necessidade afirmada esbarra, por vezes, em *obstáculos político-administrativos*. É recorrente nas escolas o que a Coordenadora Setorial da Escola “B” afirmou: “coisa rara aqui na escola é ter a oportunidade de debater sobre o ensino com colegas de outras disciplinas e pais de alunos”. Já a Coordenadora Setorial da escola “A” relata que “A ideia comum entre os professores é, muitas vezes, que cada um está por si no seu trabalho, e que as inovações não são construções conjuntas, dialogadas”.

(3) Numa intersecção entre o pessoal e o coletivo, outra oposição entre discurso e ação conforme as entrevistadas seria a escola como *ambiente insalubre*. De acordo com as entrevistadas, há indícios de que o arranjo institucional escolar pode produzir consequências danosas na saúde de professores, funcionários e alunos. Segundo a Coordenadora Setorial da Escola “B”, muitos de seus colegas docentes “têm ficado depressivos e reféns de medicamentos por causa dos conflitos com os alunos, funcionários e outros professores”. A entrevistada na Escola “A”, por sua vez, declarou que já usufruiu de licença funcional em razão do estresse relacionado ao trabalho. Para ela, licenças como essa se multiplicam nas escolas públicas, ao passo que “as Direções não se interessam em questionar isso, tornando a vida na escola mais saudável para todos”.

Nesse contexto repleto de contradições, não surpreende que as Coordenadoras tenham acenado a uma visão da saúde mais ampla do que o cânone biomédico e organicista. Existiriam várias ‘saúdes’”, como aponta a representante da Escola “A”: a saúde dos órgãos e tecidos corporais, do ambiente, da mente e da sociedade (Coordenadora, Escola “A”). A perspectiva vai ao encontro do disposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. O documento defende uma concepção educativa voltada a “compreender o corpo humano

como um todo integrado e a saúde como bem-estar físico, social e psíquico do indivíduo”. Nestes termos, a saúde seria tanto como um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, mentais e sociais, quanto como um processo no qual estes elementos se entrelaçam.

Deveria ser uma meta do ensino de Ciências o “estabelecimento de relações entre aspectos biológicos, afetivos, culturais, socioeconômicos e educacionais na preservação da saúde para compreendê-la como bem-estar psíquico, físico e social”. Para isso, os professores precisam “incentivar seus alunos a valorizarem as diferenças [...] trabalhando num clima de cooperação e solidariedade com sua classe, favorece a autoestima e a formação de vínculos entre os integrantes do grupo”. Seria razoável supor que tais vínculos possibilitem a criação de canais comunicativos, igualitários e plurais entre as culturas, imprimindo direções interculturais à educação básica.

As entrevistadas se mostraram receptivas à ideia do respeito à diversidade cultural como um aspecto disparador da saúde holística no processo educativo. Uma delas afirmou “todo aluno traz consigo muitas culturas e, se elas não forem reconhecidas no ensino, ele não vai se sentir respeitado e será indisciplinado, agirá com violência, causando mal-estar no outro e até em si mesmo” (Coordenadora, Escola “A”). Apesar disso, quando elas são estimuladas a descrever as práticas de ensino operacionalizadas pela equipe docente da área, os resultados também contradizem os discursos, ficando as suas concepções mais próximas de abordagens episódicas e reducionistas da saúde e da diversidade cultural, como visões organicistas e perspectivas “folclorizadas” das diferenças culturais. Perguntadas sobre estes contrastes, as docentes associaram a condição às suas *formações profissionais*, em que foram escassas reflexões teórico-práticas em torno da concepção de saúde holística e, mais ainda, sobre as culturas de pertencimento dos sujeitos do processo educativo e a interculturalidade como uma alternativa pedagógica desejável.

Diante do exposto, o ensino de saúde tem a potencialidade de se tornar um espaço e processo de construção de ideias e práticas interculturais, porém a sua viabilização concreta passa ainda pela adoção de iniciativas de formação profissional que lhes sejam compatíveis. Propomos, nesta investigação, que a reflexividade crítica pode catalisar significativas intervenções no processo, qualificando e valorizando a carreira docente, bem como diminuindo o imenso fosso que separa teoria e prática na educação escolar.

Temos presente que a pesquisa intenta contribuir com uma nova cultura profissional do trabalho docente (Queiroz e Neves, 2016), que continua distante de se estabelecer na prática, mas tem importância fundamental à educação democrática. Precisamos, não como exceção, e sim como regra, formar e educar nossos professores como intelectuais críticos, capazes de vivenciar em ações individuais e coletivas os discursos da liberdade, da igualdade, do pluralismo e da interculturalidade. Uma docência como tal poderia contribuir à produção de ideias e atitudes profissionais coerentes com estados de bem-estar físicos, mentais e sociais no espaço escolar.

2 O ensino de saúde na prevenção ao uso de drogas em escolas da rede municipal de Cariacica no Estado do Espírito Santo

2.1 A pesquisa e sua respectiva metodologia

O uso de álcool, tabaco e drogas ilegais acarreta um problema social que tem desafiado a população brasileira e que tem afetado quem faz uso de drogas, bem como não usuários que se encontram em seu entorno. A paulatina e progressiva diminuição da faixa etária média das pessoas que iniciam o consumo de tabaco, álcool e drogas ilegais faz com que a instituição escolar passe a ser afetada tanto direta, quanto indiretamente. Na rede municipal de ensino da cidade de Cariacica, localizada no estado do Espírito Santo, a situação não é diferente, motivo pelo qual muitos professores sentem-se despreparados para lidar com o fenômeno das drogas no espaço escolar. Apresentaremos nesta seção o itinerário metodológico que temos percorrido na construção de uma pesquisa em desenvolvimento que tem por objetivo desenvolver experiências de formação com professores da citada rede de ensino de maneira a auxiliá-los a lidar com o fenômeno das drogas no espaço escolar pela perspectiva da redução de danos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de antemão é preciso deixar claro que adotamos a expressão pesquisa qualitativa como termo genérico para apontar que os dados utilizados na realização deste estudo estão sendo recolhidos, bem como utilizados em seus pormenores descritivos e obtidos em seu contexto natural, sem a pretensão de controlar variáveis, tal como o faz a pesquisa experimental. Buscamos, com nosso trabalho de pesquisa, esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que lhes está acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica de toda a dinâmica do fenômeno estudado. Dito de outra maneira, é por meio da visualização e compreensão dos condicionamentos que os professores possuem acerca das drogas, seus usos e abusos que pretendemos criar condições para que os professores da rede municipal de Cariacica saiam da reprodução acrítica de discursos hegemônicos (veiculados especialmente pela mídia) e se tornem capazes de analisar criticamente o fenômeno das drogas, adquirindo e produzindo conhecimento para atender seus alunos (usuários e não usuários), sem preconceitos e discriminações.

Para além de todos os cuidados necessários no âmbito da ética em pesquisa (submissão do projeto ao comitê de ética da Fundação Oswaldo Cruz), conseguimos a autorização da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica para realizar a investigação. Compreendendo que o contato com o campo é uma característica que diferencia a pesquisa qualitativa e entendendo que esse espaço não serve apenas como reservatório de dados, mas também como fonte de questões, sabemos que a entrada no campo refina nosso objeto, uma vez que não é incomum aparecerem questões mais pertinentes e que merecem atenção especial nesta fase do estudo.

Após receber a autorização para entrada no campo da investigação fomos informados de que Cariacica é composta por 98 bairros que estão agrupados em doze regiões administrativas. Essas doze regiões são reagrupadas pela prefeitura em quatro grandes regiões administrativas. Selecionamos 1 escola de cada uma das 4 grandes regiões para precedermos rodas de conversa formativas com os professores acerca das drogas por meio de uma amostra intencional. Trata-se de uma amostra “intencional” por estarmos

elencando, com ajuda de membros da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica, escolas que possuem reconhecidamente casos de alunos usuários de drogas no ambiente escolar.

2.2 Fases da pesquisa

Figura nº 2: O desenho metodológico da pesquisa



A metodologia da pesquisa se contextua na dialética histórico-estrutural, podemos visualizar de forma mais concreta sua estratégia metodológica no quadro do que poderíamos chamar de “pesquisa participante”. A investigação apresenta três momentos essenciais:

Fase diagnóstica – entendida como confluência entre conhecimento científico e saber popular, precisamente na acepção teórico-prática do diagnóstico realizado no fundo pelo próprio pesquisador. Acredita-se que o diagnóstico e o autodiagnóstico da pesquisa chegam à cidadania. Ciência a serviço da emancipação.

Fase da estratégia de enfrentamento prático – a partir do tipo de conhecimento dotado de qualidade formal e política levantado na fase diagnóstica, surge o momento de construir estratégia de enfrentamento prático dos problemas detectados; da teoria, para a prática; estudar, discutir, pesquisar, para mudar; estabelecem-se prioridades, buscam-se recursos, parte-se para a ação.

Fase necessidade de organização política – esse momento coloca a necessidade de organização política da estrutura investigada, como meio e fim; como meio, é estratégia para garantir competência no enfrentamento dos problemas, já que a estrutura pobre isolada não é nada; como fim, é a estrutura que se deseja, democrática, participativa, capaz de construir um quadro tolerável de desigualdades sociais.

A pesquisa encontra-se na fase diagnóstica. Estamos trabalhando em quatro escolas, de quatro regiões diferentes, no município de Cariacica – ES. Em cada escola foram selecionados cinco professores multiplicadores para participarem do estudo, perfazendo um amostra total da pesquisa de vinte professores, sendo dez professores do sexo masculino e dez professoras do sexo feminino.

Os instrumentos de pesquisa usados nessa primeira fase do estudo foi um pré-teste para levantamento de dados e elaboração do diagnóstico inicial da investigação, entrevistas semiestruturadas com os professores participantes da pesquisa e caderno de campo com observações realizadas e registradas pelo pesquisador.

Cinco rodas de conversas, com duração de quatro horas cada uma, foram realizadas para aplicação dos instrumentos de pesquisa junto aos professores participantes da investigação. Escolhemos dias diferenciados para realização das rodas de conversas objetivando driblar a impossibilidade de participação dos sujeitos da pesquisa. O índice de falta dos professores participantes nessa primeira fase do estudo foi nulo, o que muito nos impressionou diante da realidade investigada.

2.3 Análise de dados preliminares da pesquisa

As quatro escolas que participam da pesquisa (A, B, C e D) afirmam que o consumo de drogas é apontado como uma das principais preocupações da sociedade e a escola tem sido considerada um espaço privilegiado para o desenvolvimento da prevenção e a promoção da saúde. No entanto, pairam dúvidas e incertezas sobre o papel que a educação escolar pode assumir nesse contexto e sobre as possibilidades das ações preventivas que professores devem empreender.

As escolas A e D tem problemas significativos com o tráfico ao redor da escola e isso acaba afetando o cotidiano escolar e implicando numa rotatividade de professores muito grande, que não conseguem permanecer trabalhando na escola por muito tempo em função do medo e do despreparo para lidar com essa situação.

A escola B e C não tem o problema com o tráfico ao redor delas. Entretanto, os seus alunos num percentual bastante significativo são usuários de drogas e apresentam-se sempre em confrontos e conflitos com os professores e com a comunidade escolar como um todo.

Os resultados apontam que os professores das escolas A, B, C e D não possuem muitas informações em consonância com o saber científico, principalmente relacionadas aos efeitos do consumo de drogas e às suas consequências orgânicas. Eles se acham despreparados para o desenvolvimento de ações preventivas, dentro desse contexto, nas escolas em que trabalham.

Os termos “vício” e “viciado”, muito presentes nas falas dos professores, exemplificam o atravessamento de ordem moral ao conceito científico. Essa posição assumida por eles pode ser explicada pelo modo como o termo foi construído ao longo do tempo no campo da saúde.

As cinco rodas de conversa realizadas, até o momento, nas escolas A, B, C e D problematizaram as questões necessárias levantadas pelo grupo desses professores que participam da pesquisa, tais como: noções e conhecimentos prévios dos professores sobre drogas, dependência e prevenção; as representações sociais sobre o papel da família e da sociedade na prevenção, bem como sobre o papel da educação escolar e a atribuição de professores na prevenção às drogas.

As rodas de conversa realizadas até o momento dedicaram-se a escutar, com proximidade, as considerações dos professores sobre a temática das drogas no ambiente escolar e a concomitantemente construir e partilhar conhecimento em um processo de formação. Da análise dessa vivência, emergiram como fatores que dificultam que as escolas e seus professores desenvolvam ações de prevenção e promoção de saúde:

- a) A presença de representações sociais que relacionam linearmente o consumo de drogas à violência e à anormalidade, acarretando sentimentos de medo e insegurança nos professores, dificultando a aproximação tanto dos alunos que possam estar consumindo drogas como da temática em si;

- b) A responsabilização de outras instituições pela prevenção, como a família, as áreas da saúde, e segurança, desimplicando-se do papel preventivo proposto ao campo da educação e à figura do educador;
- c) A forma de funcionamento do sistema escolar público com demandas múltiplas, tempo de planejamento e reflexão escassos, e desarticulação entre os professores, coordenadores pedagógicos e diretores para tratarem da questão.

Todos os dados levantados nessa primeira fase da pesquisa estarão sendo trabalhados efetivamente na fase da estratégia do enfrentamento prático dos problemas abordados. Acreditamos que os saberes que envolvem essa questão que investigamos não podem ser ensinados, mas, antes, só podem ser construídos e, nesse processo, o encontro respeitoso entre saúde e educação pode resultar em ganhos significativos para a formação de profissionais de ambas as áreas.

3 Saúde emocional: gênero e gestão escolar

3.1 A pesquisa e sua metodologia

A pesquisa foi empreendida através de um estudo de caso em uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, inserida em um dos maiores complexos de favelas da cidade-Complexo da Pedreira - no bairro Pavuna. A área possui alto índice de violência, miserabilidade e criminalidade, sendo escassamente assistida pelo poder público.

A rede municipal de ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro está subdividida em 11 Coordenadorias Regionais de Educação - CREs, onde se inserem 1565 unidades escolares. As CREs fracionam-se por bairros e, na 6ª região, encontra-se Pavuna - local onde esta pesquisa se desenvolve.

Levando em consideração a realidade descrita, optamos por empreender um estudo de caso no âmbito de uma das escolas da 6ª CRE, localizada no complexo de favelas da Pedreira - no bairro Pavuna. Tendo presente que essa metodologia consiste na abordagem de uma questão social por meio de uma visão aprofundada das estruturas, relações, atores, funções e imaginários vigentes numa dada realidade empírica, procederemos à coleta de uma vasta gama de dados.

Desenvolvemos a função de agente educadora ao longo de 7 anos na Prefeitura do Rio de Janeiro, sendo 6 destes, alocada na referida escola. Ao analisarmos superficialmente o contexto onde a unidade escolar está inserida, poderíamos supor que os fatos apresentados acima seriam suficientes para explicar o desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Contudo, através de nossa atividade laborativa pudemos observar mais cuidadosamente o relato de professoras e funcionárias, e as constantes queixas quanto ao tratamento dispensado a elas pela gestão da escola. Através de uma apreciação mais detalhista, expandida por meio desta pesquisa, observamos que o desenvolvimento de comorbidades psíquicas eram mais comuns entre as mulheres da escola, enquanto que para os homens, não havia relatos. A pressão e cobrança que recebiam no ambiente de trabalho foi apontada por muitas delas como o fator desencadeador dos problemas emocionais.

Em razão de outra possibilidade, que não a violência do entorno, como justificativa para o alto índice de distúrbios psíquicos entre funcionárias do gênero feminino na escola é que consideramos mais adequada, *a priori*, a coleta de dados através das estratégias metodológicas desenhadas para essa pesquisa.

Figura nº 3: O desenho metodológico da pesquisa



Propomos, pois, um diagnóstico inicial das representações sociais elaboradas pelos professores, gestores, funcionários e alunos da escola na primeira fase; uma intervenção pedagógica a partir de rodas de conversa, oficinas e análises documentais construída colaborativamente com esses agentes, na segunda fase; e uma avaliação dos efeitos produzidos pelas intervenções nas representações sociais dos sujeitos da pesquisa e através de uma triangulação com os dados trabalhados.

3.2 Os sujeitos da pesquisa

De um conjunto de 14 funcionários/as, 16 professores/as - incluindo equipe de direção, e 357 alunos/as, buscamos selecionar sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros, por considerarmos que o tema deste trabalho tenha interferência direta na vivência de todos/as os/as que estão compreendidos/as no contexto da Unidade Escolar. No quantitativo de funcionários/as, foram considerados os terceirizados, pois acreditamos que estes também estariam sujeitos aos mesmos processos coercitivos que os demais. Buscamos identificar através de rodas de conversa, oficinas, análise documental, observação em campo e entrevistas semiestruturadas, de que modo as questões de gênero interferem nos índices de cuidado e no gerenciamento de *stress*, além de tentar compreender como estão estabelecidas as relações de gênero no cotidiano da escola.

3.3 Instrumentos de pesquisa

Foram adotados alguns instrumentos de pesquisa que posteriormente tornaram-se decisivos nas estratégias metodológicas da pesquisa:

- a) Entrevistas individuais semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa;
- b) Diário de Campo - registro e observação do cotidiano escolar;
- c) Oficinas pedagógicas – representações sociais e formação;
- d) Documentos – análise documental;

3.4 Estratégias metodológicas da pesquisa

a) A Estratégia metodológica utilizada para análise foi a triangulação de dados. Esta consiste em uma divisão de interesses em três etapas:

Processos e Produtos centrados no sujeito - Ideias, percepções e comportamentos dos sujeitos de pesquisa e demais percepções registradas pelo pesquisador através de entrevistas, rodas de conversa, oficinas, análise documental e observações em campo.

b) Elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade - documentos oficiais, estatísticos e fotográficos que regulam o comportamento dos sujeitos dentro de instituições, organizações e em grupos determinados.

c) Processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito - termos de atuação dos sujeitos sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade.

Em vista do exposto, reunimos informações a partir de rodas de conversa, oficinas pedagógicas, entrevistas semiestruturadas, leitura do livro de ocorrências da unidade escolar, análise de legislação pertinente às questões de gênero nas escolas e demais legislações relacionadas à ética e gestão escolar, além do embasamento teórico que trouxe suporte a todo o trabalho. Ademais, foram realizadas observações do cotidiano escolar, com registro em diário de campo. Essa pluralidade de referências permitiu uma análise profícua das relações entre gênero e saúde emocional na escola onde a pesquisa está sendo realizada, face aos objetivos da mesma.

Almejamos que a pesquisa configurada nesses termos contribua para reflexão acadêmica e escolar e, possivelmente, colabore à discussão de mecanismos de prevenção no desenvolvimento de distúrbios emocionais que encontram várzea em ambientes discriminatórios inveterados dentro das escolas da rede municipal do Rio de Janeiro - Brasil.

3.5 Resultados preliminares da pesquisa

Antes de qualquer coisa faremos a apresentação e a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa até o momento, além de uma análise prévia dos dados coletados, articulados às principais questões abordadas nesta primeira fase da investigação. Para os participantes da pesquisa, foram usados nomes de cidades, no intuito de resguardo de suas identidades.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa

Sujeitos da Pesquisa	Sexo Biológico	Idade	Formação	Função	Anos de trabalho na escola
Tóquio	Feminino	50	Nível Superior	Professora	06 anos
Nairóbi	Feminino	38	Nível Superior	Professora	06 anos
Rio	Masculino	38	Ensino Médio	Funcionário	6 anos e 6 meses
Moscou	Masculino	60	Nível Superior	Professor	29 anos
Denver	Masculino	39	Nível superior + Pós-graduação	Coordenador Pedagógico	3 anos e meio
Niterói	Masculino	29	Nível superior + Pós-graduação	Diretor Geral	05 anos
Arturo	Masculino	32	Nível superior + Pós-graduação	Diretor Adjunto	07 anos
Helsinki	Masculino	42	Nível superior + Pós-graduação	Professor	02 anos
Curitiba	Feminino	42	Ensino Médio	Funcionária	03 anos
Colatina	Feminino	13	Ensino Fundamental	Aluna	02 anos
Guarapari	Masculino	14	Ensino Fundamental	Aluno	03 anos

Como observado no quadro, procuramos um equilíbrio mínimo entre o quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa, exceto quanto à equipe de direção, por ser exclusivamente formada por homens. Deste modo, foi possível identificar os impactos das questões de gênero, saúde e da forma de gestão, sobre ambos os sexos. Cabe ressaltar que no início do ano de 2018, através de processo eleitoral, uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina. Este fato trouxe impactos significativos sobre o ambiente da escola. Isso foi ressaltado durante as entrevistas, quando os/as participantes afirmaram que a escola passou a ser mais harmoniosa e empática a partir da assunção da nova direção. Com exceção de uma professora, Nairóbi, que pontuou preferir a antiga gestão, pois afirmou se sentir mais compreendida na gestão anterior. Quanto aos demais, todos relataram estarem se sentindo melhor no ambiente escolar. Realizamos um levantamento no registro de ponto dos funcionários dos anos de 2017 e 2018, último ano da gestão das mulheres e o primeiro ano da gestão masculina, na busca de identificar correlações com os depoimentos. Pude observar uma queda no quantitativo de licenças médicas para tratamento psiquiátrico e psicológico que fossem superiores a uma semana. No ano de 2017, as licenças nessas mesmas condições eram exclusivamente de mulheres, não havendo nenhum caso masculino. No ano de 2018, nenhum funcionário/a ou professor/a deu entrada com processo de licença para tratamento de tais comorbidades. No que se refere aos/as alunos/as, foram desenvolvidas algumas atividades no intuito da promoção de saúde emocional, além de um crescimento do quantitativo de crianças encaminhadas para tratamento psicológico. Neste sentido, com o apoio da direção e como um desdobramento

desta pesquisa, pudemos desenvolver juntamente com uma professora e o coordenador pedagógico, oficinas com alunas vítimas de estupro que se automutilavam dentro da escola. Nestas oficinas, foram tratadas questões relacionadas a gênero, saúde emocional e interpessoal. Após alguns meses, a direção e os professores da escola relataram uma profunda melhora no comportamento e avaliações destes/as alunos/as, além da narrativa de alguns/mas que afirmavam ter abandonado a prática do auto corte.

Considerando o exposto, a princípio atentamo-nos à possibilidade de compreender quais estruturas sociais estavam por influenciar o comportamento das equipes de direção da escola. A anterior, exclusiva de mulheres, e a equipe atual, formada por homens. Questionamo-nos por que comportamentos tão distintos eram dispensados aos componentes do corpo escolar, em especial às mulheres, por ambas as direções. Por que questões importantes relacionadas à saúde e ao bem-estar emocional dos/as alunos/as foram ignoradas pela primeira gestão e exaltadas pela segunda. Estes questionamentos nos levaram a refletir sobre a ingerência cultural/social naquele espaço. Construções culturais de gênero, papéis estabelecidos socialmente para homens e mulheres, e o poder simbólico que cerceia tais relações, estariam por influenciar diretamente o comportamento destes/as gestores/as. No que se refere às mulheres, podemos refletir sobre os processos de condicionamento históricos, que fazem com que as mesmas não se enxerguem enquanto classe e, por conseguinte, lutem por melhorias nas condições de trabalho e vida como um todo. Elas passam a se identificar com seus opressores através de laços invisíveis que não podem ser comparados a quaisquer outros. Foram condicionadas por uma estrutura social coercitiva, uma cultura hegemônica a não se identificarem enquanto grupo, enquanto casta. Foram ensinadas a assumirem posturas opressoras e de rechaço com relação às outras. O que acaba por garantir que a estrutura de domínio e poder sobre elas se solidifique. A escola, enquanto mecanismo institucionalizador, reproduz e consubstancia as desigualdades sociais. Neste sentido, entendemos as potencialidades das oficinas pedagógicas como mecanismo de reflexão e produção de novos saberes capazes de contribuir para a equidade de gênero no âmbito escolar. Nestes termos, configuramos a elaboração deste espaço de diálogo em um segundo momento da pesquisa, como forma de promoção de saúde emocional na escola, ao possibilitar o debate sobre os temas que ancoram esta pesquisa - gênero, saúde e relações de trabalho - e que acabam por incidir na vida de todos os integrantes da comunidade escolar.

CONCLUSÕES

Esta reflexão debateu e problematizou algumas questões que estão nascendo e sendo trabalhadas em algumas iniciadas pesquisas qualitativas nas interfaces da educação, saúde e interculturalidade, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz. Síntese e percepção de padrões são necessárias à sobrevivência no nosso século. À medida que a cultura se torna mais complexa, a ciência

mais abrangente, as opções mais diversas, necessitamos de uma educação que compreenda o inovar, sentir, sonhar e imaginar. Vivemos uma época de rápido reajustamento na vida cotidiana e de uma revisão radical da ciência. Níveis múltiplos da realidade, novas noções sobre o mundo físico, estados expandidos da consciência e assombrosos avanços tecnológicos estão na pauta das transformações universais. As instituições educativas, em sua maior parte, foram no passado particularmente inóspitas aos indivíduos criativos e inovadores. Os inovadores agitam, perturbam o entorpecido *Status Quo*. Em meio a uma profusão de informações, podemos estar caminhando no sentido de uma economia de aprendizado – alguns poucos e eficazes princípios e teorias fazendo sentido em muitas propostas de pesquisa e educação. O espírito de nossa época se encontra cheio de paradoxos. É, ao mesmo tempo, pragmático e transcendental. Dá valor, simultaneamente, ao esclarecimento e ao mistério, ao poder e à humildade, à interdependência e à individualidade. Ao mesmo tempo, é político e apolítico. Os impulsionadores incluem os que são irrepreensíveis aliados do sistema e radicais que já desfilaram com cartazes de protesto. Na história recente, este espírito contaminou a saúde, a educação e as ciências sociais. É caracterizado por organizações fluídas, relutantes em criar estruturas hierárquicas, avessa aos dogmas. Baseia-se no princípio de que a mudança pode ser facilitada, transformando, experimentando, especulando, inventando e saboreando fontes novas, mais imaginativas e compensadoras do poder necessário para a transformação social.

REFERÊNCIAS

- Barros, J. P. P., & Colaço, V. de F. R. (2015). Drogas na escola: análise das vozes sociais em jogo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 253-273, mar.
- Bawarshi, A.S. & Reiff, M. J. (2013). *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola.
- Briceño-León, R. (1996) Siete tesis sobre la educación sanitaria para la participación comunitaria. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 12(1):7-30, jan-mar.
- Canguilhem, G. (1990). *O Normal e o Patológico*. São Paulo: Forense.
- Dejours, C. (1986). *Por um Novo Conceito de Saúde*. In: Revista Brasileira de Saúde Ocupacional Vol. 14, n° 54, 1986.
- D’Orazio, W. P. S. et al. (2013). Uso de drogas e desempenho escolar entre jovens e adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Pires do Rio – GO. *Holos*, Natal, ano 29, v. 5, p. 305-314.
- Poupart, J. et al. (Org.). (2008). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos (5ª Edição)*. Vozes: Rio de Janeiro. p. 127-153.

- Queiroz, P. P. & Neves, F. H. (2018). *Ensino de Sociologia: escola, formação de professores e interculturalidade*. Rio de Janeiro: Autografia.
- Santos, B. S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo.
- Taylor, C. (1994). *Multiculturalism and the Politics of Recognition*. Princeton: Princeton University Press.

Capítulo publicado nos anais do CIAIQ Saúde Emocional: gênero e gestão escolar na escola básica

Juliana Soares Dionísio³⁵

Paulo Pires de Queiroz³⁶

Resumo. A definição de saúde passou a ser mais complexa ao longo dos anos, contemplando toda a magnitude da vida humana. Ao observarmos a humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e em nossa perspectiva, acreditamos estar observando processos de submissão feminina na escola básica. Nesse cenário, não tem sido poucas as mulheres a apresentarem distúrbios emocionais. Diante do exposto, questionamos de que forma as questões relacionadas ao gênero podem contribuir para elevar a incidência de problemas emocionais em uma escola do Rio de Janeiro? Investigaremos como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional na escola. Para tal, visamos compreender possíveis regularidades entre os papéis socialmente atribuídos aos sexos e a incidência de doenças psíquicas no âmbito da escola. A proposta compreenderá um estudo de caso, almejando contribuir para reflexões profícuas acerca da temática.

Palavras-chave: Gênero; escola básica; saúde emocional; papéis de gênero.

Emotional Health: gender and school management in elementary school

Abstract. The definition of health has become more complex over the years, contemplating the full magnitude of human life. As we look at humanity, we can identify which distinct roles are expected of men and women, and in our perspective, we believe we are observing processes of female submissiveness in elementary school. In this scenario, there have been few women experiencing emotional disturbances. Given the above, we asked how gender issues can contribute to raising the incidence of emotional problems in a school in Rio de Janeiro? We will investigate how the symbolic power exercised through gender relations can have different effects on the emotional health indexes at school. To do this, we aim to understand possible regularities between the roles socially attributed to the sexes and the incidence of psychic illnesses within the school. The proposal will include a case study, aiming to contribute to fruitful reflections on the theme.

Keywords: Gender; basic school; emotional health; gender roles.

³⁵ Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Ensino em Biociência e Saúde- Instituto Oswaldo Cruz- Fundação Oswaldo Cruz. Av. Brasil, 4365 - Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ - Brasil CEP: 21040-360. Tel: (21) 2598-4220.

³⁶ Doutor em Filosofia e Humanidades - Columbia Pacific University (1997). Professor e Pesquisador Adjunto da Faculdade de Educação na Universidade Federal Fluminense. Professor e Pesquisador no Programa de Mestrado e Doutorado EBS - Ensino em Biociências e Saúde da FIOCRUZ. Tem experiência significativa na área de Ensino e atualmente trabalha com pesquisa nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Saúde nos âmbitos da Graduação e da Pós-Graduação.

1 Introdução

Construímos a proposta desta pesquisa, a partir da trajetória de 7 anos de trabalho de um dos dois autores, em uma escola básica da cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho está situado na intercessão de temas de grande relevância no cenário social atual: gênero, saúde e educação. Nestes termos, esta investigação se configurou.

No pós-guerra, em 1946, a Organização Mundial de Saúde- OMS estabeleceu como 'saúde' o completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou incapacidade num organismo específico. Debruçados sobre este conceito, nos deparamos com as questões de gênero e seu impacto na vida das pessoas. Ao observarmos a história da humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e no caso destas últimas, devido a construções sociais e processos históricos, foi reservado um papel hierárquico inferior ao masculino.

No âmbito da escola onde esta pesquisa se desenvolveu, observamos que no decorrer dos anos, diversos funcionários passaram a apresentar distúrbios psíquicos. No entanto, ao direcionarmos o olhar sobre a questão de forma mais minuciosa, percebemos que muitos casos de problemas emocionais desenvolvidos naquele espaço eram correlatos a funcionárias do gênero feminino.

É certo que a escola está inserida em uma realidade conflituosa, onde disputas armadas pelo domínio do território são travadas constantemente entre traficantes e policiais. O colégio localiza-se em uma das comunidades com mais alto índice de violência e vulnerabilidade social do Rio de Janeiro, sendo esta por si só, uma condição bastante propícia ao desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Entretanto, não cremos que a incidência desses tipos de moléstias sejam um fato somente atribuível ao ambiente socioespacial em que a escola se insere. Em nosso ponto de vista, a dinâmica das relações de gênero dentro da instituição, pode ter uma significativa influência nesse quadro de mal-estar.

Portanto, é a partir desta observação do vivido, que nasce a pergunta da pesquisa: de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito de uma escola básica do Rio de Janeiro? Cremos que a escola possa ser um espaço de reprodução e naturalização da submissão, que se manifesta, sistematicamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a subalternização feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres. Essa dominação tem prejudicado significativamente a saúde emocional feminina no referido colégio.

Sendo assim, o empreendimento busca analisar como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional de mulheres e homens atuantes no âmbito da escola. Em específico, o trabalho mira os seguintes objetivos: (1) Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de *stress* do/na escola e (2) Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano desta unidade escolar. Nesse sentido, procuramos refletir, sob a ótica da pesquisa social, acerca de um quadro que acreditamos estar sendo vivenciado na escola básica.

Gênero, Saúde e Educação

Papeis sociais diferenciados são atribuídos a homens e mulheres e podem impactar a saúde de ambos diversamente. Mecanismos de poder simbólico que regem, legitimam e representam as relações sociais tendem a conferir ao campo masculino, as posições e as recompensas características da autoridade, da liderança, da atividade e da criatividade (Bourdieu, 2017; Kergoat, 2009). Sobre as mulheres pesariam os papéis da subalternidade e da passividade, nos espaços doméstico e público.

Simone de Beauvoir (1960b, p.9) problematiza a experiência de gênero, através da frase "*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*". Na crítica da autora, as características biológicas e físicas, típicas do sexo feminino não são determinantes para sua designação neste grupo, mas sim, o papel atribuído na coletividade- o gênero. Sabemos que o campo de debate sobre o tema se expandiu, e a frase da filósofa ganhou novas e importantes interpretações na discussão acerca da diversidade de identidades. Contudo, não podemos deixar de lado as significativas contribuições suscitadas a partir

de sua perspectiva inicial. A construção da feminilidade estaria diretamente relacionada ao papel social designado à mulher, e não correlato às características biológicas.

A saúde feminina pode, pois, ser resultante da contínua naturalização, por meio de práticas e imaginários sociais, de uma suposta “inferioridade” inerente à mulher e é importante problematizar como essa cadeia de fenômenos se processa na instituição escolar.

2 Objetivos

Nesta etapa serão explicitados os objetivos desta pesquisa. Os objetivos específicos foram elaborados de modo que possibilitassem o alcance do objetivo geral, colaborando assim, para o encontro de respostas à questão de partida desta investigação.

2.1 Objetivo Geral

Analisar possíveis regularidades entre os papéis hierárquicos socialmente atribuídos a homens e mulheres e a incidência de doenças psíquicas no corpo docente e discente em uma escola do Rio de Janeiro.

2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de stress da/na escola;
2. Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano desta unidade escolar.

3 Metodologia

Neste capítulo, será apontado o caminho metodológico percorrido na captação e análise dos dados deste trabalho. Acreditamos que a metodologia configurada deste modo, nos possibilitará alcançar os objetivos estipulados e, por conseguinte, responder à questão de partida desta investigação.

3.1 Natureza da Pesquisa

Consideramos possível problematizar como objeto de análise social, o próprio espaço laboral de um dos pesquisadores, embora entendamos que em alguma medida, a subjetividade possa interferir no processo educativo. Por considerarmos a importância dos significados e subjetividades das ações humanas, é que centramos o desenvolvimento desta pesquisa principalmente no método qualitativo. Entretanto a utilização do método quantitativo não foi descartada, por entendermos que ambas as abordagens desenvolvem uma relação de complementariedade. O estudo qualitativo pode apresentar questões relevantes que necessitem de aprofundamento pelo quantitativo, e o mesmo ocorre no caso contrário. A complementação de métodos acarreta ganhos significativos à pesquisa, pois a mutualidade pode funcionar tanto como mecanismo amplificador de discussões, quanto instrumento potencializador das descobertas científicas.

3.2 Campo da pesquisa

A pesquisa foi empreendida através de um estudo de caso em uma escola básica do Rio de Janeiro, inserida em um dos maiores complexos de favelas da cidade- Complexo da Pedreira- no bairro Pavuna. A área possui alto índice de violência, miserabilidade e criminalidade, sendo escassamente assistida pelo poder público.

Ao analisarmos superficialmente o contexto onde a unidade escolar está inserida, poderíamos supor que o desenvolvimento de doenças emocionais é justificado pela realidade do entorno. Contudo, através de uma apreciação mais detalhista, expandida por meio desta pesquisa, constatamos que o desenvolvimento de comorbidades psíquicas era mais comum entre as mulheres da escola, enquanto que para os homens, não havia relatos.

Em razão de outra possibilidade, que não a violência da comunidade, como justificativa para o alto índice de distúrbios psíquicos entre funcionárias do gênero feminino na escola é que consideramos mais adequada, *a priori*, a coleta de dados através do instrumento metodológico descrito no subtítulo 'Instrumentos da Pesquisa'.

3.3 Sujeitos da Pesquisa

De um conjunto de 14 funcionários, 16 professores- incluindo equipe de direção, e 357 alunos, buscou-se selecionar sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros, por considerarmos que o tema deste trabalho tenha interferência direta na vivência de todos os que estão compreendidos no contexto da Unidade Escolar. No quantitativo de funcionários foram considerados os terceirizados³⁷, pois acreditamos que estes também estariam sujeitos aos mesmos processos coercitivos que os demais. Buscamos identificar através de oficinas pedagógicas, análise documental, observação em campo e entrevistas semiestruturadas, de que modo às questões de gênero interferem nos índices de cuidado e no gerenciamento de *stress*, além de tentar identificar e descrever como estão estabelecidas as relações de gênero no cotidiano da escola.

3.4 Estratégia Metodológica

Foram adotados 5 artifícios para captação e análise dos dados desta pesquisa.

1. Realização de entrevistas individuais semiestruturadas com professores, funcionários, alunos e equipe de direção;
2. Observação do cotidiano escolar e registro em diário de campo;
3. Oficinas pedagógicas;
4. Análise documental;
5. Triangulação de dados.

3.5 Instrumentos da Pesquisa

O instrumento metodológico utilizado para análise foi a triangulação de dados. Este mecanismo permite a utilização de três técnicas para coleta que possibilitam ao pesquisador ampliar o universo informacional que circunda seu objeto de pesquisa (Marcondes; Brisola, 2014; Triviños, 1987; Mynaio, 1993).

Em vista do exposto, reunimos informações a partir de oficinas pedagógicas, de entrevistas semiestruturadas, da leitura do livro de ocorrências da unidade escolar, da análise de legislação pertinente às questões de gênero nas escolas e demais legislações relacionadas à ética e gestão escolar. Foram realizadas ainda, observações do cotidiano escolar com registro em diário de campo. Todos estes dados serão analisados levando em conta o arcabouço teórico citado neste trabalho. Essa pluralidade de referências permitirá uma análise profícua das relações entre gênero e saúde emocional no colégio, face aos objetivos da pesquisa.

4 Resultados Preliminares

Neste tópico serão apresentadas a caracterização dos sujeitos participantes deste trabalho, além de uma análise prévia dos dados coletados, articulados às principais questões abordadas nesta investigação. Foram usados nomes de cidades como codinomes para os funcionários e professores da escola, no intuito do resguardo de suas identidades.

Tabela 1. Caracterização dos participantes.

Sujeitos da pesquisa	Sexo Biológico	Idade	Função	Anos de trabalho na escola	Formação
Tóquio	Feminino	50	Professora	6	Nível Superior
Nairóbi	Feminino	38	Professora	6	Nível Superior
Rio	Masculino	38	Funcionário	6	Ensino Médio
Moscou	Masculino	60	Professor	29	Nível Superior
Denver ³⁸	<i>Masculino</i>	39	Coodernador Pedagógico	3	Nível Superior

³⁷ Funcionários contratados por empresas que prestam serviço à Secretaria de Educação. Estes, não estão sob o regime estatutário que regulamenta as atividades dos funcionários públicos da Prefeitura do Rio de Janeiro, mas suas atividades são regulamentadas através da CLT- Consolidação das Leis Trabalhistas, do Brasil.

³⁸ Membro da equipe de direção da escola.

Como observado no quadro, procuramos um equilíbrio mínimo entre o quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa, exceto quanto à equipe de direção, por ser exclusivamente formada por homens. Deste modo, foi possível identificar a influência das questões de gênero, sobre a saúde de ambos os sexos. Cabe ressaltar que no início do ano de 2018, uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina. Este fato trouxe impactos significativos sobre o ambiente da escola. Isso foi ressaltado durante as entrevistas, quando os participantes afirmaram que o espaço passou a ser mais harmonioso e empático a partir da assunção da nova direção. Realizamos um levantamento dos registros de ponto dos funcionários, dos anos de 2017- último da gestão exclusiva de mulheres- e 2018- primeiro da direção masculina- na busca de identificar correlações com os depoimentos. Pudemos observar uma queda no quantitativo de licenças médicas para tratamento psiquiátrico e psicológico que fossem superiores a 1 semana. No ano de 2017, as licenciadas nessas mesmas condições eram exclusivamente mulheres, não havendo nenhum caso masculino. No ano de 2018, nenhum funcionário ou professor de ambos os sexos deu entrada com processo de licença para tratamento de tais comorbidades.

No que se refere aos alunos, como um desdobramento desta pesquisa, pudemos desenvolver oficinas pedagógicas com estudantes vítimas de estupro que se automutilavam na escola. Nestas, foram tratadas questões relacionadas a gênero e saúde emocional.

5 Conclusões

Considerando o exposto, a princípio atentamo-nos à possibilidade de compreender quais estruturas sociais estavam por influenciar o comportamento das equipes de direção da escola. Questionamo-nos porquê comportamentos tão distintos eram dispensados aos componentes do corpo escolar, em especial às mulheres, por ambas as direções. Este questionamento conduziu-nos à reflexão sobre a ingerência cultural/social naquele espaço. Construções culturais de gênero e o poder simbólico que cerceia tais relações, estariam por influenciar diretamente o comportamento deste gestores e a determinar toda a dinâmica compreendida naquele espaço (Beauvoir, 1960a; Bourdieu, 2011). Nestes termos, configuramos a elaboração de espaços de diálogo, como forma de promoção de saúde emocional na escola, possibilitando o debate sobre os temas que ancoram esta pesquisa- gênero, saúde e educação- e que acabam por incidir na vida de todos os integrantes da comunidade escolar.

Referências

- BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960 a. _____ . O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960b.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- FILHO, N. de A. O que é saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- KERGOAT, D. As Relações Sociais de Sexo. In: Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Ed. Unesp, 2009 (p.67-75).
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições [online]. 2008, v.19, n.2, p.17-23. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 28-06-2018.
- MARCONDES, N. A. V. & BRISOLA, E. M. A. Análise por Triangulação de Métodos: Um Referencial para Pesquisas Qualitativas. Revista Univap- São Paulo, 2014.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- MINAYO, M. C. De S. & SANCHES, O. *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

QUEIROZ, Paulo Pires de. Pensando a inclusão no processo de escolarização de alunos com deficiência. In: QUEIROZ, Paulo Pires de (org.). Ensino, Saúde e Inclusão: Olhares e Reflexões. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

TRIVIÑOS, A. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Websites

Prefeitura do Rio de Janeiro- SME/RJ. **Unidades Escolares**. Disponível em <<http://webapp.sme.rio.rj.gov.br/jcartela/publico/pesquisa.do?cmd=listCres>>. Página acessada em 11 de maio de 2018.

Artigo Publicado na Revista internacional Indagatio Didactica

Gênero, Saúde e Escola: Um Estudo de Caso

Gender, health and school: a case study

Juliana Soares Dionísio

Fundação Oswaldo Cruz
Universidade Federal Fluminense

Juliana.dionisio@ioc.fiocruz.br

jujuliaquei@gmail.com

[Orcid: 0000-0002-6954-8301](https://orcid.org/0000-0002-6954-8301)

Paulo Pires de Queiroz

Universidade Federal Fluminense
Fundação Oswaldo Cruz

ppqueiroz@yahoo.com.br

[Orcid: 0000-0002-0609-6424](https://orcid.org/0000-0002-0609-6424)

Resumo: A definição de saúde passou a ser mais complexa ao longo dos anos, contemplando toda a magnitude da vida humana. Ao observarmos a humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e em nossa perspectiva, acreditamos estar observando processos de submissão feminina dentro desse contexto. Nesse cenário, não tem sido poucas as mulheres a apresentarem distúrbios emocionais. Diante do exposto, questionamos de que forma as questões relacionadas ao gênero podem contribuir para elevar a incidência de problemas emocionais em uma escola básica do Rio de Janeiro? Investigamos como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional na escola. Para tal, visamos compreender possíveis regularidades entre os papéis socialmente atribuídos aos sexos e a incidência de doenças psíquicas no âmbito da escola. A proposta compreendeu um estudo de caso, adotando como estratégia a realização de entrevistas semiestruturadas com professores/as, funcionários/as, alunos/as; o desenvolvimento de oficinas pedagógicas; a coleta de documentos que regulam a vida dos sujeitos no campo; a observação livre e o registro em diário de campo. Como instrumento de análise foi utilizada a triangulação de dados. Os resultados apresentados apontam para uma profunda influência das questões de gênero no âmbito da escola, sem que os indivíduos participantes da pesquisa tenham clareza sobre esta ingerência. O influxo desta estrutura sobre a promoção de saúde e doença também foi identificado. Foi percebida uma significativa dificuldade na compreensão do significado do conceito de gênero e sua influência na vida como um todo. A análise dos dados indicou a necessidade de mecanismos que esclareçam, façam refletir e promovam ações que visem dirimir as desigualdades nas relações de gênero dentro dos espaços escolares, levando em conta a capacidade socializadora e emancipatória destes locais. Ademais, este estudo almejou contribuir para reflexões acadêmicas e escolares profícuas acerca da temática.

Palavras-chave: Gênero; escola básica; saúde emocional; papéis de gênero.

Abstract. The definition of health has become more complex over the years, encompassing the full magnitude of human life. As we look at humanity, we can identify which distinct roles

are expected of men and women, and from our perspective we believe we are observing processes of female submission within this context. In this scenario, there have been few women with emotional disturbances. Given the above, we question how gender issues can contribute to increase the incidence of emotional problems in a basic school in Rio de Janeiro? We investigated how symbolic power exerted through gender relations can have different effects on emotional health indices at school. To this end, we aim to understand possible regularities between the roles socially attributed to the sexes and the incidence of psychic diseases in the school. The proposal comprised a case study, adopting a strategy of conducting semi-structured interviews with teachers, staff, students; the development of pedagogical workshops; the collection of documents that regulate the lives of the subjects in the field; free observation and field journaling. As an analysis instrument we used data triangulation. The results presented point to a profound influence of gender issues within the school, without the participants participating in the research being clear about this interference. The influence of this structure on health and disease promotion has also been identified. A significant difficulty was perceived in understanding the meaning of the concept of gender and its influence on life as a whole. Data analysis indicated the need for mechanisms that clarify, reflect and promote actions aimed at resolving inequalities in gender relations within school spaces, taking into account the socializing and emancipatory capacity of these places. Moreover, this study aimed to contribute to fruitful academic and school reflections on the subject.

Keywords: Gender; basic school; emotional health; gender roles.

Resumen: La definición de salud se ha vuelto más compleja a lo largo de los años, abarcando toda la magnitud de la vida humana. Al observar a la humanidad, podemos identificar qué roles distintos se esperan de hombres y mujeres, y desde nuestra perspectiva, creemos que estamos observando procesos de sumisión femenina dentro de este contexto. En este escenario, ha habido pocas mujeres con trastornos emocionales. Dado lo anterior, nos preguntamos cómo los problemas de género pueden contribuir a aumentar la incidencia de problemas emocionales en una escuela básica en Río de Janeiro. Investigamos cómo el poder simbólico ejercido a través de las relaciones de género puede tener diferentes efectos en los índices de salud emocional en la escuela. Con este fin, nuestro objetivo es comprender las posibles regularidades entre los roles socialmente atribuidos a los sexos y la incidencia de enfermedades psíquicas dentro de la escuela. La propuesta comprendió un estudio de caso, adoptando una estrategia de realizar entrevistas semiestructuradas con maestros, personal, estudiantes; el desarrollo de talleres pedagógicos; la colección de documentos que regulan la vida de los sujetos en el campo; observación gratuita y registro de campo. Como instrumento de análisis utilizamos la triangulación de datos. Los resultados presentados apuntan a una profunda influencia de los problemas de género dentro de la escuela, sin que los participantes de la investigación sean claros acerca de esta interferencia. También se ha identificado la influencia de esta estructura en la promoción de la salud y la enfermedad. Se percibió una dificultad significativa para comprender el significado del concepto de género y su influencia en la vida como un todo. El análisis de datos indicó la necesidad de mecanismos que aclaren, reflejen y promuevan acciones dirigidas a abordar las desigualdades en las relaciones de género dentro de los espacios escolares, teniendo en cuenta la capacidad de socialización y emancipación de estos lugares. Además, este estudio anhelado contribuir a fructíferas reflexiones académicas y escolares sobre el tema.

Palabras clave: género; escuela básica salud emocional; Roles de género.

Introdução

Construímos a proposta desta pesquisa a partir da trajetória de 7 anos de trabalho, de um dos dois autores, em uma escola básica da cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho está situado na intercessão de temas de grande relevância no cenário social atual: gênero, saúde e educação. Nestes termos, esta investigação se configurou e se legitimou na tentativa de colaborar com o debate acadêmico atual.

No pós-guerra, em 1946, a Organização Mundial de Saúde- OMS- estabeleceu como 'saúde' o completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou incapacidade num organismo específico. Debruçados sobre este conceito, nos deparamos com as questões de gênero e seu impacto na vida das pessoas. Ao observarmos a história da humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e no caso destas últimas, devido a construções sociais e processos históricos, foi reservado um papel hierárquico inferior ao masculino. Desse modo, foram utilizadas abordagens biológicas, psicológicas, sociológicas, culturais e religiosas para fundamentar a argumentação da subjugada identidade feminina como algo intrínseco a qualquer integrante deste gênero. E o exercício desta supremacia ocorre, na maioria das vezes, tacitamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a submissão feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres, como afirmam pensadores como Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e vários outros. Esses processos tendem a se multiplicar no cotidiano social, inclusive nas instituições educacionais.

No âmbito da escola onde esta pesquisa se desenvolveu, observamos que no decorrer dos anos, diversos funcionários passaram a apresentar distúrbios psíquicos. No entanto, ao direcionarmos o olhar sobre a questão de forma mais minuciosa, percebemos que muitos casos de problemas emocionais desenvolvidos naquele espaço eram correlatos a funcionárias do gênero feminino. É certo que a escola está inserida em uma realidade conflituosa, onde disputas armadas pelo domínio do território são travadas constantemente entre traficantes e policiais. O colégio localiza-se em uma das comunidades com o mais alto índice de violência e vulnerabilidade social do Rio de Janeiro, sendo esta por si só, uma condição bastante propícia ao desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Entretanto, não cremos que a incidência desses tipos de moléstias sejam um fato somente atribuível ao ambiente socioespacial em que a escola se insere. Em nosso ponto de vista, a dinâmica das relações de gênero dentro da instituição, pode ter uma significativa influência nesse quadro de mal-estar.

Portanto, é a partir desta observação do vivido, que nasce a pergunta da pesquisa: de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito de uma escola básica do Rio de Janeiro? Cremos que a escola possa ser um espaço de reprodução e naturalização da submissão, que se manifesta, sistematicamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a subalternização feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres. Essa dominação tem prejudicado significativamente a saúde emocional feminina no referido colégio.

Sendo assim, o empreendimento desse estudo busca analisar como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional de mulheres e homens atuantes no âmbito da escola. Em específico, o trabalho mira os seguintes objetivos: (1) Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de *stress* do/na escola e (2) Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano desta unidade escolar. Nesse sentido, procuramos refletir, sob a ótica da pesquisa social, acerca de um quadro que acreditamos estar sendo vivenciado na escola básica.

Contextualização teórica

Este trabalho está assentado sobre três grandes conceitos: Saúde, Gênero e Gênero/Educação. Discorreremos abaixo sobre as principais concepções de 'saúde' e 'doença' ao longo da história, propondo por fim, uma reflexão sobre o debate vigorado a partir da designação de 'saúde' pela Organização Mundial de Saúde- OMS, em 1946. Autores como Moacyr Scliar (2007), Naomar Filho (2000; 2011) e Georges Canguilhem (2009), serão utilizados para discutir essas transformações históricas. Em segundo, serão apresentadas as principais ideias acerca de gênero e suas implicações na divisão social do trabalho. Para este momento, serão utilizados autores como Simone de Beauvoir (1960), Pierre Bourdieu (2017; 2011), Jussara Brito (2005), Althusser (1985), Kergoat (2012). Por fim, trataremos do papel dicotômico da escola enquanto instituição socializadora e emancipatória, além de sua fundamental participação e contribuição para o debate sobre promoção de saúde a partir de questões de gênero. Para tanto, serão utilizados autores como Paulo Pires de Queiroz (2018) e Guacira Lopes Louro (2008).

Saúde e suas concepções

A noção de saúde ganhou inúmeras configurações ao longo dos anos. Historicamente, adquiriu significados diferenciados de acordo com a cultura e costumes de determinados povos. Fatores como economia, religião, classe, dentre outros, possuíam grande relevância na designação destes termos em cada sociedade. No passado, refletir sobre saúde era apenas considerar o aspecto físico do indivíduo, e as possíveis doenças que o acometeriam neste âmbito. Com o passar dos séculos, as contribuições de inúmeros campos de saber, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, trouxeram uma nova perspectiva sobre estas terminologias. O conceito de doença sofreu forte influência cultural e religiosa ao longo do tempo. 'Estar enfermo' representava o castigo divino por algum pecado cometido. Este dogma religioso é partilhado por inúmeras crenças, como ressalta SCLIAR (2007, p. 32) ao discorrer sobre a atividade dos xamãs em sociedades tribais. Este líder religioso era responsável- dentre outras coisas- pela expulsão de maus espíritos, que se apoderavam das pessoas, causando doenças. Outras conjunturas religiosas como o judaísmo e o cristianismo, partilhavam das mesmas crenças. O adoecimento sempre esteve relacionado à noção de pecado e de descontentamento divino. As moléstias corpóreas eram resultado do castigo de Deus por algum erro cometido. Na Grécia antiga, a questão religiosa também exercia forte influência sobre os processos de adoecimento e cura. Inúmeros deuses estavam diretamente relacionados ao reestabelecimento da saúde. Apesar de considerarem fortemente o âmbito religioso no tratamento de doenças, os gregos utilizavam métodos naturais no combate de moléstias, através da terapia com plantas. Este fato, pode ser considerado um avanço que possibilitou novas aberturas de tratamentos, *a posteriori*.

A concepção de saúde e doença seguiu caminho paralelo no oriente, pois acreditava-se que os seres humanos eram dotados de energias, e que estas, precisavam estar em harmonia para que o corpo estivesse saudável. O desequilíbrio destas forças caracterizava a doença (SCLIAR, 2007). Nos anos aproximados de 460-377 a.C., a partir das pesquisas realizadas por Hipócrates a noção de doença foi ganhando nova configuração, passando a ser entendida como um desequilíbrio das funções do corpo. O organismo humano era enxergado como uma estrutura harmônica e fluida, e as mazelas eram o desregramento desta fluidez. Vêm dos estudos hipocráticos as primeiras referências ao meio externo como influenciador da saúde dos indivíduos, ao considerar que fatores ambientais poderiam incidir diretamente sobre o processo de adoecimento do corpo.

Ao longo dos séculos nenhum conceito sobre saúde universalmente aceito havia sido concebido. Somente após a segunda guerra mundial e a criação da Organização das Nações Unidas- ONU, e da OMS, é que saúde passou a ser designada como "o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade" (SCLYAR, 2007, p. 37; ALMEIDA FILHO, 2000). Neste mesmo período, estabeleceu-se que era do Estado a obrigação da promoção e proteção à saúde. Desde então, inúmeros debates têm sido travados sobre a inalcançabilidade desta designação. Nenhum organismo estaria em pleno estado de saúde, levando-se em conta a instabilidade das variantes internas e principalmente externas, que podem influir sobre estes. Para Canguilhem (2009), esta

variabilidade de condições torna impossível o estabelecimento de um limite coletivo entre o normal e o patológico. O extremo entre estes, deve levar em conta as condições individuais de funcionamento biológico e emocional, pois o que é tolerável para uma estrutura, não necessariamente será para uma outra. Contudo, saúde perpassa pelo aumento da capacidade de resistência e adaptação ao meio, como afirma o autor (CANGUILHEM, 2009, p. 78):

A saúde é um conjunto de seguranças e seguros (o que os alemães chamavam de *Sicherungen*), seguranças no presente e seguros para prevenir o futuro. Assim como há um seguro psicológico que não representa presunção, há um seguro biológico que não representa excesso, e que é saúde. A saúde é um guia regulador das possibilidades de reação. A vida está, habitualmente, aquém de suas possibilidades, porém, se necessário, mostra-se superior à sua capacidade presumida. Isso é patente nas reações de defesa do tipo inflamatório. Se a luta contra a infecção obtivesse vitória imediata, não haveria inflamação. Se as defesas orgânicas fossem imediatamente forçadas, também não haveria inflamação. Se há inflamação é porque a defesa antiinfecciosa é, ao mesmo tempo, surpreendida e mobilizada. Estar em boa saúde é poder cair doente e se recuperar, é um luxo biológico.

Neste contexto, podemos refletir também sobre os processos de saúde no trabalho ao pensarmos o conceito de Ergonomia da Atividade, que se designa pela *capacidade de adaptação e superação- por homens e mulheres- das condições adversas no ambiente de trabalho* (BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p. 318).

Nestes termos, podemos compreender a importância do incentivo desta qualidade nos trabalhadores/as. A Ergonomia da Atividade é de fundamental importância no processo de promoção de saúde no trabalho e no espaço escolar. Além de contribuir com o amadurecimento emocional e profissional, como citado por Tóquio, auxilia no desenvolvimento de um ambiente escolar mais harmônico, enquanto que o engessamento das atividades desenvolvidas no espaço de trabalho produz um ambiente opressor e adoecedor, pois não há espaço para se pensar estratégias que ajudem a dirimir as situações adversas. Neste contexto estrutural rígido, somam-se funções não prescritas ao/a profissional, pois independentemente de estarem institucionalizadas, as situações adversas existem e exigem uma resolução, uma intervenção deste profissional, o que acaba por sobrecarregá-lo, contribuindo com o seu processo de adoecimento.

O termo saúde não pode ser pensado levando em conta apenas a concepção biológica. As influências internas e externas devem ser consideradas. Como afirmado por todos/as os/as entrevistados/as, ao serem questionados se considerariam como 'saúdável' alguém que estivesse bem fisicamente, mas não emocionalmente. O conceito de saúde deve ser entendido de forma holística, de modo a refletir sobre possíveis ajustes nos mais diversos âmbitos que melhorem as condições de vida dos sujeitos (FILHO, 2011). Portanto, diante de todo o debate estabelecido em torno da designação de saúde da OMS, é que o penso como um horizonte a ser alcançado. Algo que se possa comparar ao crepúsculo visto à beira mar, de modo a estabelecer um norte, uma direção, sem necessariamente que se chegue a ela, mas que a tenha como parâmetro, como alvo, como uma meta ser alcançada (SCLYAR, 2007).

Gênero

Na atualidade, muitas discussões têm sido travadas em torno do conceito de gênero. Termos como ideologia e identidade têm ganhado espaço em debates sobre garantia de direitos, de liberdade, igualdade e equidade. Muitas distorções têm sido divulgadas através das grandes mídias, por vezes com o intuito de calar o debate impedindo avanços na área preservando assim, a hegemonia masculina.

No imaginário popular há uma confusa noção sobre o significado do termo 'gênero' e seu influxo sobre a vida privada das pessoas. Neste contexto, a palavra está apenas relacionada à questão homossexual e às mudanças de identidade. Contudo, o conceito de gênero está atrelado aos papéis sociais diferenciados que são atribuídos a homens e mulheres, e podem impactar a saúde de ambos diversamente. Mecanismos de poder simbólico que regem, legitimam e representam as relações sociais tendem a conferir ao

campo masculino, as posições e as recompensas características da autoridade, da liderança, da atividade e da criatividade (Bourdieu, 2017; Kergoat, 2009). Sobre as mulheres pesariam os papéis da subalternidade e da passividade, nos espaços doméstico e público.

Em décadas passadas, alguns campos científicos, como a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, já se ocupavam das prerrogativas relacionadas ao tema. Nos anos 60, ao lançar a segunda edição da obra 'O Segundo Sexo: a experiência vivida', a filósofa Simone de Beauvoir (1960a) coloca em voga temas de grande relevância social como patriarcalismo, alteridade, minorias ideológicas, dentre outros. Ela problematiza a experiência de gênero, através da frase "*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*" (1960b, p.9). Na crítica da autora, as características biológicas e físicas, típicas do sexo feminino não são determinantes para sua designação neste grupo, mas sim, o papel atribuído na coletividade- o gênero. A sociedade imbuída de preceitos patriarcais designa parâmetros sobre o que é "aceitável" e "não aceitável" para o papel instituído para a mulher. Aquelas que não se enquadram neste modelo estabelecido socialmente, são excluídas, desrespeitadas e por vezes violadas. O aparelho sexual feminino não é o suficiente para designá-las enquanto fêmeas, mas sim, e muito mais, o comportamento preestabelecido socialmente. Sabemos que o campo de debate sobre o tema se expandiu, e a frase da filósofa ganhou novas e importantes interpretações na discussão acerca da diversidade de identidades. Contudo, não podemos deixar de lado as significativas contribuições suscitadas a partir de sua perspectiva inicial. A construção da feminilidade estaria diretamente relacionada ao papel social designado à mulher, e não correlato às características biológicas.

Em sua reflexão, Beauvoir (1960a) suscita o conceito de alteridade, no qual a figura masculina assume o papel de dominação, do ser essencial, do Um; enquanto ao feminino sobra a função de inessencial, de subserviência, do Outro. A autora afirma:

Ela [a mulher] não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1960a, p. 10)

A mulher estaria para o homem, como um objeto de dominação, existindo para o sexo. Seu corpo como instrumento de domínio, 'coisa' a ser empossada. Bourdieu, em sua análise sobre a dominação masculina, contesta a naturalização e a perpetuação destas condições de existência, considerando-as intoleráveis e inaceitáveis. Para ele, a soberania do homem se fundamenta no processo de violência simbólica, suave e invisível às próprias vítimas, que perpassa por gerações através de uma "*extraordinariamente ordinária relação social*" (BOURDIEU, 2017, p. 12). O poder simbólico exercido nas relações de dominação é aquele que se estabelece na ignorância de sua existência, contando com a cumplicidade insipiente dos que lhe estão sujeitos e dos que o exercem. Nas relações de gênero, o masculino sobrepõe-se ao feminino através desta vinculação imperceptível, o que de acordo com a visão marxista, está a desempenhar uma função política, fazendo com que os interesses de uma classe se justaponham à outra, tornando questões particulares, universais (BOURDIEU, 1989). As relações de classe se configuram, portanto, como o arcabouço onde toda a dinâmica de sujeição de um gênero para com o outro, se constitui.

Assim como Beauvoir (1970), Bourdieu evocou a construção social dos corpos, ressaltando que através de mecanismos naturalizantes e legitimantes, o masculino se superpõe ao feminino. O conceito de virilidade está diretamente associado com o "*vir, virtus, questão de honra, princípio da conservação e do aumento da honra*" (BOURDIEU, 2017, p. 25), e relaciona-se com a apropriação do corpo feminino, com a potência sexual- naturalizadas como características que tornam o homem, um "homem real". Os órgãos sexuais, femininos e masculinos, não são enxergados em um mecanismo de complementariedade, mas sim, de modo dicotômico, onde o primeiro é visto como vazio, maléfico, nefasto e o inverso do segundo. De acordo com a construção social dos gêneros, o masculino se sobrepõe ao feminino, se apodera dele e o domina. Nesta relação hegemônica, a violência contra o corpo feminino se justifica, já que este último existe a partir daquele, e para seu completo desfrute. A mulher é objetificada, coisificada, a posse de si mesma lhe é negada. Existe para

servir e ser possuída pelo outro. Na dinâmica capitalista, a ela cabe o papel de reprodutora, de cuidadora, de serva, enquanto a ele, o de produtor, de dominador.

A saúde feminina pode, pois, ser resultante da contínua naturalização, por meio de práticas e imaginários sociais, de uma suposta “inferioridade” inerente à mulher e é importante problematizar como essa cadeia de fenômenos se processa na instituição escolar.

Gênero e Trabalho: A Divisão Sexual do Trabalho

Reproduzir as condições de produção é quase tão importante quanto produzir (MARX apud ALTHUSSER, 1985). Garantir a subsistência da dinâmica capitalista é quase tão importante quanto a aquisição de lucro. Neste âmbito, as relações de gênero exercem papel primordial ao estabelecerem estereótipos para homens e mulheres que permitam que a estrutura de classes subsista. É fato que esta divisão de papéis não se dá exclusivamente no capitalismo, ganhando diferentes configurações em cada tecido social, contudo neste sistema, exerce posição basilar na manutenção do poder. A divisão sexual do trabalho existe em função das relações sociais de sexo. Os princípios organizadores desta, são a separação e a hierarquização. No primeiro, encontra-se incutido o valor estrutural de que homens e mulheres devem ocupar posições distintas nas relações de trabalho, em funções que sejam mais adequadas às suas “destinações biológicas”. O segundo estabelece uma hierarquia “natural” entre homens e mulheres, que acaba por refletir no campo do trabalho. Deste modo, se dá a institucionalização desses princípios.

A ideologia naturalista é o cerne deste processo. Nesta, o gênero é entendido como uma designação biológica e não uma construção social. Nessa ótica, o destino “natural” do feminino seria o cuidar, o servir, o reproduzir, sem a possibilidade de rompimento com estas funções, considerando apenas algumas modificações. Já as atividades masculinas estariam vinculadas à produção, à questões políticas, religiosas, militares e etc. Sempre relacionando-se à potência e ao domínio (KERGOAT, 2009). Nessa lógica, ao masculino estaria reservado o papel de liderança, de chefia, enquanto que ao feminino, o de assessoria, de suporte. Na esfera profissional, é corriqueiro encontrarmos uma incidência maior de mulheres em carreiras na área da educação, da enfermagem, e até telemarketing. Estes campos estariam relacionados diretamente ao “papel biológico da mulher”, como afirma Kergoat (apud BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p. 321):

Ou seja, a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se dava em profissões que tinham (ou que passaram a ter) características similares às da esfera doméstica. Evidencia-se, assim, a condição sexuada do mercado de trabalho no qual as características consideradas próprias da “natureza feminina” são desqualificadas simbólica e economicamente a partir da concepção de que expressam apenas “qualidades” femininas (KERGOAT, 1986).

As carreiras mencionadas vinculam-se respectivamente ao cuidado materno, ao servir o/a outro/a e à docilidade e paciência para ouvir e resolver problemas- todas características consideradas inatas às mulheres. No âmbito escolar, há uma distinção na cobrança sobre professoras e professores. Exige-se que elas tenham um melhor desempenho no trabalho, além de um exímio “domínio de turma”. Na ideologia naturalista, este fato pode ser explicado através da questão maternal, já que as professoras- por serem mulheres- estariam mais preparadas para lidar com o processo educacional e disciplinar dos/as alunos/as. A estrutura socializadora influi diretamente sobre como a mulher deve ser enxergada e quais incumbências estariam direcionadas a ela. Este mecanismo abre margem para possíveis violências e assédios nos ambientes público e privado, pois o enquadramento do feminino ao papel designado socialmente é de fundamental importância na manutenção e desenvolvimento da engrenagem capitalista.

A ausência da figura masculina no cuidado econômico e emocional da família, e a sobrecarga sobre a figura feminina é uma realidade amplamente debatida. Sobre as mulheres, inúmeras vezes, recai o sustento e manutenção- em todas as esferas- da estrutura doméstica. A falta de reconhecimento desta última atuação, enquanto atividade de trabalho vem sendo discutida há algumas décadas por inúmeros campos de saber. A associação das atividades que acontecem no lar às “qualidades inatas da mulher” impossibilita sua chancela enquanto labor, e por conseguinte, como fator a ser considerado nos processos de adoecimento das trabalhadoras. Contudo, estudos demonstram a

influência do trabalho doméstico como fator relevante a ser considerado no processo de adoecimento emocional feminino.

Gênero/Educação: o papel da escola

A sociedade capitalista, para atender aos interesses da classe dominante, estabelece e normatiza comportamentos para os sexos. Ela dita o que seria “apropriado” para homens e mulheres e se utiliza de instituições como igreja, escola, família para alcançar seu propósito.

Na sociologia da educação, diversos autores refletem sobre os processos de manutenção do poder e reprodução das desigualdades sociais através da escola. Esta, deveria existir como um mecanismo de emancipação do indivíduo, possibilitando sua ascensão social e intelectual. Entretanto, através de um sistema complexo de exclusão, as classes privilegiadas perpetuam seu domínio, utilizando-se também das relações de gênero, como modo de estabelecer a hegemonia do masculino, através da vinculação imperceptível no processo de violência simbólica solidificado pelo sistema escolar e demais instituições sociais. Conforme afirma Louro (2008, p. 20):

A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais.

Entretanto, apesar de sua utilização como instrumento de aprisionamento e ‘docilização’, a escola preserva ainda, sua capacidade de resistência. Ao evocarmos teorias como a educação multicultural, fornecemos o aporte para que esta “nova” escola seja estruturada. Pensar uma educação multicultural é pensar uma escola onde as diferenças não apenas coexistem, mas onde são necessárias para a construção de espaços de inclusão. Esta escola, objetiva fortalecer a comunidade, oportunizando a exploração das diferenças, de modo que a diversidade do cotidiano escolar se desenvolva de forma segura e protegida. Alunos e alunas devem encontrar um espaço propício para o reconhecimento e aceitação das diferenças, de modo a contribuir com a desconstrução de arquétipos, e com a interação e compreensão das especificidades do sexo oposto (QUEIROZ, 2018). Na multiculturalidade, o valor máximo a ser pensado é o da igualdade. Todos e todas possuem os mesmos direitos e se reconhecem enquanto cidadãos e cidadãs. As diferenças são a base para a construção da escola inclusiva, que *a posteriori*, contribuirá para a formação de um corpo social mais equânime e cooperativo.

A escola deve ser enxergada de modo distinto, como um mecanismo conscientizador de seus agentes – alunos, professores, comunidade escolar – para a construção de uma sociedade distinta e mais igualitária, possibilitando uma real transformação na vida de todos. A questão está para além do êxito escolar do aluno, mas se trata de uma intervenção no mundo, e principalmente, da participação do coletivo na elaboração de uma realidade equânime, onde todos e todas possam ser respeitados e respeitadas em suas diferenças, contribuindo assim com a edificação de uma sociedade onde a diversidade torne-se mais a norma do que a exceção (QUEIROZ, 2018).

Metodologia da Pesquisa

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (1993), as estruturas sociais são ações objetivadas na medida em que os sujeitos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade as suas ações construindo em conjunto com o investigador o trabalho intelectual. Sendo o objeto de estudo das Ciências Sociais, a realidade social, a dinâmica que rege a vida em coletivo e as riquezas de significados que dela emergem, Minayo levanta três importantes questões a respeito da pesquisa social. A primeira delas é a possibilidade de que o investigador trate de uma realidade na qual está inserido; a segunda, até que ponto a objetivação das ciências naturais não prejudica a subjetividade das questões sociais; e a terceira, qual método seria mais adequado para estudar a diversidade humana em toda a sua magnitude. Consideramos possível problematizar, como objeto de análise social, o espaço laboral de um dos pesquisadores, embora entendamos que, em alguma medida, a

subjetividade possa interferir no processo educativo. Por considerarmos a importância da subjetividade e dos significados das ações humanas é que esta pesquisa se centrou principalmente no método qualitativo em seu desenvolvimento, entretanto a utilização do método quantitativo não foi descartada.

...se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais "ecológicos" e "concretos" e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa. (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247)

Ambas as abordagens desenvolvem uma relação de complementariedade. O estudo qualitativo pode apresentar questões relevantes que necessitem de aprofundamento pelo quantitativo, e o mesmo ocorre no caso contrário. A completividade dos métodos acarreta ganhos significativos à pesquisa, pois a mutualidade pode funcionar tanto como mecanismo amplificador de discussões como instrumento potencializador das descobertas científicas (DIONÍSIO; QUEIROZ, 2019).

Campo da pesquisa

A pesquisa foi empreendida em uma escola básica do Rio de Janeiro, inserida em um dos maiores complexos de favelas da cidade- Complexo da Pedreira- no bairro Pavuna. A área possui alto índice de violência, miserabilidade e criminalidade, sendo escassamente assistida pelo poder público. Levando em consideração a realidade descrita, optamos por empreender um estudo de caso, tendo presente que essa metodologia consiste na abordagem de uma questão social por meio de uma visão aprofundada das estruturas, relações, atores, funções e imaginários vigentes numa dada realidade empírica.

Ao analisarmos superficialmente o contexto onde a unidade escolar está inserida, poderíamos supor que os fatos apresentados acima seriam suficientes para explicar o desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Contudo, através da atividade laborativa de um dos pesquisadores, pudemos observar mais cuidadosamente o relato de professoras e funcionárias, e as constantes queixas quanto ao tratamento dispensado a elas pela gestão da escola. Através de uma apreciação mais detalhada, expandida por meio desta pesquisa, observamos que o desenvolvimento de comorbidades psíquicas eram mais comuns entre as mulheres da escola, enquanto que para os homens, não havia relatos. A pressão e cobrança que recebiam no ambiente de trabalho foi apontada por muitas delas como o fator desencadeador dos problemas emocionais.

Em razão de outra possibilidade, que não a violência do entorno, como justificativa para o alto índice de distúrbios psíquicos entre funcionárias do gênero feminino na escola é que consideramos mais adequada, *a priori*, a coleta de dados através do instrumento metodológico descrito no subtítulo 'Instrumentos da Pesquisa'.

Sujeitos da Pesquisa

De um conjunto de 14 funcionários/as, 16 professores/as- incluindo equipe de direção, e 357 alunos/as, buscou-se selecionar sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros, por considerarmos que o tema deste trabalho tenha interferência direta na vivência de todos/as os/as que estão compreendidos/as no contexto da Unidade Escolar. Buscamos identificar através de rodas de conversa, análise documental, observação em campo e entrevistas semiestruturadas, de que modo às questões de gênero interferem nos índices de cuidado e no gerenciamento de *stress*, além de tentar compreender como estão estabelecidas as relações de gênero no cotidiano da escola. Foram usados nomes de cidades como codinomes para os funcionários e professores da escola, no intuito do resguardo de suas identidades.

Table 2. Caracterização dos participantes

Sujeitos da Pesquisa	Sexo Biológico	Idade	Formação	Função	Anos de trabalho/ estudo na escola
Tóquio	Feminino	50	Nível Superior	Professora	6 anos
Nairóbi	Feminino	38	Nível Superior	Professora	6 anos
Rio de Janeiro	Masculino	38	Ensino Médio	Funcionário	6 anos e 6 meses
Moscou	Masculino	60	Nível Superior	Professor	29 anos
Denver ³⁹	Masculino	39	Nível superior + Pós-graduação	Coordenador Pedagógico	3 anos e meio
Londres ⁴⁰	Masculino	29	Nível superior + Pós-graduação	Diretor Geral	2 anos
Helsinque	Masculino	42	Nível superior + Pós-graduação	Professor	2 anos
Paris	Feminino	44	Ensino Fundamental	Funcionária	5 anos
Lisboa	Feminino	13	Ensino Fundamental em curso	Aluna	3 anos
Barcelona	Masculino	14	Ensino Fundamental em curso	Aluno	3 anos

Como observado no quadro, procurou-se um equilíbrio mínimo entre o quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa, exceto quanto à equipe de direção, por ser exclusivamente formada por homens. Deste modo foi possível identificar os impactos das questões de gênero, saúde e da forma de gestão, sobre ambos os sexos. Cabe ressaltar que

³⁹ Membro da equipe de direção da escola.

⁴⁰ Membro da equipe de direção da escola.

no início do ano de 2018, uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina, o que acarretou mudanças significativas no ambiente da escola. As equipes de direção da escola são formadas por 3 membros- diretor/a geral, diretor/a adjunto/a e coordenador/a pedagógico/a. Em 2019, uma nova alteração ocorreu na equipe de gestores. O cargo de direção adjunta foi ocupado por uma mulher. Uma professora externa, amiga do diretor geral. Esta configuração trouxe novas mudanças e perspectivas na escola, que serão melhor especificadas abaixo.

Instrumentos da Pesquisa

O instrumento metodológico utilizado para coleta e análise foi a triangulação de dados. Este consiste em uma divisão de interesses em três etapas (TRIVIÑOS, 1987 apud NEVES, 2014, p. 58):

1. Processos e Produtos centrados no sujeito- Ideias, percepções e comportamentos dos sujeitos de pesquisa e demais percepções registradas pelo pesquisador através de entrevistas, pesquisas, pesquisas, questionários, análise documental e observações em campo.

2. Elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade- documentos oficiais, estatísticos e fotográficos que regulam o comportamento dos sujeitos dentro de instituições, organizações e em grupos determinados.

3. Processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito- termos de atuação dos sujeitos sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade (MINAYO, 2010 apud MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203-204).

A triangulação de dados permite a utilização de três técnicas para coleta que possibilitam ao pesquisador ampliar o universo informacional que circunda seu objeto de pesquisa, através da combinação de múltiplos pontos de vista tanto no método quantitativo quanto no qualitativo (MINAYO, 2010 apud MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203). Em vista do exposto, pretendemos reunir informações a partir de oficinas pedagógicas, de entrevistas semiestruturadas, da leitura do livro de ocorrências da unidade escolar, além do embasamento teórico que trará suporte a todo o trabalho. Ademais, foram realizadas observações do cotidiano escolar, com registro em diário de campo. Essa pluralidade de referências permitiu uma análise profícua das relações entre gênero e saúde emocional no colégio, face aos objetivos da pesquisa.

Oficinas Pedagógicas

A participação dos sujeitos da pesquisa foi iniciada através de oficinas pedagógicas. Nosso intuito era identificar as vivências pessoais dos participantes com questões de gênero para a partir delas, abrir campo para pensar as interações sociais no âmbito da escola, e por último, refletir sobre o potencial atribuído a esta enquanto mecanismo capaz de dirimir as desigualdades de gênero e provocar mudanças no tecido social. Através desta estratégia metodológica, foi possível identificar uma enorme confusão de designações sobre o conceito de gênero e sua influência na vida das pessoas como um todo. Percebemos que no imaginário dos participantes, a questão se resumia ao quadro homossexual. Foram reproduzidos alguns vídeos durante os encontros, que explicavam o conceito. Após as exposições, era iniciado um debate com o grupo. No primeiro encontro, o professor Moscou afirmou que não sabia que gênero se tratava dos papéis sociais instituídos para homens e mulheres. Que configurado dessa forma, acreditava ser a discussão pertinente. Anteriormente, este mesmo professor havia demonstrado certa resistência em participar da pesquisa. Ao ser convidado, expressou que participaria em consideração à pesquisadora que trabalhava na escola, mas que não concordava com a temática. Neste momento, lhe foi perguntado o que acreditava ser gênero e ele respondeu que era "a questão homossexual", e não achava certo que o assunto fosse tratado na escola.

Foi bastante desafiador tratar da definição correta do conceito de gênero, ao longo dos encontros. Principalmente os homens do grupo, tinham grande dificuldade em compreender a questão. As definições que permeiam o imaginário popular, amplamente difundidas pela mídia, criaram obstáculos significativos ao processo.

Análise e registro em diário de campo

Estivemos muito atentos às relações interpessoais no ambiente da escola. Pudemos notar que os funcionários/as e professores/as eram bastante unidos. Como um dos pesquisadores fazia parte do quadro de funcionários/as da escola, tivemos acesso a informações privilegiadas que um/a pesquisador/a de fora não teria. As pessoas não se intimidavam com nossa presença ao falarem aberta e livremente sobre suas insatisfações e queixas.

Inúmeras comparações foram feitas entre as duas equipes de direção- a feminina e a masculina. Professores/as e funcionários/as afirmavam terem passado por maus momentos com a antiga direção. Situações de assédio moral, gritos, xingamentos e até empurrões foram relatadas. Expuseram que as mulheres da escola eram mais perseguidas, enquanto que os homens eram protegidos. Abertamente, os homens justificavam o resguardo, com a seguinte frase: "nós temos o que elas não têm" - fazendo referência ao órgão sexual masculino, e ao fato da equipe de direção da escola até então, ser exclusivamente feminina. Num geral, tanto homens, quanto mulheres gostavam da direção que sucedeu a referida acima. Ressaltando que esta última era composta por homens. Os/as funcionários/as e professores/as narraram algumas falhas de gestão na equipe masculina que foram justificadas logo após, como inexperiência, pois se tratava da primeira vez que esta assumia função de chefia. De acordo com os relatos, havia uma intensa cobrança sobre vários/as funcionários/as e professores/as da escola, por parte da equipe feminina. Eles/as ressaltaram ser este um fator decisivo no processo de adoecimento físico e emocional da equipe escolar.

No início deste ano, com a saída do diretor adjunto da equipe, houve grande tensão, quanto à vinda de uma mulher para a equipe. As mulheres principalmente, receavam que uma presença feminina na equipe de direção pudesse gerar novas perseguições à elas. Quando questionamos o porquê deste temor, algumas foram enfáticas ao dizer: "mulheres disputam". O diretor geral afirmou que a referida era "feminista e de esquerda", e por esta razão acreditava que situação semelhante não voltaria a ocorrer. Por fim, a sugestão foi acatada e a nova diretora adjunta assumiu o cargo. Até o momento, a nova integrante da equipe está sendo intensamente elogiada por todos/as. Palavras com "equilibrada", "humana", "calma" são utilizadas para designá-la.

Coleta Documental

Foram coletados dados documentais que regulam o funcionamento do campo e estabelecem parâmetros para as relações interpessoais. Realizamos um levantamento no registro de ponto dos funcionários dos anos de 2017 e 2018, último ano da gestão das mulheres e primeiro da direção masculina, na busca de identificar correlações com os depoimentos. Observou-se uma queda no quantitativo de licenças médicas para tratamento psiquiátrico e psicológico que fossem superiores a 1 semana. No ano de 2017, as licenciadas nestas mesmas condições eram exclusivamente mulheres, não havendo nenhum caso masculino. No ano de 2018 nenhum funcionário/a ou professor/a deu entrada com processo de licença para tratamento de tais morbidades.

Entrevistas Semiestruturadas

Esta foi a última etapa de coleta de dados. Todos/as os/as participantes da pesquisa foram entrevistados individualmente, exceto Nairóbi e Tóquio que permaneceram durante a entrevista uma da outra. O roteiro de entrevista foi dividido em quatro blocos:

1. Bloco A- Pessoal (idade, escolaridade e etc.);
2. Bloco B- Saúde;
3. Bloco C- Gênero;

4. Bloco D- Gênero e escola.

Os participantes possuíam diferentes idades, escolaridades e vivências. Dos 10 entrevistados, 7 já haviam sido acometidos por morbidades psíquicas. 6 desses 7 haviam sido diagnosticados por médicos especializados. Todos/as os/as participantes possuíam pessoas próximas que já haviam desenvolvido problemas emocionais, bem como, todos/as acreditavam que o conceito de saúde abarcava tanto a questão biológica, quanto a emocional. Respostas confusas foram dadas, ao serem questionados/as sobre o que entendiam por gênero, e alguns/mas não souberam definir o que seria violência de gênero. Observamos grande dificuldade na compreensão de como questões de gênero poderiam influir sobre suas vidas. Quando questionados/as, vários/as afirmaram que não acreditavam sofrer esta influência, e constantemente narravam histórias de amigos/as e parentes homossexuais que haviam sofrido violência. Todos/as relataram que não viam promoção de ações na escola que fomentasse à equidade de gênero no ambiente escolar. Afirmaram que o assunto deveria ser tratado nas escolas, não como algo pontual, mas como temática da rede ensino do Rio de Janeiro, devido a importância do tema. Nas entrevistas com os membros de direção, foi ressaltada a falta de conhecimento na área como um mecanismo que dificulta a promoção de ações sobre o assunto no âmbito da escola. Tanto o coordenador pedagógico, quanto o diretor geral afirmaram que a sobrecarga de demandas da escola somava ao processo de paralisação na promoção de ações que impulsionassem a reflexão e o debate sobre o tema.

Resultados

Considerando o exposto, a princípio atentamo-nos à possibilidade de identificar, as possíveis interferências de gênero no âmbito da escola. Esta influência foi percebida através dos dados coletados, que ajudaram a descrever as relações interpessoais e o comportamento das equipes de direção com relação a homens e mulheres.

A cobrança, tão relatada em torno das mulheres da escola, pode ser justificada através de processos como o da ideologia naturalista, citada anteriormente. O reconhecimento da atividade masculina em detrimento da feminina estaria justificado através de processos de alteridade e poder simbólico. A exaltação das funções masculinas nos cargos de chefia, nos conduzem a refletir sobre o papel social atribuído aos homens: o de protetor, de provedor, de liderança. Diante dessa realidade conjecturamos que, construções culturais/sociais de gênero- papéis estabelecidos socialmente para homens e mulheres- e o poder simbólico que cerceia tais relações, estariam por influenciar diretamente o comportamento desta e nesta comunidade escolar.

Com relação às mulheres da antiga gestão, podemos refletir sobre os processos de condicionamento históricos, que fazem com que as mesmas não se enxerguem enquanto classe, e por conseguinte, lutem por melhorias nas condições de trabalho e vida como um todo. Elas passam a se identificar com seus opressores através de laços invisíveis que não podem ser comparados à quaisquer outros (BEAUVOIR, 1960a). Foram condicionadas a não se identificarem enquanto grupo por uma estrutura social coercitiva, uma cultura hegemônica. Foram ensinadas à assumirem posturas opressoras e de rechaço com relação às outras, o que acaba por garantir que a estrutura de domínio e poder sobre elas se solidifique. Neste sentido, em quaisquer posições hierárquicas que as mulheres ocupem, há uma forte incidência das questões de gênero. Como pontuado através dos dados coletados, a ingerência deste papel social atribuído, produz efeitos significativos sobre a saúde, contribuindo com o processo de adoecimento feminino no campo da educação.

Conclusões

Gênero está diretamente relacionado à estrutura social e à relações hegemônicas que se perpetuam através de mecanismos socializadores, dentre os quais encontra-se a escola. Ao pensarmos sobre os diversos âmbitos da vida abrangidos pelo conceito de saúde, não podemos ignorar o aspecto social, no qual gênero incide diretamente. Pensar em relações sociais de sexo é refletir como as interações entre homens e mulheres se estabelecem, e suas

possíveis consequências sobre a saúde dos sujeitos. Autores diversos discorrem sobre a construção de papéis sociais destinados a homens e mulheres e sua implicação no processo de adoecimento físico e emocional destes/as. No que se refere aos/às participantes da pesquisa, é perceptível esta imbricação, o que nos leva a refletir sobre as potencialidades do campo escolar como fomentador de reflexões sobre a realidade e as desigualdades que estão dadas através da estrutura social.

Não buscamos com isto, determinar que na escola, esteja a solução de todos os entraves sociais estabelecidos. Reconhecemos as incontáveis adversidades enfrentadas pela comunidade escolar cotidianamente. Contudo, evocamos a capacidade libertária da educação e suas potencialidades como criadora de espaços de reflexão sobre as estruturas e os processos sociais, dados como indissolúveis. Ao invés de ser mais uma agência de reprodução social, a escola poderia e deveria assumir um papel democrático e emancipatório, de modo a estimular relações de gênero mais equânimes e plurais, que conseqüentemente, contribuirão com a promoção de saúde em seus mais diversos âmbitos.

Referências

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE)*/ Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – 2ª edição. Edições Graal.
- Almeida Filho, N. de (2000). *A ciência da saúde*. Hucitec.
- Almeida Filho, N. de (2011). *O que é saúde*. Fiocruz.
- Beauvoir, S. (1960 a) *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Europeia do Livro.
- _____(1960 b). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Difusão Europeia do Livro.
- Bourdieu, P. (2017) *A dominação masculina*/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. – 5ª ed. – Best Bolso.
- Bourdieu, P. (2011). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Canguilhem, G. (2009). *O Normal e o Patológico*. Forense Universitária.
- Dionísio, J. S.; Queiroz, P. P. de (2019). *Saúde Emocional: Gênero e Gestão Escolar na Escola Básica*. Atas CIAIQ2019 [online]. V. 1. Disponível em <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2079>>. Acesso em 09-11-2019.
- Durkheim, È. (2007). *Educação e Sociologia*. Edições 70.
- Gioux, H. (1986). *Teoria Crítica e Resistência em Educação*. Para além das teorias de reprodução. Tradução de Ângela Maria B. Biaggio. Vozes.
- _____(1988). *Escola crítica e política cultural*. Cortez.
- Kergoat, D. (2009). *As Relações Sociais de Sexo*. In: *Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo* (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Ed. Unesp (pp.67-75).
- Louro, G. L. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições [online]. 2008, v.19, n.2, p.17-23. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 28-06-2018.
- Marcondes, N. A. V. & BRISOLA, E. M. A. (2014). *Análise por Triangulação de Métodos: Um Referencial para Pesquisas Qualitativas*. Revista Univap.
- Minayo, M. C. de S. (org.)(1993). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Minayo, M. C. De S. & SANCHES, O. (1993). *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* Cad. Saúde Públ. 1993 (pp. 239-262).

Neves, F. H. G. (2014). *Conhecimento, Escola e Cultura/s: Ensino de Sociologia e Educação Intercultural*. Dissertação (Mestrado em Educação)- Departamento de Educação, Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Queiroz, Paulo Pires de (2018). Pensando a inclusão no processo de escolarização de alunos com deficiência. In: QUEIROZ, Paulo Pires de (org.). *Ensino, Saúde e Inclusão: Olhares e Reflexões*. Autografia.

[Scliar, M.](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003) (2007). História do conceito de saúde. *Physis* [online]. Vol.17, n.1 (pp.29-41). ISSN 0103-7331. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>.

Triviños, A. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.